

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Radaí Cleria Felipe Gonçalves

**O SILÊNCIO ELOQUENTE: A GÊNESE DO IMPERIAL INSTITUTO DE SURDOS-
MUDOS NO SÉCULO XIX (1856-1896)**

Paranaíba/MS

2015

Radaí Cleria Felipe Gonçalves

**O SILÊNCIO ELOQUENTE: A GÊNESE DO IMPERIAL INSTITUTO DE SURDOS-
MUDOS NO SÉCULO XIX (1856-1896)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas Educacionais.**

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

Paranaíba/MS

2015

RADAÍ CLERIA FELIPE GONÇALVES

**O SILÊNCIO ELOQUENTE: A GÊNESE DO IMPERIAL INSTITUTO DE SURDOS-
MUDOS NO SÉCULO XIX (1856-1896)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, Linha de Concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (orientador) - UEMS

Prof. Dr. Neimar Machado de Souza- FAIND/ UFGD)

Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti- UEMS

Aos meus queridos e adoráveis pais, José Felipe Neto e Vera Felipe, por terem me ensinado o caminho para trilhar em busca de novos conhecimentos e desafios; estou aprendendo.

Aos meus irmãos Angela, Lizangela, Geziel e Geasí, que sempre me deram forças para realizar essa pesquisa; sem vocês acredito que a fraqueza tomaria conta de mim.

Aos meus amados sobrinhos Any, Felipe e Calebe e a minha sobrinha-neta Ana Lúvia, que nasceu recentemente.

Ao meu esposo Daniel, que me auxiliou e compreendeu minhas ausências, minhas viagens em busca de novos desafios.

Ao meu filho Rhuan, a quem peço perdão por estar perto e longe ao mesmo tempo. Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, que até aqui tem tido um cuidado especial comigo; compreendeu minhas dificuldades; orientou-me com precisão. Quando eu quase esmorecia, ele me estendia a mão; obrigada pelos momentos de “puxões de orelha”, era de forma tão sutil que nem doíam (risos). Lembro-me de que em uma de nossas orientações eu estava na verdade desorientada e ele me disse que era para eu colocar “rodinha nos pés”; em outro momento, ele usou o termo “sangra, mas faz”. Essas palavras serviram de encorajamento para minha vida profissional.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Dr. Neimar Machado de Souza, da Faculdade Intercultural (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolotti, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba; e meu orientador Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba.

Aos professores doutores do Programa de Mestrado da UEMS, que ministraram as disciplinas durante o curso.

À Profa. Dra. Solange Maria da Rocha, diretora do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), por ter me recebido com carinho e pelas enormes contribuições na realização desta pesquisa, e dizer que o material pesquisado pertence ao acervo do INES; à equipe de profissionais que me deu suporte; a Nádia Postigo que me apresentou o INES, do Departamento de Divisão de Estudo e Pesquisa; à Profa. Sylvia Sampaio (*in memoriam*) da Divisão de Cooperação Técnica; ao Valter Valadão, que colaborou na parte artística, como fotógrafo; ao Prof. Alexandre, do Departamento das Políticas Públicas; a Rita de Cássia Nakajima Pinto; à querida Profa. Rosaria Maia; ao Prof. surdo Paulo André, do Departamento de Assessoria da Direção e Ouvidoria; e aos seguranças do INES.

À Profa. Dra. Maria Sílvia Rosa Santana, que muito me incentivou na realização do Mestrado; à Profa. Dra. Lení Aparecida Souto Mizziara, que me deu forças para continuar; à

Profa. Ma. Andréia de Oliveira Lemos, que muitas vezes compartilhei minhas angústias, e ela sempre me animando; à Profa. Ma. Gabriela Massuia Motta, e a todos os professores da UEMS, obrigada!

Ao Prof. Me. Jémerson Quirino de Almeida e Prof. Dr. Isael José Santana, que me auxiliaram com livros e textos, contribuindo com minha pesquisa.

À nossa querida Profa. Irany, secretária do Programa de Mestrado, com carinho a chamo de Iranyzinha, muito prestativa e organizada com nossas documentações, minha eterna professora, muito obrigada!

À Bibliotecária Suzy dos Santos Pereira, pelas contribuições na captura de artigos relacionados a minha pesquisa; grata.

Ao Pastor Leonardo Smolii Lima, que muito me incentivou na realização desta pesquisa; obrigada pelo carinho e apoio a minha ida para Curitiba, pois, sem o seu auxílio, não teria conseguido apresentar meu trabalho na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC). Certos momentos de profundo desespero, medo de não conseguir concluir-me, deu-me coragem dizendo que se fosse fácil não seria para mim, e hoje quero agradecer-lhe, muito obrigada!

Ao Jimmy Pierre que colaborou com a tradução do Abstract, muito obrigada de coração!

À colega que conheci por meio das redes sociais, Profa. Ma. Cristina Laguna, que contribuiu muito para a realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Gladis Perlin, surda, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), obrigada por me apoiar e me apresentar à Profa. Ma. Cristina Laguna, grata de coração; valeu a pena!

Aos meus amigos surdos de Paranaíba, MS, em especial ao meu primeiro professor de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) Jean Souza, e mais tarde chegou o Sidelvon Rodrigues, muito obrigada, aprendi muito com vocês.

Aos professores surdos do Centro de Atendimento ao Surdo (CAS), de Campo Grande, MS, na pessoa da Coordenadora Suliane Kelly Aguirre, pelas contribuições a mim dispensadas ao aprendizado da língua de sinais.

À Profa. Ma. Shirley Vilhava, surda, guerreira, militante, que sempre me incentivou pela luta a favor das pessoas com surdez.

Aos inúmeros professores surdos que conheci por meio das redes sociais, que me ensinaram sinais, sou grata, pois sem vocês alguma lacuna teria ficado: Jorge Augusto Faria da Silva (meu primeiro professor de LIBRAS virtual, que deu a mim o meu sinal de nome), Luiz Cláudio, Isaías Braga, Ronério Walzburger, Carolina Lovo, Kelly Renata Fleitas Vareiro.

A todos os colegas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, em especial a Lari (Larissa), a Noely, pelas viagens acadêmicas que fizemos para cursarmos a disciplina Nova História Cultural na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) Campus de Marília- SP, com a Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza. Aos meus queridos companheiros de biblioteca Carlos Lopes Filho e ao inesquecível Lê (Leandro), compartilhamos alegrias, tristezas e angústias.

Ao meu sogro Valter e minha sogra Cleuza, que em certos momentos de visita em minha casa não pude dar a eles a atenção merecida, justamente por estar envolvida com minha pesquisa.

Ao meu venerável pai Pastor José Felipe Neto, meu porto seguro, obrigada por me conduzir a trilhar no caminho certo, papai!!!

A minha rainha, minha mãe, minha vida, Vera Felipe, registro aqui uma fala que sempre digo a você: AMO-TE MAIS QUE ONTEM!

Aos meus irmãos Angela, Lizangela, Geziel e Geasí, murucas !!!

Aos homens da minha vida Daniel e Rhuan, muito obrigada!

Não sei quanto tempo levarei para condizer às coisas que estão em vã.

Do pensamento, dos sinais, das mãos lirando a emoção.

Nada sei é algo que invade no momento da travessia do oceano maior.

Quantas vezes queria dizer coisas lindas e me abarrotava,

Engasgava-me, minhas mãos tremiam e nada saía.

Queria aprender a voar como voa meus pensamentos.

Queria viver na asa de minha imaginação.

De cada tempo em tempo até parecer uma nova ilusão.

Sem temer nada posso sentir se não há algo novo para sentir

Que a busca continua, meus olhos estão aí, dentro de mim há tudo e

Ao mesmo tempo nenhuma explicação, só há o silêncio de minhas mãos.

Às vezes meio perdida entre eu, meus olhos e minhas mãos quase caindo.

No meio de um brejo de emoções que ora conheço e ora desconheço.

Somos seres que vai além, com olhos o tempo paira e em grupo surdo,

Vagamos dentro de nós num lugar longe e inexistente.

Voltamos à origem como um totem imaginário e temos certeza que algo dentro tem.

Tem um ser com sabedoria dentro do corpo surdo.

(VILHALVA, 2012).

RESUMO

Na presente dissertação, são apresentados os resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do curso de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, MS, com o tema “história da educação de surdos no Brasil”, com enfoque sobre o Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro no século XIX, (hoje, denominado de Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES). Os aportes teóricos que forneceram subsídios para a compreensão do objeto foram os advindos da Nova História Cultural (NHC). No decorrer da investigação, ocorreram o mapeamento e a identificação de considerável base documental (relatórios, pareceres, fotografias, regimentos, leis, decretos e outros) localizada nos arquivos institucionais. A documentação contribuiu de forma substancial para a compreensão da trajetória da instituição no período elencado. Além disso, as fontes possibilitaram vislumbrar as práticas ocorridas no interior da instituição, como aquelas ligadas ao ensino, por exemplo, o conflito entre o oralismo e a linguagem gestual. Dados quantitativos de alunos, como acolhimento, origem e grau de surdez, também sobressaem no refinamento dos dados. Fatores como alternância de diretores, mudanças na estrutura física e da necessidade de recursos financeiros, também, sobressaem na narrativa. De modo geral, apesar das vicissitudes enfrentadas no decorrer da existência do Instituto, admite-se que sua criação e manutenção, no século XIX, foram determinantes para a história da educação de surdos no país.

Palavras-chave: História da educação de surdos. Rio de Janeiro. Império.

ABSTRACT

In this dissertation, they presented the research results developed as part of the master program, linked to the Program of Postgraduate education, in the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) University Drive Paranaíba (MS), on the theme "history of deaf education in Brazil", focused on the Imperial Institute of Deaf and Dumb in Rio de Janeiro in the nineteenth century (now, called the National Institute for deaf Education – INES). The theoretical contributions that helped to understand this object were coming from the New Cultural History (NHC). During the investigation, there was a good consideration of mapping and identification as evidence base (reports, opinions, photographs, regulations, laws, decrees etc.) located in the institutional archives. The documentation has contributed substantially to the understanding of the trajectory of the institution in part listed period. In addition, the sources made it possible to glimpse the practices that took place in the institution, such as those related to education, for example, the conflict between oralism and sign language. Quantitative data of students as the host, origin and degree of deafness also stand in the refinement of the data. Factors such as the alternation of directors, changes in the physical structure and the need for financial resources, also stand out in the narrative. Overall, despite the vicissitudes faced during the existence of the Institute, it is assumed that its creation and maintenance in the nineteenth century, was crucial to the history of deaf education in the country.

Keywords: History of Deaf Education. Rio de Janeiro. Empire.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Sala de recepção do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (à esquerda eu, à direita, Diretora Profa. Dra. Solange Maria da Rocha), Rio de Janeiro, 2014.....	20
FIGURA 2 - Refúgio Hostel, construção do século XIX Rio de Janeiro.....	22
FIGURA 3 - E. Huet- Fundador do Collégio Nacional para Surdos-Mudos.....	30
FIGURA 4 - Relatório enviado ao Imperador Dom Pedro II em 22 de junho de 1855, manuscrito em francês.....	31
FIGURA 5 - Tradução do Relatório que E. Huet enviou ao Imperador, traduzido por Gustavo de Sá Duarte Barbosa.....	32
FIGURA 6 - Documento das matérias e conteúdos, 1856.....	35
FIGURA 7 - Documento enviado à Comissão Diretora, escrito a punho em francês.....	38
FIGURA 8 - Tradução do Relatório aos Excelentíssimos Membros da Comissão Diretora.....	39
FIGURA 9 - Documento Mappa nº 1 de 1858.....	46
FIGURA 10 - Tobias Rabelo Leite - Diretor do Instituto: 1868-1896.	51
FIGURA 11 - Livro de autoria do Professor Valade Gabel.....	61
FIGURA 12 - Jean Jacques Valade Gabel – Diretor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Bordeaux (1838-1850) e professor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris.....	61
FIGURA 13 - Relatório do Diretor Tobias Rabello Leite (1871).....	66
FIGURA 14 - Aplicação do método intuitivo: do concreto ao abstrato-imagem/palavra.	76
FIGURA 15 - Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos.....	77
FIGURA 16 - Livro <i>Iconographia dos signaes dos surdos-mudos</i> , de Flausino José da Gama. 1875.....	81
FIGURA 17 - Matérias de ensino, professores e suas residências.....	91
FIGURA 18 - Primeiro uniforme dos alunos do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro em 1850.....	93
FIGURA 19 - Anúncio por escrito na frente do Instituto: “PODE SER VISITADO A QUALQUER HORA”.....	96
FIGURA 20 - Atas do Congresso de Milão/Itália - 1880.....	98
FIGURA 21 - Abade Charles Michel L’Epée (1712-1789).....	98
FIGURA 22 - Pastor Samuel Heinicke (1729-1790).....	98
FIGURA 23 - Alunos surdos - sessão de fotos ao Diretor Tobias Leite - 1881.....	105
FIGURA 24 - Necrológio de Tobias Rabello Leite em A Notícia, n 135, 04 de Agosto de 1896.....	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - As várias denominações que o Instituto respondeu em seu percurso de quase dois séculos.....	28
QUADRO 2 - Principais matérias de ensino apresentadas por Huet em 1856.....	34
QUADRO 3 - Horário das aulas - 1856.....	40
QUADRO 4 - Planilha dos alunos do Instituto dos Surdos-Mudos: 4 de abril de 1869	54
QUADRO 5 - Comparativo das matérias do ensino entre Paris e Rio de Janeiro.....	57
QUADRO 6 - Organização dos conteúdos atribuídos nos exames e os respectivos alunos.....	59
QUADRO 7 - Aparência física dos alunos com surdez congênita e surdez acidental (surdez adquirida) observada por Tobias Leite em 1871.....	67
QUADRO 8 - Planilha dos alunos do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos de 1870.....	78
QUADRO 9 - Programa de ensino - 1873.....	80
QUADRO 10 - Programa de ensino/matérias e o método intuitivo - 1876.....	82
QUADRO 11 - Organização da distribuição do tempo dentro do Instituto - 1877.....	87
QUADRO 12 - Horário das aulas na escola mútua no século XIX.....	88
QUADRO 13 - Regulamento da Casa dos Jovens Detentos em Paris.....	89
QUADRO 14 - Uniformes dos alunos - 1877.....	94
QUADRO 15 - Enxoval trazido pelos alunos contribuintes - 1877.....	95
QUADRO 16 - Gestão Tobias Leite (Imperial Instituto de Surdos-Mudos- 1868-1896 e Joaquim Menezes Vieira -Colégio Menezes Vieira- 1875-1887). Rio de Janeiro.....	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Quantitativo de alunos por províncias, até 1º de setembro de 1858.....	44
TABELA 2 - Lugar e quantidade de alunos em 1858.....	45
TABELA 3 - Despesas necessárias para a sustentação do Instituto (1858).....	47
TABELA 4 - Levantamento de surdos-mudos existentes em quinze províncias em 1871.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Quantitativo inicial de alunos no Instituto em 1856.....	41
GRÁFICO 2- Procedência e quantitativo de alunos no Instituto em 1870.....	63

LISTA DE SIGLAS

- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CAS** - Centro de Atendimento aos Surdos
- FIPAR** - Faculdades Integradas de Paranaíba
- GEPHEB** - Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira
- INES** - Instituto Nacional de Educação dos Surdos
- LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais
- UEMS** - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 A GÊNESE DO INSTITUTO DE SURDOS-MUDOS DO RIO DE JANEIRO.	28
1.1 A Fundação do Collégio Nacional para Surdos-Mudos de ambos os Sexos: 1856-1857.....	29
1.2 O Primeiro Contato por Escrito de Huet para Dom Pedro II.....	30
1.3 A Abertura do Collégio Nacional para Surdos-Mudos (1856).....	33
1.4 A Situação Econômica da Instituição.....	36
1.5 O Quantitativo de Alunos no Início do Collégio.....	41
1.6 A Ascensão do Imperial Instituto para Surdos-Mudos de ambos os Sexos: 1857-1858.....	42
1.7 A Contratação de Pessoal para o Trabalho no Instituto.....	47
1.8 A saída de E. Huet do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos.....	48
1.9 O Instituto e seus Novos Dirigentes.....	49
2 NOVOS RUMOS PARA O IMPERIAL INSTITUTO DOS SURDOS- MUDOS DE AMBOS OS SEXOS: TOBIAS RABELLO LEITE: 1868.....	51
2.1 Apontamentos Biográficos do Dr. Tobias Rabello Leite.....	52
2.2 Os Primeiros Ensaios de Trabalho do Dr. Tobias Rabello Leite.....	53
2.3 Decreto nº 4.046, de 19 de dezembro de 1867: Reorganização.....	56
2.4 A Organização do Material Didático: 1870.....	59
2.5 A Nova Fase do Instituto como Estabelecimento de Ensino.....	63
2.6 O Compêndio: Publicação das Lições de Linguagem Escrita (1871).....	66
2.6.1 O Compêndio: Generalidades e Assuntos Pertinentes.....	69
2.6.2 O Compêndio: Parte Teórica e Curiosidades.....	71
2.6.3 O Compêndio: o Método Intuitivo e suas Aplicações ao Ensino dos Primeiros Elementos da Língua.....	73
3 FATOS HISTÓRICOS MARCANTES REGISTRADOS NO IMPERIAL INSTITUTO DOS SURDOS-MUDOS DE AMBOS OS SEXOS: 1870-1896....	77
3.1 Um Companheiro de Infortúnio: Flausino José da Costa Gama: o Repetidor.....	77
3.2 Programa de Ensino do Instituto dos Surdos-Mudos - 1876.....	82
3.3 Regimento Interno: Educação Profissional – 1877.....	85
3.3.1 Regimento Interno: Uniformes escolares - 1877.....	92
3.4 Boatos Espalhados: a Falsa Notícia.....	95
3.5 Congresso de Milão (1880): “VIVA LA PAROLA PURA”.....	97
3.6 Práticas Pedagógicas Pós-Congresso de Milão: Tobias Leite e Menezes Vieira.....	101
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICES.....	115
ANEXO.....	118

INTRODUÇÃO

Tempos de esquecimentos, apagamentos, períodos, documentos textuais, fotográficos, orais, entre outros, são elementos que dialogam com a arte histórica por oportunizar uma possibilidade de explorar documentos a serem estudados.

Um dos grandes desafios a enfrentar é saber como a História estabelece a relação entre a experiência humana e as exigências de como fazer acontecer essa História; e esses desafios só se conseguem com os enfrentamentos e desdobramentos do ponto de partida ao ponto de chegada de uma pesquisa histórica, ou seja, onde supostamente tudo começou e aonde deve ou deveria chegar, de modo a ter uma reflexão dos documentos aos quais foram analisados.

A História em si é uma tentativa de desvelar o passado, para melhor compreendermos onde supostamente tudo começou e onde poderia ser encerrada.

Ao mencionar onde tudo supostamente começou, recordo-me da minha trajetória de quando e como despertou o interesse em trabalhar com alunos surdos. Os apagamentos são evidentemente reais, pois buscando em minha memória, lembrei-me de quando eu tinha quatro anos e estudava no Jardim da Infância em uma escola municipal de Restinga, SP.

Naquele dia, eu estava na sala de aula e entrou uma menina que, por sinal, tinha a mesma idade que a minha; gritava muito, e eu olhava para ela, mas não entendia por que ela gritava, porém, para mim não fazia a menor diferença. Lembro-me de que ela gostava muito de desenhar; sentava-se ao meu lado e usava a mesma mesinha. O tempo passou..., não sei mais por onde ela anda... Mas me lembro de que a professora falou para nós que ela era surda.

Mais tarde, aos treze anos, já morando em Patrocínio Paulista, SP, comecei a trabalhar em Franca, SP, em uma fábrica de calçados. Dias se passaram e um jovem rapaz, bonito, entrou naquela fábrica e começou a trabalhar bem perto de mim; olhei para ele e falei “oi”, mas não me respondeu, então, repeti o cumprimento e ele apenas respondeu com um sorriso meio “amarelo”. O chefe da seção disse-me assim: “Ele é surdo-mudo”, eu não entendia muito bem desse assunto, mas ele se tornou meu amigo. Éramos bons amigos, mesmo sem saber se o que eu falava ele entendia ou não; pelos “gestos” que ele fazia para se comunicar comigo, eu tinha a certeza de que não entendia quase nada. Eu era a única amiga dele, queria ensiná-lo a falar, mas não deu. O tempo passou, e até hoje também não sei por onde ele anda.

Aos dezessete anos, residindo em Franca, conheci uma moça¹, a Dulce. Ela gostava de ir a minha casa; “falava pelos cotovelos”, mas eu não entendia nada, porque ela também era surda, mas gostava muito dela, tinha um olhar rápido e parecia ouvir com os olhos.

Em 2005, eu não sabia o que era a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Mesmo assim, fui à Prefeitura, no setor da Educação, e procurei a coordenadora da Educação Especial, a Professora Madalena Dal Ri. Perguntei a ela se em Paranaíba- MS, onde eu resido, havia curso de LIBRAS, e ela me disse que sim, mas o curso já estava terminando e a duração dele era de dois anos.

Fui ao curso de LIBRAS, e lá aprendi o que significava a sigla. Assisti apenas a uma aula e não voltei mais; meu filho ainda era muito pequeno e eu não me encontrava apta para continuar o curso.

Para deixar registrado, minha formação inicial é Pedagogia, pelas Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR) e concluí o curso em 15 de dezembro de 2015; cursei Especialização em Educação Especial - Deficiência Auditiva com Ênfase em Língua Brasileira de Sinais pela Sociedade Civil de Educação de Casa Branca/Faculdade Casa Branca, SP, e a concluí em 8 de novembro de 2008.

Em abril de 2009, fui para Campo Grande, MS, estudar LIBRAS com os professores surdos do Centro de Atendimento aos Surdos (CAS). Aproximadamente, durante quinze dias, aprendi os sinais, vivenciei experiências incríveis com eles, tive uma afinidade ímpar, nos identificamos, e isso foi e é para mim motivo de felicidade, contentamento sem medidas. Após ser avaliada e aprovada como professora e intérprete de LIBRAS, eu retornei a Paranaíba e fui trabalhar na Sala de Recursos na Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes, no Atendimento Educacional a alunos surdos. Cada dia era um aprendizado e uma descoberta. Ainda nesse mesmo período, eu trabalhava no Centro de Educação Infantil como professora no Jardim III; não havia alunos surdos, mas eu transformei minha sala de aula em um ambiente totalmente bilíngue. Eu ensinava LIBRAS e Português, e meus alunos adoravam, e eu mais ainda. Lembro-me de que os ensinei a pedir água e para ir ao banheiro, tudo em LIBRAS, e eles faziam fila para sinalizar. A partir de então, todos os projetos que eu desenvolvia eram bilíngues, e percebi que houve diferença na aprendizagem das crianças, pois se interessavam em aprender cada vez mais.

Assim, eu trabalhava meio período em uma escola como professora e intérprete e o outro período em outra escola, na função de professora na educação infantil. Nessa época, as

¹Linda, morena, de olhos verdes e cabelos castanhos.

coordenadoras da rede estadual e da municipal chamaram-me para conversar, pois havia um aluno surdo em uma escola do município que precisava de minhas contribuições na LIBRAS, porém eu precisava decidir entre as escolas do Estado e a do município, pois os horários eram os mesmos. Fiquei “com o coração na mão” em deixar os alunos pequeninos, pois eles estavam se tornando bilíngues e eu sabia que iriam fazer a diferença por onde passassem, mas tive que decidir. Então deixei os pequenos e fui trabalhar com o aluno surdo. A partir desse momento, tudo mudou em minha vida profissional, comecei a ser chamada para apresentar músicas em LIBRAS, a interpretar em vários lugares, igreja, fórum, delegacia, entre outros.

Tempos depois, fui trabalhar na Escola Estadual Manoel Garcia Leal em Paranaíba, MS, também no atendimento educacional especializado a sete alunos surdos. Foi uma experiência ímpar trabalhar com eles; as aulas eram dinâmicas e uma cumplicidade pairava entre nós. Claro que no começo havia uma aluna surda que não deixava aproximar-me dela; parecia que tinha medo de tudo; gritava incontrolavelmente e muito alto. As outras pessoas da comunidade escolar tinham medo dela, e os medos eram recíprocos, pois tudo o que lhe era oferecido, ela não aceitava; tinha doze anos, não sabia ler, nem escrever, nem sinais, e o grito dela parecia-me estar pedindo algo. Com muita calma e paciência, aos poucos fui aproximando-me com recursos tecnológicos, como câmera fotográfica, *notebook*, livros com muitos desenhos coloridos, brinquedos pedagógicos, porém, eu brincava e usava sozinha, todo o material, ela só ficava olhando, e quando eu a olhava, ela virava o rosto. Não desisti; eu ensinava sinais como cores, material escolar, mas ela não sinalizava nada. Um dia, ela me surpreendeu: quando eu cheguei à escola, ela já estava andando no pátio, e quando me viu, olhou pra mim e sinalizou: “Cadê sua moto vermelha?” Naquele momento, eu não sabia se eu gritava, pulava, a abraçava, mas me contive, porque ela não aceitava ninguém pôr a mão nela; porém, para minha surpresa, ela pegou a minha e continuamos a andar de mãos dadas; chorei por dentro. Foi aí então que começamos a nos entender.

É importante ressaltar que cada aluno tem uma história diferente, história de conquista, amor, carinho e confiança. Hoje somos interligadas; o que nos une é uma cumplicidade conquistada por meio da língua de sinais.

Uma das preocupações dos professores ouvintes que trabalham com alunos surdos é o entrave de como ensinar a língua portuguesa a eles. Por meio de estudos e experiência com surdos, entendi que uma ferramenta magnífica de ensinar português aos surdos que estão iniciando sua vida acadêmica é trabalharmos com letramento; criar um grupo de estudo, que conversava entre si para dar o “pontapé” inicial no aprendizado da língua portuguesa funcionou; e outras atividades interligadas utilizando o método intuitivo, que abordaremos no

decorrer do texto, já foram usadas no final do século XIX ao qual está inserido no contexto da temática desta dissertação de mestrado.

Por motivo de ampliação em meus conhecimentos, tive que deixar as salas de recursos, e optei por trabalhar no ensino superior, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, como docente nos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais, com a disciplina de LIBRAS. Foi um desafio, mas enfrentei.

Outra experiência foi a de ser intérprete no ensino superior na UEMS - Unidade Universitária de Paranaíba. Os professores e eu vivenciamos um desafio, que foi a tentativa de formar uma aluna surda usuária da LIBRAS no curso de Pedagogia, e no terceiro ano, superando as dificuldades que eram também recíprocas, infelizmente, a família dela optou por não deixá-la continuar seus estudos; afirmando que por ser surda não estava adquirindo nenhum conhecimento.

Quase concluindo meu curso de Mestrado em Educação pela UEMS – Unidade Universitária de Paranaíba, com minha pesquisa em História da Educação dos Surdos no século XIX, escrever sobre a história da educação dos surdos foi um presente. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, minha pesquisa era de outra temática, partindo do pressuposto da relação do professor e intérprete e as contribuições na aprendizagem do aluno surdo em sala de aula. Ao ser aprovada no processo seletivo, fui surpreendida pelo orientador, pois não passava por minha cabeça que poderia ser o Prof. Dr. Ademilson Batista Paes. Quando me chamou para conversar, confesso que foi um choque, mas resisti, e a primeira pergunta que ele me fez foi: “Você está disposta a mudar seu tema?” Eu, mais que depressa, respondi que sim. Ele fitou-me e disse-me: “Então você terá que ir para o Rio de Janeiro, fazer um levantamento na base documental no acervo do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES)”. Eu disse a ele que eu iria, pois conhecer o INES se tornara um sonho. No início, quando comecei a aprender a LIBRAS, me apaixonei pelo INES e, naquele momento, comecei a acreditar que meu sonho começara a se realizar.

Com meu ingresso no Programa de Mestrado em Educação, passei a ser membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB), cujo líder é meu orientador. O grupo de estudo trouxe contribuições que enriqueceram meu conhecimento, agruparam valores por meio dos textos e temas abordados nos encontros mensais.

No dia 8 de maio de 2014, viajei para o Rio de Janeiro em busca de documentos originais para começar a pesquisa². Conhecer o INES, o centenário prédio, parecia algo mágico; foi muita emoção. Ao chegar naquele lugar e reviver um pouco de minhas leituras referentes aos primórdios da educação dos surdos, confesso que chorei; é algo inexplicável, a vontade de abraçar o prédio, abraçar os documentos, os querer para mim...; foi fantástico! A então atual Diretora, Profa. Dra. Solange Maria da Rocha, recebeu-me calorosamente junto aos colegas de trabalho de outros departamentos. O tempo todo no INES, eu fiquei emocionada: da portaria a direção todos sabem a língua brasileira de sinais. Senti-me bilíngue com eles, e eu podia escolher falar em português ou em LIBRAS.

A Figura 1 foi uma escolha para registrar a sala centenária, onde fui recebida com muito carinho pela Diretora Profa. Solange, que abriu as portas do INES para eu iniciar minha pesquisa, cujo mobiliário utilizado na época de D. Pedro II é de uma riqueza inigualável.

FIGURA 1 - Sala de recepção do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (à esquerda eu, e à direita, a Diretora Profa. Dra. Solange Maria da Rocha), Rio de Janeiro, 2014



Fonte: Arquivo pessoal da autora – Paranaíba, MS - 2015.

A Figura 1 mostra a importância da incorporação da fotografia nesta dissertação de mestrado, pois é uma fonte histórica. Isto porque o tempo denuncia o que de fato ficou registrado no percurso de nossas vidas, pois nem tudo se consegue guardar, e muitas coisas ficam esquecidas.

Durante o tempo de minha aprendizagem da língua brasileira de sinais, assisti a muitos vídeos de atores surdos residentes no Rio de Janeiro, que trabalham no INES e contribuem

² Deixo registrado que foi a primeira vez que viajei de avião, e jamais esquecerei os “frios na barriga”; foi uma mistura de emoção com adrenalina.

com a educação dos surdos no Brasil. De repente, deparar-me com eles na escadaria do centenário prédio do Instituto, por exemplo, o professor Dr. Nelson Pimenta, o primeiro ator surdo, foi histórico para minha carreira profissional, e da liderança surda, como a Profa. Dra. Patrícia Luiza Ferreira Rezende, foi um prazer ter estado com pessoas que fazem a diferença na educação dos surdos brasileiros. Também, durante a pesquisa, fui surpreendida ao ficar em uma sala com o professor surdo, Paulo André, e, sem perda de tempo, aproveitei para perguntar vários sinais que eu não sabia, e ele me ensinou. Além disso, ao conhecer o refeitório do INES e me ver com aquele expressivo número de pessoas surdas, fiquei extasiada; logo me enturmei com eles e naquele exato momento senti mais uma vez que eu estava no caminho certo, que era exatamente isso que faltava para a realização de um sonho. Hoje, no INES, segundo a diretora Profa. Solange Rocha, há cerca de 500 alunos surdos, que são atendidos desde a estimulação precoce até o ensino superior com o curso de pedagogia bilíngue.

O que chamou muito a atenção no segundo dia da minha pesquisa foi encontrar um surdo com a síndrome de Asperger. Quando olhei para ele, ele me olhou também; eu sorri, ele não. De longe, nos olhávamos, e, pouco tempo depois, ele veio ao meu encontro e perguntou meu nome e o que eu estava fazendo no INES. Após dizer meu nome, expliquei que eu estava ali para fazer uma pesquisa de como começou a educação dos surdos no Instituto. Pedi para tirar uma foto com ele, mas não deixou, e compreendi. No outro dia, nos encontramos na sala de pesquisa e ele me disse: “Olá tudo bem? Seu nome é R-A-D-A-Í e seu sinal é esse. Diga para sua mãe que eu mando um abraço pela passagem do dia das mães, e tiraremos a foto quando você voltar ao INES”. Então fui investigar a história de vida daquele rapaz; fui informada de que ele estudou no INES, e hoje é funcionário do Instituto. Quando pequeno, em uma das aulas, houve uma gincana cujos grupos eram divididos e cada grupo tinha um líder. Até então, ninguém queria ficar no grupo dele, por ele ser introvertido e não gostar muito de conversar, porém, na hora em que a maratona de perguntas começou, ele respondia a todas corretamente. A partir daquele momento, todos os colegas queriam fazer parte da turma dele; foi aí que ele conquistou o coração de todos, inclusive o meu.

Algo interessante também foi a escolha do lugar onde me hospedei, com indicação da professora Solange Rocha, um prédio construído no século XIX, aconchegante, conforme Figura 2, situado na Rua Laranjeiras, por ficar a cem metros do local da pesquisa e por ser parte da história do Rio de Janeiro; fato histórico vivenciado por mim, que é de profunda e gigantesca emoção.

FIGURA 2 - Refúgio Hostel, construção do século XIX Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo Pessoal da autora- Paranaíba, MS
(maio/ 2014).

O envolvimento com a educação de surdos foi a causa que me permitiu aprofundar nos estudos históricos e historiográficos da gênese da educação dos surdos no cenário brasileiro e, para a realização desta pesquisa, foram desenvolvidas duas frentes metodológicas.

No primeiro momento, foi feito um mapeamento de dados na base documental no acervo da Biblioteca do INES, fontes de documentos originais como relatórios, pareceres, fotografias, entre outros. A partir de então, focamos no recorte temporal e delimitamos o tempo, o espaço e o sujeito, para certificar o objeto de pesquisa.

No segundo momento, constituiu-se uma investigação de caráter exploratório-descritivo e de natureza bibliográfica, em resumos, artigos, dissertações e teses no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) referente ao assunto “História da Educação de Surdos”, preferencialmente estudos do século XIX. Dos duzentos e cinquenta e quatro trabalhos pesquisados, apenas dois com recorte histórico identificaram-se com o tema desta dissertação. A primeira tese encontrada foi a de Doutorado em Educação, *Antítese, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)*, de Solange Maria da Rocha, apresentada na Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, em 2009, que, no decorrer do trabalho, há apontamentos relevantes no que tange ao Congresso de Milão, quando foi aprovado o método oral puro e a terrível proibição da “linguagem dos sinais”; as severas punições que o Diretor Tobias Leite atribuía tanto aos professores que não cumprissem com as diretrizes que ele ordenava, quanto aos alunos que também eram severamente punidos se desobedecessem a suas ordenanças. A segunda tese, de Doutorado em Educação, foi *Gênese da educação dos surdos em Aracaju*, de Verônica dos Reis Mariano Souza, apresentada à Universidade Estadual da Bahia, em 2007, também contribui para o crescimento da minha pesquisa, com as contribuições sobre a morte detalhada do Diretor Tobias Leite.

Os sentidos dessas teses de doutorado dialogam com minha dissertação no período de 1856 a 1896, porém, o que difere são informações retiradas dos documentos originais, conforme foi mencionado no parágrafo anterior, que não estão mencionadas nas teses de Rocha (2009) e Souza, V. (2007), embora seus estudos tenham contribuído com esta pesquisa.

Outro material que serviu como aporte teórico foi o livro dos 150 anos de trajetória do INES - *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*, de autoria de Solange Maria da Rocha, no qual, segundo a autora, há uma carência enorme de pesquisa na área da surdez.

O INES possui uma riqueza extraordinária em fontes documentais que podem contribuir para a construção de novos sentidos, novos olhares e novas narrativas para a história da educação de surdos, que irão enriquecer a pesquisa historiográfica no Brasil. (ROCHA, 2008, p.9)

É pertinente discorrer sobre essa pesquisa sob uma abordagem histórica, alicerçada nos aportes teórico-metodológicos da Nova História Cultural, como mencionado anteriormente, tendo como procedimento norteador o mapeamento da base documental e iconográfica referente ao recorte cronológico, sobretudo de fontes como relatórios, regulamentos, mapa, regimentos, visando a desvelar práticas pedagógicas, uso de materiais e clientela atendida.

De acordo com Ferreira (2002), nos últimos anos tem se produzido um conjunto significativo de estudos conhecidos pela denominação de “estado da arte ou estado do conhecimento”.

Ao realizar estudos e pesquisas dessa natureza, ressalta-se a afirmação de André (2001), pelo interesse em rever e analisar criticamente o que vem sendo produzido em determinada área do conhecimento a fim de buscar caminhos para seu contínuo aprimoramento.

Com o intuito de entender por que a história da educação dos surdos é um assunto inquietante, formulei alguns questionamentos que são norteadores para esta pesquisa:

- a) Como se configurou a gênese da educação de surdos no Brasil?
- b) Quais os princípios e práticas que nortearam o nascimento da educação de surdos no Brasil?
- c) Quais foram os marcos históricos registrados na educação dos surdos?

Ao estudar a gênese da educação dos surdos no Brasil, não se quer apenas apresentar uma dissertação para a obtenção de título de mestre, mas apresentar ao público leitor que o projeto de criação de uma escola para surdos conquistou bravamente seu lugar na história, haja vista que a necessidade de pesquisa nessa área ainda é necessária, conforme mencionou Rocha (2008).

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho consiste em contribuir para a historiografia da educação dos surdos no Brasil. Em um plano específico, levantou-se a trajetória do Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro na metade do século XIX, os dados quantitativos de alunos internos e externos da mesma época e ainda se pesquisaram materiais, métodos e condições de trabalho dos alunos e professores do INES.

Durante o desenvolvimento do texto, procurei manter a escrita fidedigna utilizada no século XIX, por exemplo, “surdo-mudo”, um dos focos principais desta pesquisa.

A partir dos documentos localizados e eleitos, é que se delimitou o recorte cronológico dos anos de 1856 a 1896, por ter a documentação necessária de modo a contribuir com esta pesquisa.

De acordo com Prost (2008), na história, existem fatos e eles devem ser conhecidos. O autor levanta questões de como é construída a história, considerando que há algumas críticas essenciais na construção histórica. Segundo ele, é necessária cautela ao registrar as fontes, porque as referências se tornam provas, e deixa claro que as pessoas não têm obrigação nenhuma de acreditar no que está escrito, ou seja, é necessário que questionamentos sejam efetuados, e haja um olhar crítico, pois todo documento deve ser criticado para comprovar a veracidade dos fatos.

Realizar um estudo histórico não é uma tarefa simples. Como já mencionado, é necessário comprovação e veracidade dos fatos, o que exige uma extenuante busca de vestígios marcados pela história ao longo dos tempos. A história é uma construção e reconstrução de fatos, porém é também um abismo de esquecimento e/ou um período que se pode definir como um adormecimento, o que faz com que nos recordemos do discurso de uma surda, que afirma:

Deixamos traços abundantes marcas diferentes, mas dispersas, pois muitas ocorrências nem foram tomadas como objeto a serem representadas em história e, entretanto, nossas histórias permanecem adormecidas esperando para serem despertadas. (STROBEL, 2008, p. 13).

A história minoritária é esquecida, ou contada da maneira que melhor lhe convém, porém só não esquece aquele que vivenciou e sofreu as angústias atroz de esse apagamento histórico.

Nas leituras de teses, dissertações e artigos de pessoas surdas, identificamos uma revolta e uma insatisfação que causam esse apagamento histórico; é o mesmo que “amarrem suas mãos”, “tirem deles o direito de falar”, ou seja, “amordacem-nos”, “silenciem-nos”. “Ser surdo, ao longo da história, não foi fácil, foram feitas muitas injustiças atroz contra nós, não aceitava o ‘diferente’ e nossas ‘diferenças’” (STROBEL, 2008, p. 13).

Com o advento da Nova História Cultural, Thompson (1987) preocupou-se com o sentido da história das pessoas comuns, os operários, a classe trabalhadora, o tecelão, uma população considerada pela sociedade menos importante. Assim, os surdos começaram a ter suas experiências consideradas importantes pela historiografia.

Em seus estudos, Bloch (2001) faz um desabafo e afirma que, por muito tempo, o historiador passou por uma espécie de juiz dos infernos, encarregado de distribuir o elogio ou o vitupério aos heróis mortos.

Para solidificar o estudo da história e historiografia, Le Goff (2003), afirma textualmente que o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento ao longo dos tempos, ou àqueles que se dedicam aos estudos do que se passou ou o que se passa, podendo então ser chamados de historiadores.

Os documentos trazem uma abordagem da materialidade escolar que desvenda os mecanismos utilizados no Instituto para dar forma à instrução literária, apontando os métodos de ensino, o material didático a ser estudado, o tipo de uniforme a ser usado pelos alunos; enfim, as práticas pedagógicas que fomentaram a educação dos alunos na metade do século XIX.

Este estudo ainda permite reconstituir o elo que, ao longo dos tempos, foi perdido entre o indivíduo e a sociedade.

Em conformidade com Franco Ferraroti (1998 apud BASTOS, 2002, p. 26-27), “se todo indivíduo é a apropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, então podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

Para melhor compreensão desta dissertação de mestrado, procurei organizá-la da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentei a história de fundação do Instituto de Educação de Surdos na cidade do Rio de Janeiro. Tentei compreender como se deu a gênese da Instrução Literária para os Surdos-Mudos em meados do século XIX; em seu percurso de quase dois séculos, o Instituto respondeu por várias denominações, que serão mencionadas no decorrer do texto, conforme o levantamento na base documental no acervo do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos, que buscou alavancar o cenário da educação dos surdos no Brasil.

No segundo capítulo, expressei como Tobias Leite definiu novos rumos para o Instituto, conforme o registro no final do primeiro capítulo: Fernando Tôrres, ministro do Império, designou ao chefe da Secção da Secretaria de Estado que Leite fizesse um relatório sobre as condições do Instituto. Como relatado no primeiro capítulo, o resultado não superou as expectativas, mas foi a constatação de que não havia ensino, e sim uma casa que servia de asilo aos surdos.

Assim, em 1868, Tobias Leite assumiu a direção do Instituto interinamente. “Essa interinidade se estendeu até 1872, quando foi nomeado diretor efetivo permanecendo na função até sua morte em 1896” (ROCHA, 2008, p. 35). Tobias Leite buscou organizar supostamente tudo o que estava fora do lugar dentro do Instituto, reorganizou o Decreto nº 4.046, de 19 de dezembro de 1867 (ALMANAKLAEMMERT, 1867) e observou a falta de material didático para compor as lições dos alunos e muitos outros ajustes apresentados no decorrer do texto.

No terceiro capítulo, abordei fatos marcantes na educação dos surdos, como um companheiro de infortúnio, o ex-aluno do Instituto Flausino José da Costa Gama, que se tornou Repetidor; o Regimento Interno, que contém informações que ainda não foram vistas nem lidas em outros trabalhos, como dissertação ou tese. As Atas do Congresso de Milão, que foi um período obscuro que o Instituto atravessou, e como Tobias Leite conseguiu administrar a instrução aos alunos nessa fase de transição: “linguagem dos sinais” para “oralismo puro”; a 26ª Questão, que são os pareceres dos doutores Menezes Vieira e Tobias Rabello Leite no Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, dois médicos que se destacaram na educação; e o registro da morte de Tobias Leite em 1896, aos 69 anos de idade.

Com a pretensão de contribuir para a História e a Historiografia da Educação dos Surdos por meio desta dissertação de mestrado, queremos despertar em outros pesquisadores a necessidade de escavação nas fontes históricas em busca de abordagens que se referem aos

estudos que permeiam a instrução dos chamados “diferentes”, que aos poucos têm conquistado seu espaço em um lugar chamado sociedade.

A partir de agora, entraremos em um mundo no qual o silêncio é ouvido e suponho que os anseios dos surdos são timidamente alcançados.

1 A GÊNESE DO INSTITUTO DE SURDOS-MUDOS DO RIO DE JANEIRO

Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo? Hermógenes respondeu: como poderia ser de outra maneira, Sócrates?(CRATYLUS, 1871).

Para iniciar a escrita deste primeiro capítulo, apresento a história de fundação do Instituto de Educação de Surdos na cidade do Rio de Janeiro. Tentarei compreender um pouco melhor como se deu a gênese da Instrução Educacional para os Surdos-Mudos em meados do século XIX. Em seu percurso de quase dois séculos, o Instituto respondeu por várias denominações, citadas aqui conforme o levantamento na base documental no acervo do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos, na tentativa de encontrar o cenário da educação dos surdos no Brasil. As várias denominações ficaram nomeadas conforme o Quadro 1.

QUADRO 1 - As várias denominações do Instituto em seu percurso de quase dois séculos

Ano	Denominação
1856-1857	Collégio Nacional para Surdos-Mudos
1857-1858	Instituto Imperial para Surdos-Mudos
1858-1865	Imperial Instituto para Surdos-Mudos
1865-1874	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
1874-1890	Instituto dos Surdos-Mudos.
1890-1957	Instituto Nacional de Surdos Mudos
1957-atual	Instituto Nacional de Educação de Surdos

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Como foi visto no Quadro 1, esses ajustes de denominações sofreram modificações conforme as discussões sobre a educação dos surdos no Brasil. Essa mudança de nomenclatura refletia o ideário de modernização de estudos da década de 1950³ e o Instituto estava inserido nessas transformações. Nota-se que de 1957 aos dias atuais, a nomenclatura é Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde a palavra “mudo”⁴ foi substituída por “educação”.

³Informações sobre a educação na década de 1950, consultar: BOMENY, H. **O Brasil de JK: educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950>>. Acesso em: 20 jun.2015.

⁴A palavra “mudo” foi retirada de circulação porque nem todo surdo é mudo, e o termo surdo-mudo não existe mais, pois, por mais que o surdo usuário da língua de sinais tenha surdez profunda, ele ainda emite sons; já a pessoa com mudez pode ter sido acometida de algum trauma ou acidente, tornando-a muda, impossibilitando-a de emitir sons.

1.1 A fundação do Collégio Nacional para Surdos-Mudos de ambos os Sexos: 1856-1857

Até meados do século XIX, não havia instrução para as crianças surdas no Brasil, mas a necessidade de fundar uma escola para surdos ia se tornando cada vez mais urgente; pois a situação desses indivíduos degradava-se por não terem seu espaço no meio do convívio social, pois não possuíam a educação modelo da época, que era saber ler e escrever.

Para que essa barreira fosse quebrada, houve então a iniciativa de D. Pedro I a de convidar um professor surdo da Europa para abrir uma escola para surdos no Rio de Janeiro, como veremos no decorrer deste texto.

Com a pretensão de abrir essa escola para surdos, algumas exigências foram necessárias, dentre elas, a de que o Instituto poderia receber crianças de famílias abastadas, mas a preferência era para as crianças pobres.

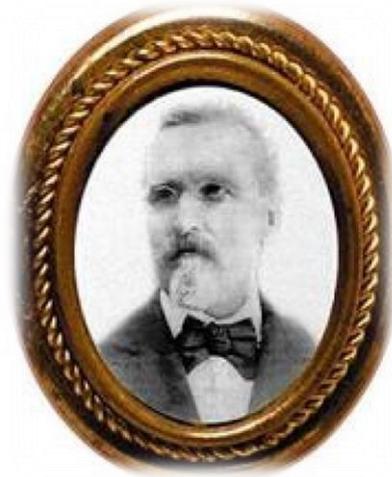
Dentre os pobres dar-se-ia preferência para os órfãos, filhos de militares do exército e da armada e dos empregados públicos que tivessem prestado serviços importantes ao Estado, levando-se em conta o critério da antiguidade para efeito de desempate. (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 104).

O professor E. Huet⁵, com a intencionalidade de fundar uma escola para surdos, objetivou conquistar para seus semelhantes um estabelecimento de ensino direcionado às especificidades e atender as necessidades das crianças surdas, e uma das perspectivas era a valorização à diferença linguística que sobressai na comunicação das pessoas com surdez.

E. Huet era possuidor de experiência europeia por ter dirigido o Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Na base documental do Instituto Nacional de Educação de Surdos, conseguimos uma imagem do professor E. Huet (Figura 3), o qual foi o precursor da educação de surdos no Brasil, precisamente na cidade do Rio de Janeiro.

⁵Professor francês, diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Bourges. Segundo Cesar Delgado (Revista da FENEIS/Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano IV, n. 13, jan./mar. 2002), Huet nasceu em Paris em 1822. Ficou surdo aos 12 anos de idade depois de ter contraído sarampo (ROCHA, 2008). Há controvérsias sobre seu primeiro nome, em algumas descrições aparece como Ernest e em outras, Eduard. Sua assinatura não contribui para resolver a questão, pois sempre assina E. Huet (ROCHA, 2009).

FIGURA 3 - E. Huet- Fundador do Collégio Nacional para Surdos-Mudos



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

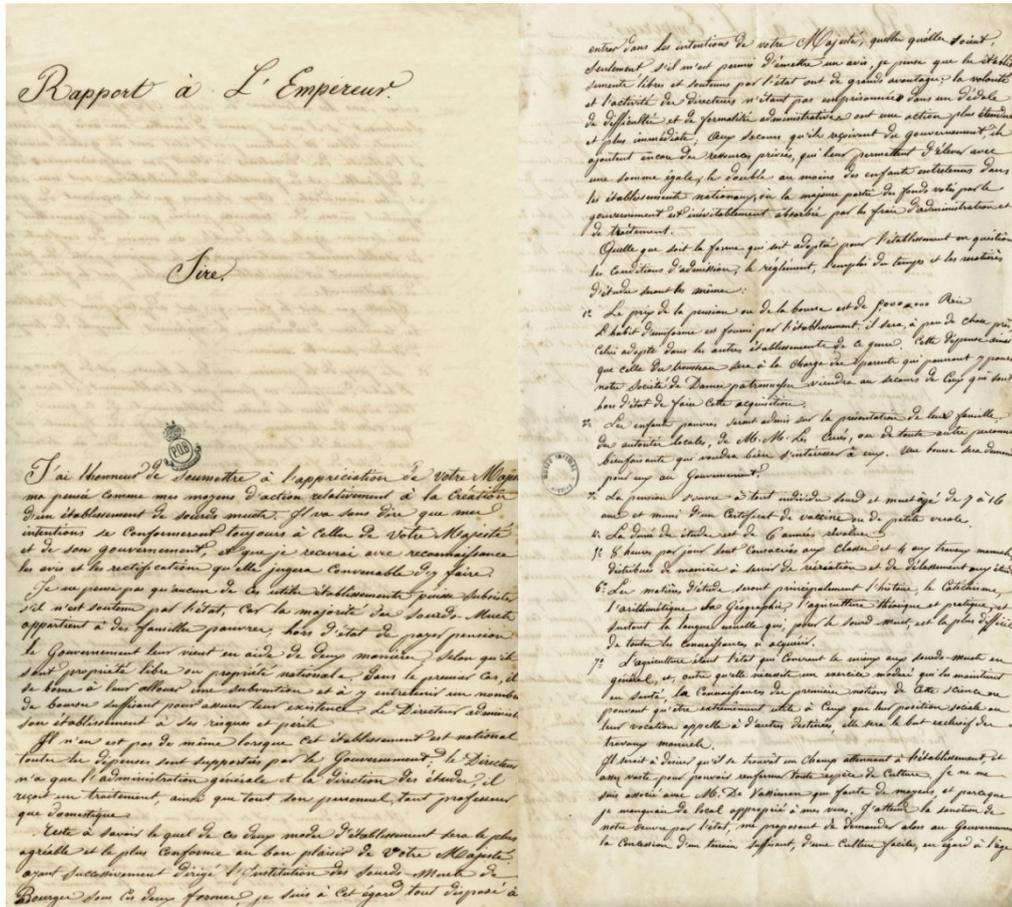
Se E. Huet nasceu em 1822, ele chegou ao Brasil em 1855 com 33 anos de idade.

1.2 O primeiro contato por escrito de Huet com Dom Pedro II

No dia 22 de junho do ano 1855, Huet enviou o Relatório ao Imperador, apresentou-lhe duas importantes propostas para a abertura de um instituto para surdos-mudos. Ao que parece, sua vontade era contribuir com a educação dos surdos por já ter vivenciado experiências de trabalhar com seus semelhantes.

A Figura 4 mostra o relatório que Huet (1855) enviou a Dom Pedro II, o qual foi seu primeiro contato por escrito com o Imperador, cujo manuscrito está escrito em francês, a punho, pelo professor E. Huet, por ser sua língua natural. Segundo Rocha (2008), o documento original, em forma de carta, pertence ao acervo do Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, traduzido por Gustavo de Sá Duarte Barbosa. Nesse caso, a Figura 5 mostra a tradução na língua portuguesa do relatório que E. Huet enviou ao Imperador.

FIGURA 4 - Relatório enviado por E. Huet ao Imperador Dom Pedro II em 22 de junho de 1855, manuscrito em francês



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme o Relatório de 1855, a primeira proposta era de teor particular, e, nessa ocasião, as bolsas de estudos deveriam ser concedidas por parte do Império. A segunda era a de que o Instituto poderia ser subsidiado com verba imperial, ou seja, todas as despesas assumidas com total responsabilidade pela Coroa. Desse modo, a autoridade Imperial poderia decidir qual seria a melhor proposta. Porém, Huet, possuidor de experiência, relatou que:

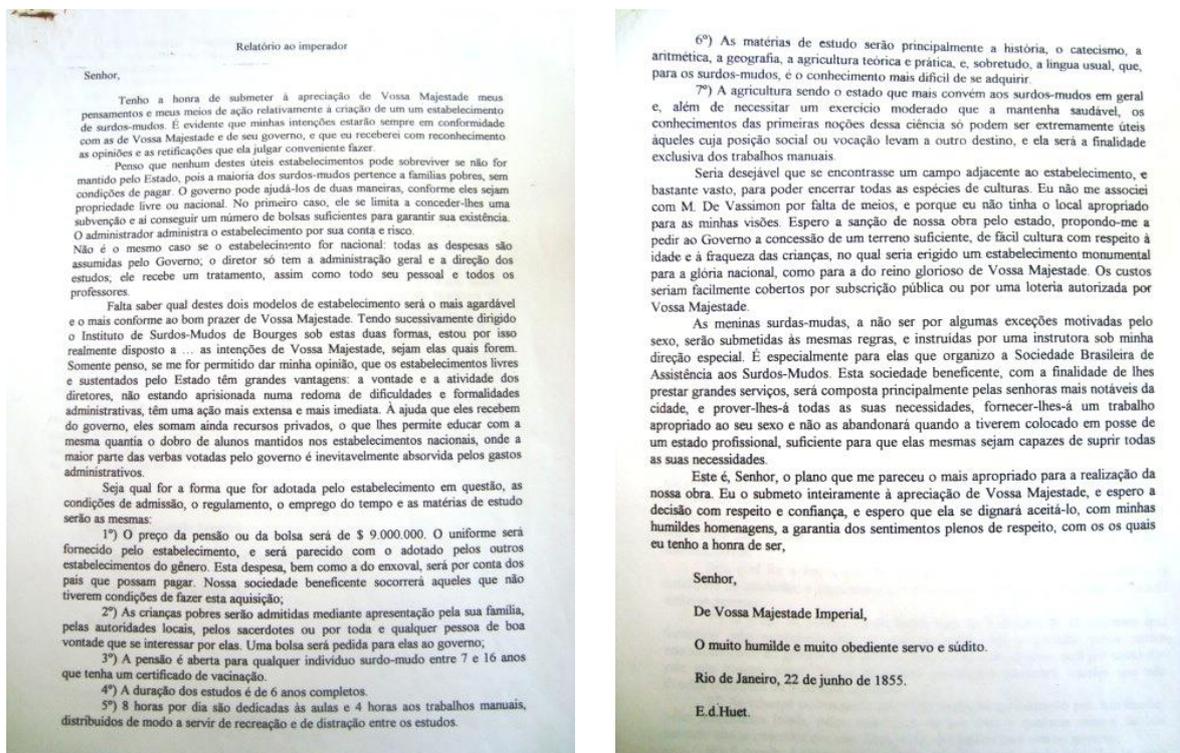
Falta saber qual destes dois modelos de estabelecimento será o mais agradável conforme ao bom prazer de Vossa Majestade. Tendo sucessivamente dirigido o Instituto de Surdos-Mudos de Bourges sob estas duas formas, estou por isso realmente disposto (a...6) as intenções de Vossa Majestade, sejam elas quais forem. Somente penso, se me for permitido dar minha opinião, que os estabelecimentos livres e sustentados pelo Estado têm grandes vantagens: a vontade e a atividade dos diretores, não estando aprisionada numa redoma de dificuldades e formalidades administrativas, têm uma ação mais extensa e mais imediata. À ajuda que eles recebem do governo, eles somam ainda recursos privados, o que lhes permite educar com a mesma quantia o dobro de alunos mantidos nos estabelecimentos nacionais, onde a maior parte das verbas votadas pelo governo é inevitavelmente absorvida pelos gastos administrativos. (HUET, 1855).

⁶[...] não há tradução do documento original para o português, portanto estão com reticências [...].

O Imperador Dom Pedro II permitiu que abrisse o Instituto, a princípio, como modelo particular, ou seja, em que os alunos assistidos pelo estabelecimento de ensino deveriam contribuir financeiramente.

Segundo o Relatório (HUET, 1855), o ingresso dos alunos ao Instituto ocorria por meio de matrícula e a faixa etária deveria ser entre sete e dezesseis anos. Para comprovar que o aluno não tinha nenhum tipo de moléstia ou doença contagiosa, era necessário apresentar o certificado de vacinação.

FIGURA 5 - Tradução do Relatório que E. Huet enviou ao Imperador, traduzido por Gustavo de Sá Duarte Barbosa



Fonte: HUET, E. **Relatório para Dom Pedro II**. Rio de Janeiro: 22 jun.1855. Tradução Gustavo de Sá Duarte Barbosa. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Em conformidade com Escolano (2001), na segunda metade do século XIX, a escola incorporou os preceitos do higienismo, e depois as exigências do conforto e da tecnologia. Nesse caso, a exigência era para que os alunos tivessem seus corpos saudáveis, livres de doenças, e que pudessem ter bons hábitos de vida, e que seu desempenho na aprendizagem no Instituto fosse bom tanto na função educativa quanto na educação higiênica.

A preocupação com as epidemias e moléstias, até mesmo com a lepra no Instituto, era resquícios da Idade Média. Michel Foucault, em *Os anormais*, afirma:

A exclusão da lepra era uma prática social que comportava primeiro uma divisão rigorosa, um distanciamento, uma regra de não-contato entre um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) e outro. Era, de um lado, a rejeição desses indivíduos num mundo exterior, confuso, fora dos muros da cidade, fora dos limites da comunidade. (FOUCAULT, 2001, p. 54).

Em seu relato, Huet (1855) deixa claro que as crianças pobres seriam admitidas no Instituto com uma condição: mediante apresentação pelas suas famílias, autoridades locais, pelos sacerdotes ou por alguém de bom coração e que tivesse interesse por elas.

De acordo com o Relatório (HUET, 1855), as famílias abastadas não teriam problemas nenhum no ingresso e na permanência de seus filhos no Instituto, pois suas condições financeiras atendiam as exigências econômicas do estabelecimento, porém, os filhos de famílias pobres seriam mantidos pelo governo e pela concessão das bolsas.

Desde o início de intenção de abertura do Instituto, o lema não era formar cidadãos letrados, mas dar condições aos seus alunos, após cumprirem seu tempo estabelecido pelo sistema, de saber lidar com seus próprios negócios, ler, escrever e fazer contas.

Rocha (2008) salienta que o foco estava voltado para o trabalho agrícola, pois atendia a situação socioeconômica da época. Como o Instituto funcionava em regime de internato, o trabalho agrícola foi desenvolvido dentro do estabelecimento, não necessitando que seus alunos saíssem para realizá-lo. Nesse caso era necessário um lugar amplo para que não houvesse nenhum tipo de impedimento para a execução da lida do dia a dia no Instituto.

A seguir veremos como se deu a abertura da primeira escola para surdos-mudos, conforme mencionado no início do capítulo, o Instituto respondeu por várias nomenclaturas. Assim, conforme as datas avançaram, o nome do Instituto correspondeu à ordem que procuramos organizar.

1.3 A abertura do Collégio Nacional para Surdos-Mudos (1856)

A abertura do Collégio Nacional para Surdos-Mudos começou a funcionar *a priori* no Collégio De Vassimon⁷, ocupando suas dependências em 1º de janeiro de 1856, em regime privado, na Rua dos Beneditinos, 8. Nessa vertente, Huet apresentou sua proposta de ensino na qual as matérias de estudo foram principalmente as contidas no Quadro 2.

⁷O Colégio de Luís Antonio de Vassimon funcionou no Rio de Janeiro de 1844 a 1861 nos seguintes endereços e respectivos períodos: 1844-1849- Rua dos Ourives 41, 1850-1853- Rua da Quitanda 193, 1854-1856- Rua dos Beneditinos 8, 1857-1859- Ladeira da Conceição, 1860-1861- Ladeira do Hospício, 272. (ROCHA, 2009).

QUADRO 2 - Principais matérias de ensino apresentadas por Huet em 1856

Matéria	Conteúdo
História	História do Brasil/História Sagrada e Profana
Cathecismo	Noções de Religião e dos Deveres Sociaes
Arithmética	Desenho/Escreituração Mercantil.
Geographia	Lições de Agricultura Theorica e Prática
Linguagem Usual/Linguagem Articulada	Escrepta e Leitura/Elementos da Língua Nacional-Grammatica

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme visto, o Quadro 2 apresenta um programa das principais matérias propostas por Huet no início das atividades realizadas para seus alunos.

Para dar oportunidade do saber aos surdos, foi então necessário que introduzissem o ensino de História, a do Brasil e a da Sagrada e Profana.

Com a intenção de ensinar aos surdos, Huet também possibilitou transformações em seu modo de pensar, agir, expressar, provocando mudanças na forma de viver e ver o mundo a sua volta. Proporcionou ao surdo ver o mundo com novos olhares, que ele era capaz, e valorizou o ser surdo, sua subjetividade e que esse sujeito é parte da história, uma história que até então estava silenciada.

Ensinar, aprender e saber história não é apenas para fim educacional, mas, segundo Oksala (2011):

A história não é apenas educacional e interessante nem se pretende com ela aumentar nosso saber sobre o passado. O objetivo é nos compreendermos para sermos capazes de pensar e viver de maneira diferente. (OKSALA, 2011, p. 17).

O ensino do *Cathecismo* aos alunos era para que eles tivessem a noção do que seria a religião, a crença na divindade, que, acima das autoridades terrenas, também, havia uma autoridade divina que a Igreja seguia rigorosamente, uma vez que o Instituto obedecia aos padrões da Igreja Católica. Assim, o ensino da matéria *Cathecismo* era imprescindível, justamente porque era a religião que predominava naquele período.

O ensino de *Arithmética* propunha para os alunos surdos uma compreensão maior e melhor do que se aprenderia a sua volta, pois a aprendizagem do aluno surdo é por meio da visão, possibilitando a ele aumentar suas probabilidades de maior absorção dos conteúdos propostos por seus dirigentes.

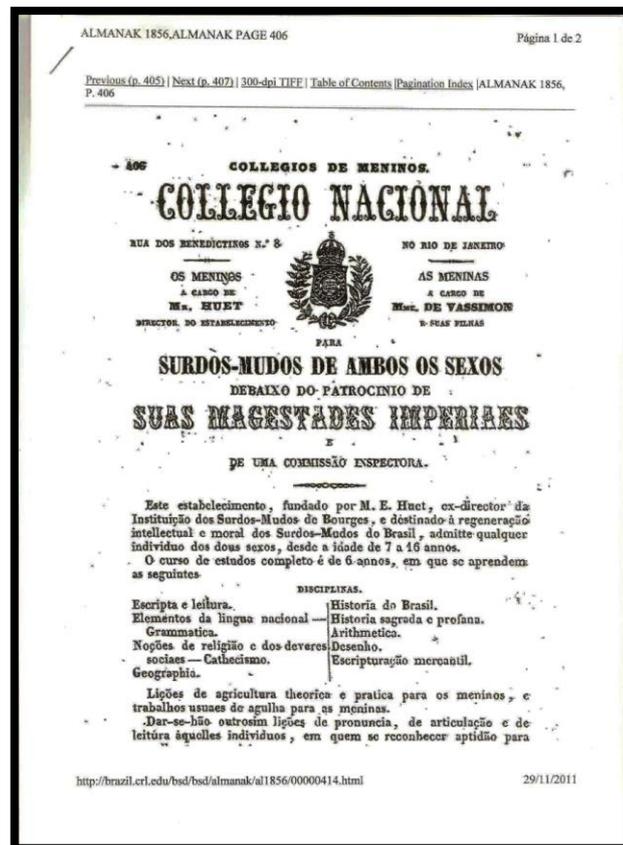
A matéria designada para o aprendizado de *Geographia* possibilitou ao aluno surdo, tanto nas lições teóricas como nas práticas, de como deveriam ser desenvolvidos seus trabalhos, conseguindo colocá-lo a par da situação econômica do país, ou seja, recebia instruções sobre agricultura, para que ele pudesse acompanhar o desenvolvimento da época.

A *Linguagem Articulada* era apenas para os alunos surdos com aptidão, pois, segundo o professor-diretor, era a linguagem mais difícil de adquirir conhecimento. Ressalta-se aqui a barreira da comunicação, que impossibilita o sujeito à compreensão do que acontece em sua volta.

O que primeira e primordialmente capacita uma pessoa a interagir com os outros é ter uma linguagem interna viva, que propicie o uso sem barreiras de uma comunicação espontânea e rica, e que possibilite o suporte necessário ao desenvolvimento e a ampliação da sua cognição e da sua subjetividade. (SÁ, 1999, p. 98).

Para comprovar a proposta de ensino por Huet, a Figura 6 sinaliza o documento das matérias e dos conteúdos designados por ele apresentado às Majestades Imperiais.

FIGURA 6 - Documento das matérias e conteúdos, 1856



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Como visto na Figura 6, o documento, que menciona as matérias de ensino, era um direcionamento para o começo de um projeto que se tornaria nacional.

A matéria de *Linguagem Articulada* era o exercício da oralidade para os alunos que tinham “aptidão”. Entende-se que a oralidade era uma forma para que o surdo pudesse ser inserido na sociedade, tendo em vista o seu espaço garantido por meio da comunicação oral.

Ao analisarmos o oralismo como um dos métodos de ensino estabelecido no Instituto, Soares (2005) assim afirma:

Oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir por meio da linguagem oral. (SOARES, 2005, p. 1).

A educação dos alunos surdos configurou-se uma dicotomia desgastante. De acordo com o referencial teórico pesquisado para a realização desta pesquisa, a comunicação que se estabelecia entre surdos e surdos e surdos e ouvintes, às vezes, era por meio da oralidade, ou seja, a leitura labial⁸ e comunicação gestual⁹.

Em conformidade com Soares (2005, p. 66):

A capacidade verbal, como item de demonstração de inteligência, foi, por muito tempo, considerada como pré-requisito para a aprendizagem da escrita. Mas, pelo visto, na educação de surdos, a avaliação da inteligência era realizada para verificar a sua aptidão para a fala. Isto significa uma mudança de enfoque. Aquilo que a escola comum se propunha a dar, ou seja, a instrução através da escrita, e para tanto selecionava os que seriam capazes de usufruir, era diferente daquilo que as instituições de educação de surdos ofereciam, utilizando-se do mesmo critério de seleção. Aos de fraca inteligência, restava o recurso de ensinar pela escrita.

Medir o nível de inteligência hoje seria a capacidade de o aluno passar por um processo seletivo e ser aprovado ou não. Cada época com seus costumes.

1.4 A situação econômica da instituição

Em 1856, E. Huet escreveu à Comissão Diretora, composta de marqueses de Abrantes, de Monte Alegre e de Olinda, o Conselheiro de Estado Euzébio de Queirós Coitinho Mattoso Câmara, o D. Abade de São Bento, o Prior do Convento do Carmo, o Dr. Manoel Pacheco da Silva e o Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, que servia de secretário, sobre a situação econômica da Instituição, pois esta vivia até então de donativos, inclusive, tinha recebido uma importante ajuda do Teatro de São Januário para sanar as dívidas.

Nesse mesmo documento, Huet descreveu a generosa contribuição que Dom Pedro II ofereceu ao estabelecimento, e acrescentou que uma instituição daquele porte jamais

⁸Para surdos com resíduo auditivo.

⁹Para surdos congênitos.

conseguiria caminhar sem a ajuda de particulares e que o Instituto de Surdos-Mudos¹⁰ existente na França também sobrevivia de donativos e ajuda financeira de outros, mesmo sendo um modelo particular.

Entende-se que o objetivo principal era consolidar o Instituto para que os surdos pudessem ser assistidos de forma digna e respeitável, dando a eles condições de serem notados perante seus familiares e a sociedade em geral, mostrando serem cidadãos de bem, assim como os demais.

Mas o que seria ser cidadão de bem? Podemos aqui mencionar que, naquele período, um cidadão de bem seria aquele pertencente à sociedade majoritária, ou seja, à burguesia, que estivesse em pleno cumprimento de suas obrigações, mais deveres do que direitos, ou seja, que obedecesse às ordens clericais, imperiais e, se assim cumprisse, então seria um cidadão de bem. Nesse caso, os surdos que não compreendiam a comunicação oral eram totalmente dependentes de seus pais (se os tivessem). Nesse caso, o Instituto oferecia a oportunidade a eles para que, por meio da instrução educacional e no tempo determinado pela direção do estabelecimento, pudessem tornar-se, de certa forma, esse cidadão de bem e que conseguissem resolver seus próprios negócios, ou seja, tivessem liberdade para ir e vir.

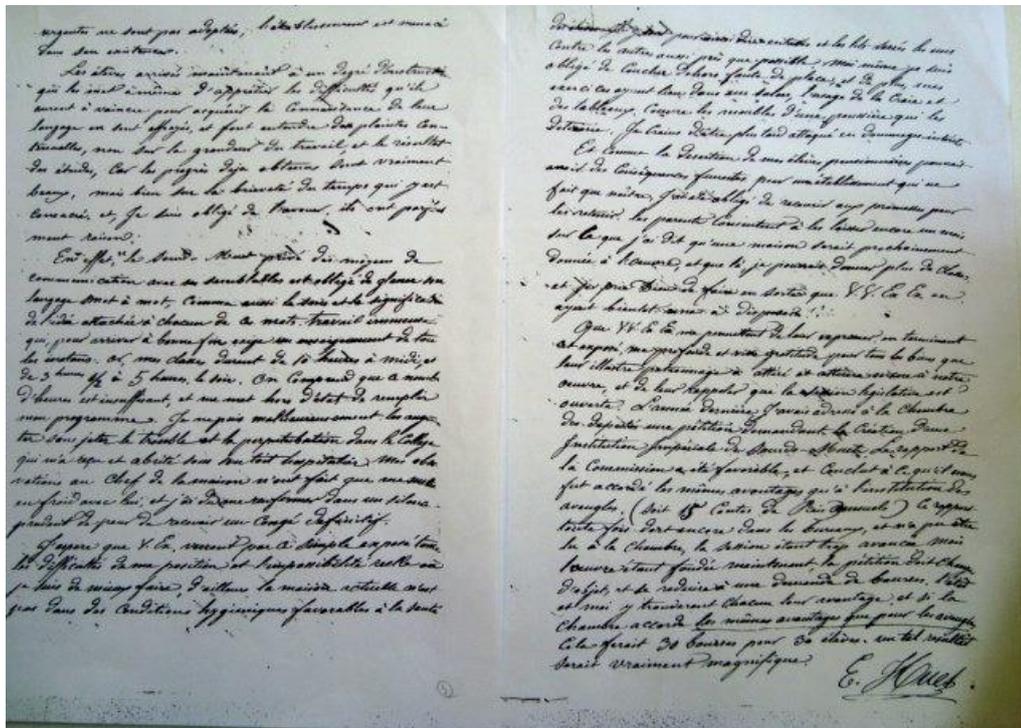
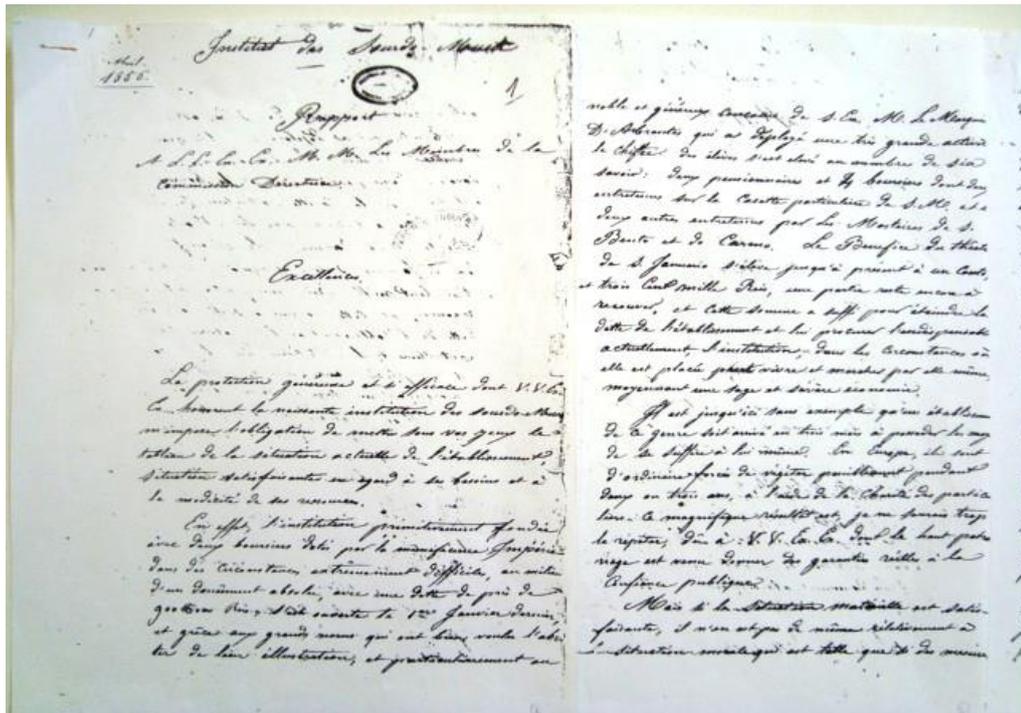
A Figura 7 apresenta um documento escrito, a punho, em francês, pelo professor E. Huet, enviado à Comissão Diretora relatando a situação geográfica e econômica do Colégio.

A cópia original desse documento, segundo Rocha (2008), pertencente ao acervo do Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, com tradução para a língua portuguesa de Gustavo de Sá Duarte Barbosa (Figura 8), comprova a veracidade do documento escrito em francês em conformidade à Figura 7.

No Collégio D. Vassimon, onde provisoriamente se dedicava ao ensino das primeiras letras, na Rua dos Beneditinos, nº 8, Huet começou a encontrar certas dificuldades por causa do espaço físico e do tempo das aulas.

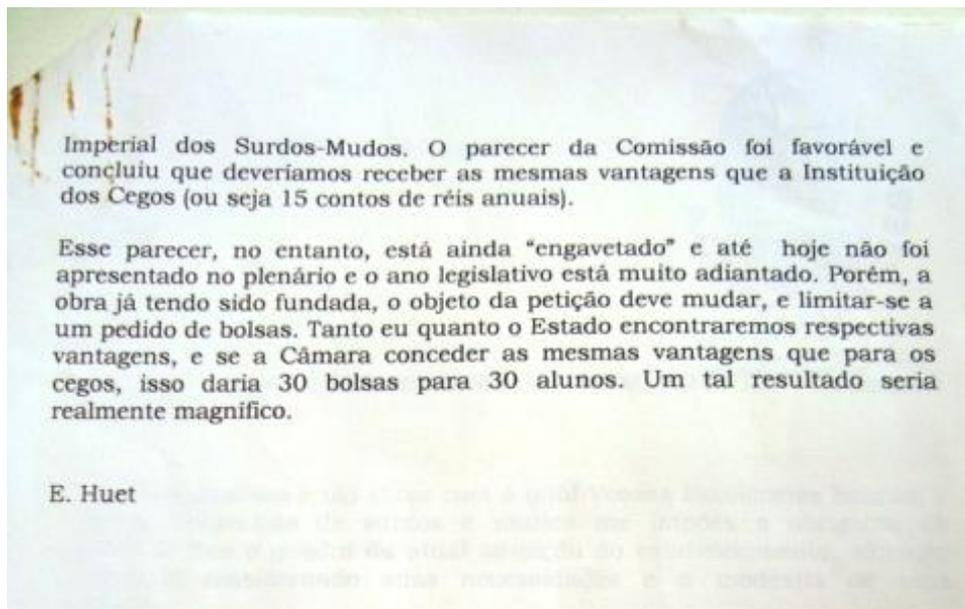
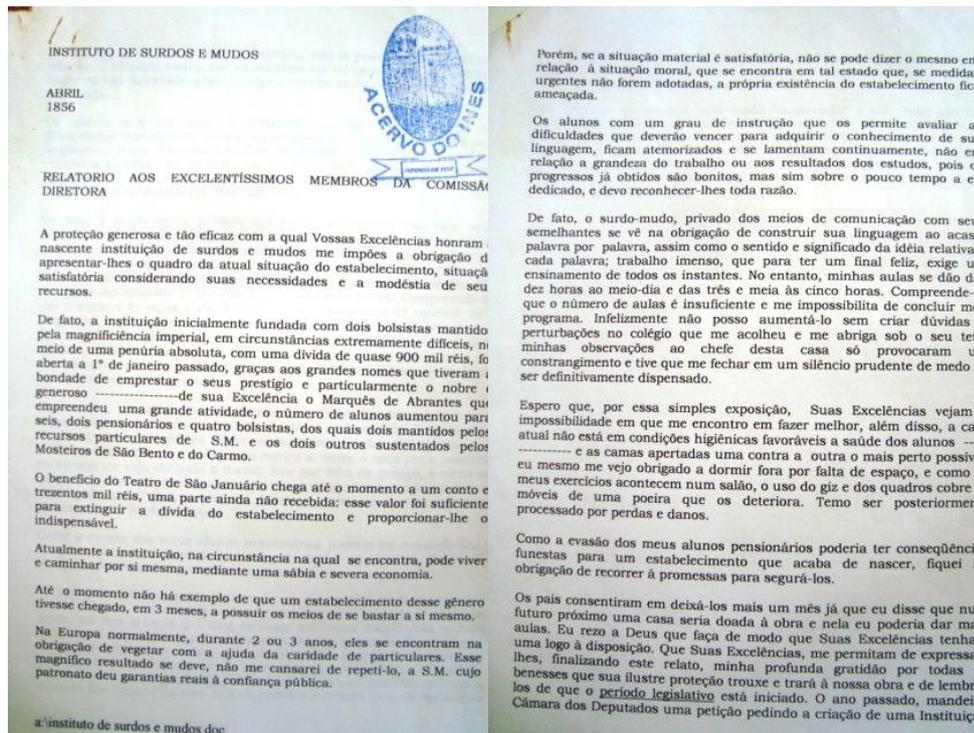
¹⁰“Escola de natureza privada e gratuita até 1791, [...] tendo sido seu primeiro diretor o abade Sicard (1742-1822)” (ROCHA, 2008, p. 18).

FIGURA 7 - Documento enviado à Comissão Diretora, escrito a punho em francês.



Fonte: HUET, E. Relatório aos Excelentíssimos Membros da Comissão Diretora. In: ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

FIGURA 8 - Tradução do Relatório aos Excelentíssimos Membros da Comissão Diretora



Fonte: HUET, E. Relatório aos Excelentíssimos Membros da Comissão Diretora. In: ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

O Quadro 3 mostra como ficaram distribuídos os horários de aula para a organização do tempo nas instruções literárias.

QUADRO 3 - Horário das aulas - 1856

Período	Horário
Matutino	Das 10h às 12h
Vespertino	Das 15h30 às 17h

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme o Quadro 3, apenas duas horas-aula no período matutino e duas horas-aula no período vespertino, realmente, é pouco porque o trabalho desenvolvido com o aluno surdo é mais extenso e há necessidade de mais tempo para desempenhar uma boa função.

Huet não só identificou que o horário das aulas não estava satisfatório como também detectou problemas nas instalações, dizendo que não havia se associado com o Collégio D. Vassimon por falta de meios e por não ter lugar apropriado para exercer as atividades com os alunos. Nesse caso,

[...], espaços e tempos fazem parte da ordem social e escolar. Sendo assim, são sempre pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/ séries, horários, relógios, campanhas, ou em salas específicas, pátios, carteiras individuais ou duplas, deve ser compreendida como um movimento que teve ou propôs múltiplas trajetórias de institucionalização da escola. Daí, dentre outros aspectos a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.21).

Em linhas gerais, o professor E. Huet verificou algumas inadequações no espaço físico do Collégio e fez a seguinte queixa no relatório enviado aos Membros da Comissão Diretora:

A casa atual não está em condições higiênicas favoráveis à saúde dos alunos [...] as camas apertadas uma contra a outra o mais perto possível; eu mesmo me vejo obrigado a dormir fora por falta de espaço, e como os meus exercícios acontecem num salão, o uso do giz e dos quadros cobre os móveis de uma poeira que os deteriora. (HUET, 1856, p.2).

Nesse meio tempo, Huet lembrou-se do relatório que havia enviado a Dom Pedro II no qual continha o pedido de criação de um Instituto Imperial dos Surdos-Mudos (HUET, 1855) e que, por sinal, obteve parecer favorável. Porém, reivindicou os mesmos direitos de ajuda financeira que o Instituto de Meninos Cegos¹¹, dizendo que essa ajuda deveria ser assim: “nem mais, nem menos, mas que seja igual”.

No Relatório de 1856, Huet declarou que, pelo fato de o Collégio estar em condições deploráveis, a evasão dos alunos pensionários começou a acontecer, e que na verdade poderia ter consequências funestas para um estabelecimento que acabara de nascer. Entretanto, o professor fez um pedido aos pais para que deixassem seus filhos recebendo instruções

¹¹No Instituto de Meninos Cegos, além do ensino literário e científico, havia o profissional; a música teórica e prática para os alunos de ambos os sexos, a arte tipográfica, a de encadernação e à afinação de pianos para os do sexo masculino, aos trabalhos de agulha para as alunas.

literárias. Para que isso acontecesse, Huet precisou recorrer a algumas promessas, dizendo que, em um futuro bem próximo, melhorias estavam para acontecer para os estudantes, pois já havia feito o pedido ao Imperador de uma área para a construção de um Instituto para atender aos alunos surdos, e, que nesse estabelecimento amplo poderia aumentar o horário das aulas e teria mais espaço para desenvolver as atividades escolares.

Desse modo, os pais consentiram em deixar seus filhos mais um mês no Collégio, e Huet rogava que seu pedido fosse logo atendido, pois o objetivo era que o Instituto tivesse condições de atender os surdos de toda a parte do Brasil, tanto da Corte como das províncias. E. Huet sentia-se feliz, pois expressava sua profunda gratidão por todas as benesses que o Imperador tinha trazido para dar continuidade a essa obra que estava iniciando.

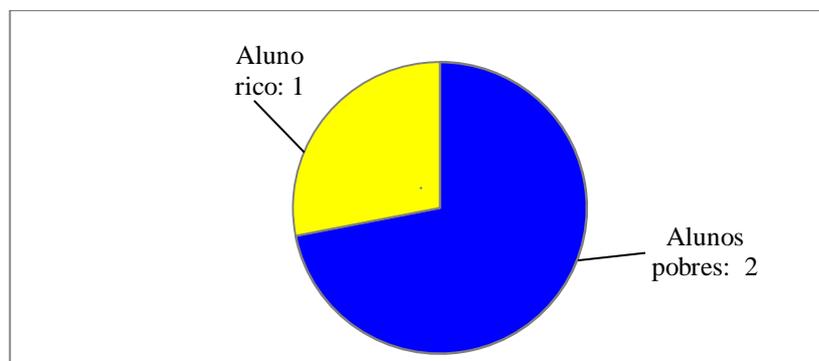
Mesmo agradecido, Huet temia, pois sabia que o parecer que havia enviado aos Membros da Comissão Diretora estava “engavetado” e esta não o teria apresentado ao Plenário. Então fez um pedido à Câmara para lhe conceder 30 bolsas para 30 alunos, e que se esse pedido fosse aceito, segundo suas palavras, teria um resultado magnífico.

1.5 O quantitativo de alunos no início do Collégio

De acordo com o Relatório de 1856, Huet iniciou as atividades literárias no Collégio D. Vassimon com um quantitativo de apenas três alunos, dos quais dois inteiramente pobres e sustentados pela munificência Imperial, e um abastado mantido com seus próprios meios.

Podemos então ver no Gráfico 1 o quantitativo de alunos na fase inicial do Instituto.

GRÁFICO 1 - Quantitativo inicial de alunos no Instituto em 1856



Fonte: HUET, E. **Relatório aos membros da Comissão Diretora**. Rio de Janeiro, 1856. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Nota-se no Gráfico 1 que o quantitativo de alunos *a priori* era bem pequeno, apenas três, haja vista que o projeto era grande, a visão deste como mencionado anteriormente, era um projeto nacional.

Em seu programa de ensino, Huet deixa claro que a instrução se destinava também às meninas surdas que ficavam sob a responsabilidade de sua esposa, Senhora Huet. Os alunos eram mantidos no Collégio em regime de internato, porém, o horário de aula era o mesmo estipulado pelo professor, conforme o Quadro 3, e recebiam uma pensão anual para serem alimentados. Nesse caso, tinham moradia, recebiam instruções primárias e secundárias, instruções religiosas e moral, e dava-lhes ainda noções das artes e ciências.

O professor diretor procurou colaborar com o crescimento da educação dos surdos, pois agia com zelo, firmeza e perseverança. Apesar das dificuldades encontradas no início da abertura do colégio, soube prosseguir seu trabalho com afinco nesse projeto que havia tomado para si.

Com isso, o trabalho de Huet começou a ser notado pela Comissão Diretora, que apreciou o nascente Instituto e o rápido progresso que patentearam os seus discípulos logo nos primeiros quatro meses, fazendo com que os alunos surdos tornassem homens distintos e que poderiam tão logo cuidar de seus próprios negócios.

Tendo o Collégio começado a funcionar nos mês de janeiro, conforme já mencionado, logo em maio o número de alunos começou a aumentar, e o Abadde do Mosteiro de S. Bento e o Prior do Convento do Carmo prestaram-lhe caridosamente as respectivas pensões para sustentar dois novos alunos pobres que começaram a fazer parte das instruções literárias ministradas por Huet. Assim, o número de alunos passou de três para cinco, quatro pobres e um rico.

Permaneceram no Collégio D. Vassimon até setembro, pois, em outubro, o Instituto foi transferido para uma casa mais vasta, no Morro do Livramento- Entrada pela Rua de São Lourenço, alugada por três anos, onde o Mosteiro de S. Bento e o Convento do Carmo ficaram responsáveis por pagar o aluguel no valor de dois contos de réis por ano.

A mudança do espaço físico proporcionou ao professor e aos alunos avanços significativos que contribuíram com a expansão do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, como veremos a seguir.

1.6 A ascensão do Imperial Instituto para Surdos-Mudos: 1857-1858

Com a aprovação oficial da abertura do Imperial Instituto para Surdos-Mudos, a Lei nº 939, de 26 de setembro de 1857, entrou em vigor, e possibilitou o prosseguimento do projeto para os surdos daquele período (ALMANAK LAEMMERT, 1857).

O novo espaço escolar foi tendo credibilidade e melhorando as condições de ensino aos alunos, e a Comissão Diretora começou a enaltecer o trabalho do professor, registrando os elogios da seguinte maneira:

O brilhante resultado que tem coroado os exames, os testemunhos lisongeiros de satisfação e animação que o Diretor tem recebido de SS.MM.II. e de todas as nossas grandes e illustrações, e o progresso pasmoso dos discípulos, attestão a superioridade e efficiência dos processos de ensino adaptados pelo Sr. E. Huet. Regenerar uma classe inteira de seres desgraçados muito tempo abandonados, pô-los na posse de uma instrucção impossível de adquirir qualquer outro modo, por meio de um methodo especial, restitui-los a sociedade, a sua família, e pô-los em estado de poderem um dia dirigir seus próprios negócios- tal tem sido o fim da fundação do estabelecimento. (ALMANAK LAEMMERT, 1857, p. 437).

Nota-se, portanto, que o trabalho de Huet fez notável diferença na vida dos surdos, que, como registra, era o de “regenerar uma classe inteira de seres desgraçados [...]”. Nesse caso, só poderia reverter esse quadro de marginalidade uma pessoa que realmente tivesse grande interesse em recuperar esses seres que eram desprezíveis, permitindo a eles seu espaço garantido no corpo social, colocando em evidência sua cultura, sua identidade, seu respeito, devolvendo o seu direito de exercer a cidadania, conquistando seu lugar no seio de seus familiares e na sociedade de modo geral.

Nesse caso, a identidade surda é uma prática que historicamente vem sendo construída. Ela não é estática, pois busca estar em contato com o outro; é a socialização entre corpos com o mesmo objetivo de luta, de conquista; é uma constante no desenvolvimento histórico e cultural do indivíduo surdo e sua subjetividade.

O despertar para a abertura de uma escola para surdos no Brasil foi uma tentativa de dar um basta ao descaso que eles vinham padecendo e uma maneira de dar atenção aos seus pedidos de socorro, podendo ser compreendidos como um olhar cauteloso da negação de sua própria identidade cultural.

A presença dos surdos no Instituto, naquele período, já era uma maneira de esse sujeito estar pedindo liberdade, uma forma de enfrentamento meio que timidamente, porém persistente. Era ainda um meio de pedir para ser “ouvido”, e por querer uma transformação que estava silenciada, tanto na educação como na comunicação. Contudo, Huet, com sua experiência de conhecimentos educacionais, sabendo que o surdo poderia libertar-se de uma clausura que o asfixiava, lutou por essa causa aqui no Brasil, e, durante sua gestão no Instituto, a educação era motivo de orgulho para a Comissão Diretora, que “abona e louva o zelo infatigável, constância, e pericia com que tem sido até hoje administrado o instituto por seu fundador e diretor E. Huet” (ALMANAK LAEMMERT, 1857, p. 12).

No final de 1857, a quantidade de alunos cresceu e os resultados cada vez mais satisfatórios, perfazendo um total de 13 alunos. Já em 1858, o total era de 19 alunos, e no documento denominado Mappa de N°1 do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, assinado por E. Huet, “consta que até dia 1º de setembro de 1858 estavam matriculados 19 alunos, sendo 13 meninos e seis meninas”. (ROCHA, 2008, p. 32).

Com o crescimento, o Instituto ganhou confiança da sociedade, não só do Rio de Janeiro, como de outras províncias, onde as famílias e as pessoas de modo geral enviavam seus filhos para receberem instrução literária de acordo com o objetivo de abertura do colégio.

Assim, a distribuição dos alunos por província foi organizada conforme a Tabela 1.

TABELA 1- Quantitativo de alunos por províncias, até 1º de setembro de 1858

Procedência	Quantidade
Rio de Janeiro	12
Barra Mansa	3
Minas Gerais	2
São Paulo	1
Niterói	1
Total	19

Fonte: ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil:** aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1 . Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Dessa forma, percebe-se que o Instituto alcançou outros lugares como já mencionado, e isto demonstrava, mais uma vez, que esse projeto estava dando certo e provava que realmente era de âmbito nacional.

Então, como o quantitativo de alunos foi aumentando, foi necessária uma ficha que comprovasse a entrada deles no Instituto e que tivesse o nome, a naturalidade, a data de admissão, se pensionista ou particular, a classe: primeira, segunda ou terceira, e era imprescindível também que constasse ainda o tipo de comportamento, o aspecto físico e o cognitivo, se inteligente ou mediano.

A Figura 9 mostra a ficha de identificação do aluno e, como afirmado anteriormente, ela recebia o nome de “Mappa N°1 do pessoal ensinado no Instituto”. O documento não está tão legível, mas dá para perceber como era a organização identitária do alunado nesse período.

O Instituto era aberto para os indivíduos entre 7 e 16 anos, e, nesse meio tempo, 2 alunos tiveram que sair, e voltar para a casa de suas famílias, pois seu tempo havia terminado dentro do estabelecimento e, por esse motivo, o número de alunos passou de 19 para 17.

A Tabela 2 mostra a procedência e a quantidade de alunos que permaneceram no Collégio para dar continuidade aos estudos, concluir e, posteriormente, voltar para o seio de seus familiares.

TABELA 2 - Lugar e quantidade de alunos em 1858

Procedência	Quantidade
Município da Corte	10
Província do Rio de Janeiro	5
Minas Gerais	1
São Paulo	1
Total	17

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro- RJ)

Como vimos na Tabela 2, os alunos estavam cada vez mais interessados em aprender e receber instruções literárias, pois os 17 alunos deram prosseguimento aos seus estudos.

Por causa da expansão desse projeto educacional, até o estado econômico do Instituto melhorou significativamente.

O estado do instituto melhorou sensivelmente, e é hoje satisfactorio, graças á disposição do § 10 do artigo 16 da lei n. 939 de 26 de setembro de 1857, que o subvencionou e estabeleceu pensões para a sustentação dos alumnos pobres que nelle fossem admitidos, assim como á da lei provincial do Rio de Janeiro, que para o mesmo fim estabeleceu outras pensões. (ALMANAK LAEMMERT, 1858 p. 12).

Nota-se, portanto, a credibilidade dada ao fundador do Instituto, que o conduzia de forma perseverante, a fim de que seus semelhantes obtivessem progresso e se tornassem homens distintos perante a sociedade.

À proporção que o Instituto se expandia, Huet firmava cada vez mais um compromisso com a instrução dos alunos, e as matérias de ensino eram rigorosamente aplicadas, já que os espaços e tempos eram mais amplos na vasta casa para a qual haviam se mudado.

Portanto, a vivência dos alunos dentro do Instituto possibilitou entre eles uma troca de experiências; puderam construir para si a oportunidade de que poderiam provar que o conhecimento também fazia parte deles e, aos poucos, os alunos sinalizavam que poderiam ir além das suas limitações.

Os alunos surdos só tiveram a oportunidade de aprender porque o professor Huet tinha uma prática de ensino que lhes possibilitava compreender cada lição ensinada, ou seja, ele adaptava sua prática a eles, de modo que houvesse fluência dialógica entre ensino e aprendizagem.

FIGURA 9 – Documento “Mappa” nº 1 de 1858.

Imperial Instituto dos Surdos e Mudos.

Mappa nº 1.

Do pessoal eminado no Instituto.

F. B. B. B. B.

<i>N.º da Classe</i>	<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Data de Admissão</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Profissão</i>	<i>Salário</i>	<i>Observações</i>
1	<i>Alfredo de Castro</i>	16 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>app. de 2.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
2	<i>Carlos Augusto</i>	16 ann	2	2	2	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
3	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
4	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
5	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
6	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
7	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
8	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
9	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
10	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
11	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
12	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
13	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
14	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
15	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
16	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
17	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
18	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
19	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>
20	<i>Antonio de Souza</i>	17 ann	22 de Junho de 1857	Solteiro	Escrivão	500\$000	<i>de 1.ª classe, app. de 1.ª classe</i>

E. M. de Souza

Fonte: ROCHA, S. M. O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos.2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.v. 1. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Segundo os documentos pesquisados, ele procurou dar o melhor de si, para contribuir na aprendizagem dos alunos surdos do Instituto. Nesse caso, destacamos que

A educação não esgota seu significado na escola. A educação, como prática social e histórica, é plural e adquire formas e sentidos diversos, conforme os espaços, os tempos, os sujeitos e os grupos que a experimentam e vivenciam. Assim, as experiências educativas no século XIX conheceram formas institucionalizadas. (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 11).

Por meio de esforços e articulações de Huet foi que a história da educação dos surdos teve sua gênese no Brasil.

Conforme o Instituto se expandia, foi necessária a contratação de pessoal para melhorar o desempenho funcional dele, conforme veremos no próximo tópico, que enfatizará como se deu essa contratação e como ficaram divididas as tarefas educacionais aos novos professores.

1.7 A contratação de pessoal para o trabalho no Instituto

Com o crescimento do Instituto, está registrado no Almanak Laemmert (1858) que o diretor do estabelecimento fez notória a necessidade de contratação de pessoal para o trabalho, e solicitou aos cofres públicos verbas para alimento, vestuário, mobília, um professor, uma professora com habilitações especiais, um capelão, que desempenhava o papel de professor de religião, um inspetor de alunos e um médico.

A Tabela 3 mostra como ficou organizada a aplicação da soma em valores monetários que o Instituto necessitava.

TABELA 3 - Despesas necessárias para a sustentação do Instituto (1858)

Despesas	Valor
Alimento - vestuário e mobília	2:000\$000
1 professor e 1 professora	2:400\$000
1 capelão (professor de religião)	800\$000
1 inspetor de alunos	400\$000
1 médico	400\$000
Total	6:000\$000

Fonte: ALMANAK LAEMMERT. **Relatório do Instituto Imperial Surdo-Mudo de ambos os Sexos**. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1858. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Como vimos, a Tabela 3 apresentou a discriminação de despesas e valores para o bom andamento do trabalho dentro do Instituto.

Então, o pedido do diretor foi aceito e a Comissão Diretora na Pessoa do Marquês de Abrantes relatou:

Parece-me atendível esta solicitação. Se não nos é ainda possível elevar este estabelecimento ao ponto a que têm chegado em outros paizes instituições da mesma natureza, cumpre ao menos melhorar o seu estado dando-lhe o que é indispensável. (ALMANAK LAEMMERT, 1858, p. 50).

Sabendo que nada é para sempre, Huet decidiu voltar para a Europa e declarou que não poderia mais continuar com a administração do Instituto. A seguir veremos como foi organizada sua saída, de acordo com os parâmetros legais referentes às negociações e aos acertos financeiros.

1.8 A saída de E. Huet do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos

Em dezembro de 1861, Huet decidiu deixar a administração do Instituto por motivo pessoal. O contrato foi rescindido e a Comissão Inspectora possibilitou uma negociação mediante um pagamento na quantia de 3:494\$021 (Três mil, quatrocentos e noventa e quatro contos de réis e vinte e um centavos). No documento intitulado *Relatório do Ministério dos Negócios do Império*, a Comissão esclarece a que fins essa importância em valores se refere: “[...] importância de moveis e outros objectos e de despesas anteriormente effectuadas ficou aquelle Instituto pertencendo ao governo, continuando, entretanto a cargo da comissão, sob as mesmas regras de administração”. (ALMANAK LAEMMERT, 1861, p. 36).

Mesmo que esse documento traga essas informações, conforme Rocha (2008), a saída de Huet do Instituto mostra outro fim de sua partida.

A saída de Huet da direção do Instituto está registrada num documento datado de 13 de dezembro de 1861. Nele, é descrita a reunião convocada pelo marquês de Abrantes para que este apresentasse à comissão diretora os acertos que fizera com Huet para sua saída. No entanto esse documento não explica as razões pelas quais isso aconteceu. O documento que trata a saída de forma minuciosa é [...] Memória XXV, no qual o motivo da saída de Huet está na sua vida pessoal. (ROCHA, 2008, p.34).

Como se pode observar em Rocha (2008), na publicação *Notícia Histórica dos Estabelecimentos Dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores*, está registrada a saída de Huet da seguinte forma:

Em meados do ano de 1859, começaram as perturbações não só da economia e da disciplina, mas até da moralidade do estabelecimento: desintelligencias, a principio, e, depois, graves conflitos, entre Huet e sua esposa, destruíram todo o respeito e força moral, sendo inevitável a anarchia. (ROCHA, 2008, p. 34).

Mesmo com as conturbações familiares do diretor, seu trabalho foi reconhecido e merecedor de respeito, por ter sido o fundador do Instituto dos Surdos aqui no Brasil, precisamente no Rio de Janeiro. De acordo com Rocha (2008, p. 34), “[...] seu destino é incerto após deixar o Instituto, alguns registros indicam que seis anos após sair da direção do Instituto, estava no México fundando uma Instituição nos mesmos moldes daqui”.

Assim sendo, ele não parou, continuou contribuindo com a educação dos surdos em outros lugares. Teve em si o compromisso de ser multiplicador dessa causa que hoje tem uma grande repercussão no Brasil e no mundo.

Em conformidade com Strobel (2012, p. 101):

As ações de Eduard Huet, de acordo com as narrativas registradas, demonstravam a importância da língua de sinais no ensino e também valorizavam a atuação dos sujeitos surdos como professores da instituição, se expandindo lideranças surdas nas comunidades surdas brasileiras.

O fortalecimento da cultura surda tem suas raízes e ao longo dos tempos essa história vem se fortalecendo procurando engajar o ser surdo como sujeito social.

O sujeito surdo compreende-se pela cultura. É a riqueza dessa cultura, a plenitude de costumes transmitidos que fará com que o surdo interaja com a sociedade. Não numa apropriação de elementos culturais, mas sim numa tradução e receptividade à sua própria cultura. (FARIA ROSA, 2009, p. 50).

Desse modo, Huet finaliza sua missão aqui no Brasil, a fim de dar ao não ouvinte o direito de ser “cidadão surdo”.

Com a saída de E. Huet, novos dirigentes assumiram a direção do Instituto. Veremos a seguir como foi a gestão dos novos personagens que se fizeram diretores e como estes foram conduzidos.

1.9 O instituto e seus novos dirigentes

A Comissão Diretora atribuiu o cargo da direção do estabelecimento ao Padre Manoel Soares do Couto¹², e posteriormente ao Padre Frei João de Nossa Senhora do Carmo, “[...] que logo se afastou do cargo por não suportar as confusões existentes” (ROCHA, 2008, p. 35).

Assim, Rocha (2008) relata que “Ernesto do Prado Seixas, indicado pelo diretor do Instituto de Cegos, a pedido do marquês de Olinda, que assumira a presidência da Comissão

¹²Nos documentos pesquisados não encontramos registros de quanto tempo o Padre Manoel Soares do Couto ficou na direção do Instituto.

Diretora após a exoneração do Marquês de Abrantes” aceitou o cargo de diretor do estabelecimento.

Quando Huet dirigiu o estabelecimento, o jovem Manoel de Magalhães Couto se preparava academicamente com estudos em Paris, a fim de voltar para o Brasil, trazendo consigo conhecimentos teóricos e práticos, que pudessem ser expandidos e aproveitados no Instituto, atendendo as necessidades específicas dos alunos.

Desse modo, podemos verificar que Magalhães Couto foi à busca de qualificação profissional, para que pudesse contribuir com sua formação na direção e no ensino.

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas. (NÓVOA, 1992).

Em julho de 1862, chegou de Paris, o Dr. Manoel de Magalhães Couto, que assumiu a direção e o ensino do Instituto, cuja posse se deu no dia 1º de agosto do mesmo ano, e administrou o nascente estabelecimento forçosamente até 1868.

Conforme os dias iam se passando, as instruções dentro do Instituto foram tomando rumos diferentes, muitas confusões foram acontecendo, a falta de administração ficou notória, e, de acordo com Rocha (2008, p.35),

Em rotina administrativa, já no ano de 1868, buscando notícias do trabalho desenvolvido pelo Instituto e não conseguindo, Fernando Tôrres, ministro do Império, designou o chefe da Secção da Secretaria de Estado, Dr. Tobias Rabello Leite, que fizesse um relatório sobre as condições do Instituto. O resultado foi a constatação de que não havia ensino, e sim, uma casa que servia de asilo aos surdos.

Foi ao longo de seis anos que o Instituto começou seu declínio: o ensino já não existia e a administração fracassou completamente.

O cenário do estabelecimento na direção de Magalhães virou uma situação de calamidade, descaso e um total desrespeito com os alunos que viviam naquele lugar.

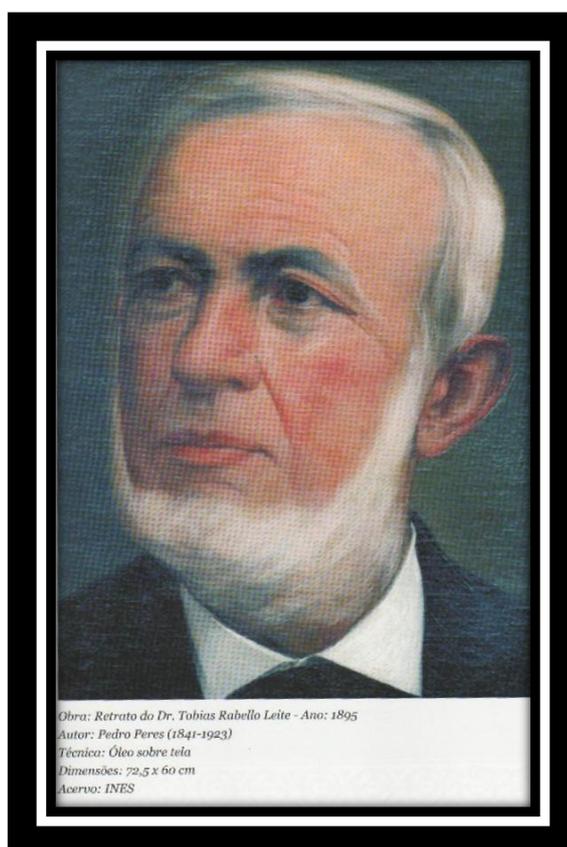
Nos séculos XIX e XX os sujeitos surdos eram representados num ‘olhar’ clínico predominantemente na sociedade hegemônica onde o ‘normal’ era ouvir e falar; então eram considerados como ‘doentes’ e ‘anormais’, muitas vezes eram isolados nas instituições como internatos e asilos e a sociedade fazia muitas caridades e assistencialismo para ajudar estes ‘enfermos’. (STROBEL, 2008, p. 24, grifo da autora).

Não havendo mais condições de Magalhães continuar na direção do Instituto, ele foi exonerado do cargo de diretor. No segundo capítulo abordaremos a chegada do Dr. Tobias Rabello Leite ao Instituto, o trabalho por ele executado, as suas contribuições na educação dos surdos brasileiros, mostrando novos rumos e como conduziu a administração e o ensino.

2 NOVOS RUMOS PARA O IMPERIAL INSTITUTO DOS SURDOS-MUDOS DE AMBOS OS SEXOS: TOBIAS RABELLO LEITE: 1868

Este capítulo tem por objetivo esclarecer como Tobias Leite (Figura 10) definiu novos rumos para o Instituto. Conforme registro no final do primeiro capítulo, Fernando Tôrres, ministro do Império, designou ao chefe da Secção da Secretaria de Estado que Leite fizesse um relatório sobre as condições do Instituto. Como já relatado, o resultado não superou as expectativas de que o Instituto estivesse em boas condições, mas foi a constatação de que não havia ensino, e sim uma casa que servia de asilo aos surdos.

FIGURA 10 - Tobias Rabello Leite- Diretor do Instituto: 1868-1896



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Assim, em 1868, Tobias Leite assumiu a direção do Instituto interinamente. “Essa interinidade se estendeu até 1872, quando foi nomeado diretor efetivo permanecendo na função até sua morte em 1896” (ROCHA, 2008, p. 35). Tobias Leite buscou organizar o que estava fora do lugar dentro do Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e muitos outros

ajustes apresentados no decorrer do texto. Para melhor compreensão de quem foi Tobias Rabelo Leite, a seguir estão registrados os apontamentos biográficos.

2.1 Apontamentos biográficos do Dr. Tobias Rabelo Leite

Conforme registra o Almanak Laemmert (1868), Tobias Rabelo Leite Lemos nasceu no dia 6 de abril de 1827, na província de Sergipe. Filho do Capitão Rabelo Leite e Dona Anna Leite.

Tinha uma forte ligação com seu tio materno, o Padre João da Silveira Lemos, o qual lhe ensinou as primeiras lições educativas.

Em 1840, aos treze anos de idade, Tobias Leite começou a estudar no Collégio da Bahia, onde o Padre da Congregação do Oratório José Joaquim de Moura era o diretor, célebre pela severidade com que tratava os alunos. Aos dezesseis anos, em 1843, Tobias Leite passou para o Collégio do distinto Dr. Hyppolito Perret, que era membro do Instituto da França.

Aos dezessete anos, em 1844, ingressou-se na Faculdade de Medicina da Bahia; em 1846 foi para o Rio de Janeiro e ali se doutorou no dia 20 de dezembro de 1849, aos 22 anos.

Depois dessa trajetória, Tobias Leite entrou no exército da medicina para ajudar a combater a primeira epidemia de febre amarela, quando então serviu nos hospitais do Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe, sua terra natal.

No dia 5 de junho de 1852, aos 25 anos, foi nomeado cirurgião ajudante do corpo municipal da Corte, permanecendo até março de 1853.

Em 1855, fez parte da comissão encarregada do tratamento dos coléricos na casa de correção da Corte, depois se dirigiu para Sergipe, onde a epidemia de cólera se alastrava. Após a extinção da epidemia, obteve, em 1856, aos 29 anos de idade, a direção do serviço da higiene pública, em anexo à secretaria do Império.

Tobias Leite ingressou na política em 1857 e foi eleito suplente de deputado na província do Sergipe com 30 anos. A vida de Tobias era uma constante entre o Rio de Janeiro e a província de Sergipe.

Em 1859, foi nomeado chefe de seção da saúde pública, e, em 1868, aos 41 anos, passou a exercer o lugar de diretor do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, na Chácara das Laranjeiras, nº 95, Rio de Janeiro.

Com o intuito de aprofundar no conhecimento no que se refere à gestão de Tobias Leite, veremos a seguir seus primeiros ensaios de trabalho no Instituto, como conduziu essa

direção, até porque ele era médico de formação e, de repente, se vê em um estabelecimento de ensino regendo um Instituto de educação para surdos, o que foi desafiador.

2.2 Os primeiros ensaios de trabalho do Dr. Tobias Rabello Leite

Tobias Leite, médico sanitarista, recém-chegado ao Instituto, assumiu a interinidade de 1868 a 1872, por quatro anos, depois se efetivou até 1896. Em 1868, enviou um minucioso relatório ao ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, conselheiro José Soares de Souza, no qual declarou que “o Instituto, carece de alterações, não só quanto ao systema do ensino, como no intuito de proporcionar ao estabelecimento meios de desenvolver-se” (LEITE, 1868). Rocha (2008) afirmou que Tobias Leite descreveu as dificuldades encontradas para dirigir o estabelecimento: “[...] anteriormente não havia em execução lei orgânica ou regimento interno que discriminasse os diversos ramos do serviço, nem encontrei prática para aproveitar e para guiar-me uma tarefa para mim inteiramente nova” (ROCHA, 2008, p. 37).

O novo diretor buscou programar novas diretrizes e iniciativas de mudanças no Instituto, cujo objetivo era o de melhorar o atendimento aos alunos surdos, e para isso salientou que seriam necessários novos empregados no estabelecimento para seu bom funcionamento. “Acredito que a educação dos surdos-mudos não é tão difícil, nem de tão pequena importância como geralmente se crê entre nós.” (LEITE, 1869, p. 3).

No mesmo Relatório de 1869, Leite apresentou uma planilha (Quadro 4), na qual constam: número de alunos existentes no Instituto, discriminando quantidade, nomes, idade, filiação, naturalidade, natureza da surdez, estado físico e intelectual, data de entrada e se pensionista.

Como visto no Quadro 4, na planilha dos alunos, o que mais chama a atenção é o estado físico deles: robustos e inteligentes, robustos e pouco inteligentes, anêmicos e inteligentes, anêmicos e pouco inteligentes.

Para firmar compromisso com a educação dos surdos, Tobias Leite buscou o modelo de ensino europeu. Começou a pesquisar literaturas francesas e, nessa busca, encontrou uma circular publicada em 11 de março de 1866, na qual o Ministro da Instrução Pública mandou abrir as primeiras escolas primárias para surdos, assim afirmando aos diretores: “graças a um pequeno numero de processos simples, naturaes, e tão fáceis de aprender como de ensinar, os professores primários poderão, sem detrimento dos seus alumnos, occupar-se com a instrução dos surdos-mudos” (LEITE, 1869).

QUADRO 4 - Planilha dos alunos do Instituto dos Surdos-Mudos, 4 de abril de 1869

Alunos do Instituto dos Surdos-Mudos.								
Numero.	Nomes.	Idade.	Filiação.	Naturalidade.	Natureza da surdez.	Estado physico e intellectual.	Data da entrada.	Penstonista.
1	João Flavio de Azevedo.....	Não consta	Não consta.	Rio de Janeiro (provincia)	Não consta.	Robusto e intelligente.	1859.	Prov. do Rio de Janeiro.
2	Esperidião Gonçalves Fiuza.....	22 annos	Filho legitimo de Pedro Gonçalves Fiuza.	Jacobina (Bahia).	Congenita.	Idem.	1º de Maio de 1860.	Do Estado.
3	Camillo Soares de Almeida.....	16 annos	Filho legitimo de José Soares de Almeida.	Cachoeira (S. Pedro do Sul)	Idem.	Idem.	14 de Novembro de 1860.	Idem.
4	Anna Rosa Gorgolina.....	12 annos	Filha legitima de Jorge Guilherme Bram.	Municipio Neutro.	Adventicia e resultado de convulsões.	Robusta e intelligente.	7 de Dezembro de 1863.	Idem.
5	Orminda Rosa.....	12 annos	Filha natural de Francisca Candida Ferreira.	Idem.	Adventicia e resultado de queda na idade de 1 anno	Idem.	23 de Dezembro de 1863.	Idem.
6	Peregrino Nogueira da Luz.....	9 annos	Filho legitimo de Francisco Nogueira da Luz.	Idem.	Congenita.	Robusto e intelligente.	1º de Março de 1865.	Idem.
7	Augusto do Nascimento Natal.....	6 annos	Filho natural de Maria Antonia do Nascimento.	Idem.	Adventicia e apóz uma queda aos 9 mezes de idade.	Idem.	Julho de 1866.	Idem.
8	João Baptista Paes Barreto.....	18 annos	Filho legitimo do coronel Manoel Xavier Paes Barreto.	Pernambuco.	Adventicia e resultado de hexigas.	Idem.	1º de Setembro de 1866.	Contribuinte.
9	Diogo José da Rocha.....	8 annos	Filho legitimo de Manoel José da Rocha.	Municipio neutro.	Idem e idem.	Idem.	7 de Janeiro de 1867.	Do Estado.
10	Maria Luiza Ribeiro.....	11 annos	Filha legitima de Francisco Alves Ribeiro.	Cantagallo (Rio de Janeiro)	Congenita.	Robusta e intelligente.	1º de Julho de 1867.	Contribuinte.
11	Leonidas Bittencourt Coelho.....	14 annos	Filho legitimo de Francisco Jeronymo Bittencourt Coelho.	S. Carlos do Pinhal (S. Paulo)	Idem.	Robusto e pouco intelligente.	1º de Julho de 1867.	Do Estado.
12	Elidia Rosa Bittencourt.....	13 annos	Idem.	Idem.	Idem.	Robusta e intelligente.	21 de Novembro de 1867.	Idem.
13	Joaquim do Maranhão.....	15 annos	Não consta.	Maranhão.	Idem.	Robusto e pouco intelligente.	10 de Dezembro de 1867.	Idem.
14	Manoel Franklin Moreira de Almeida.	11 annos	Filho legitimo de José Lourenço de Almeida.	Natal (Rio Grande do Norte)	Adventicia e resultado da queda na idade de 2 annos	Robusto e intelligente.	23 de Maio de 1868.	Idem.
15	João Pereira de Malheiros.....	12 annos	Filho legitimo de José Pereira de Malheiros.	Paranaguá (Paraná).	Congenita.	Anemico e intelligente.	Julho de 1868.	Idem.
16	José Pereira de Malheiros.....	9 annos	Idem.	Idem.	Idem.	Anemico e pouco intelligente.	Idem.	Idem.
17	Leopoldo Furtado de Mendonça....	9 annos	Filho legitimo do capitão-tenente Manoel Benicio Furtado de Mendonça.	Municipio neutro.	Idem.	Robusto e intelligente.	16 de Fevereiro de 1869.	Idem.

Instituto dos Surdos-Mudos, 4 de Abril de 1869.

O Director — DR. TOBIAS RABELLO LEITE.

Fonte: LEITE, T. R. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro, 1869. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Na França, as escolas para surdos utilizavam manuais e compêndios no auxílio à aprendizagem dos alunos, cujos modelos de lições eram de fácil entendimento, e “[...] a educação do surdo-mudo depende mais da caridade que da ciência, pois nada mais exige do que a inteligência, o método e a paciência indispensável do professor que ouve e fallão”. (LEITE, 1869, p. 4).

O diretor não tinha dúvidas de que o surdo poderia ser um ser educável, e em suas palavras escritas no Relatório salientou:

Não se podendo duvidar da facilidade de educar surdos-mudos, nem de que a educação converte-os de semi-selvagens em cidadãos tão úteis como os que ouvem e fallão, resta saber si no Imperio existe um numero tal desses infelizes que justifique o dispendio que é necessário para o desenvolvimento deste Instituto. (LEITE, 1869, p. 4).

Tobias Leite mencionou que a educação dos surdos convertia-os de semisselvagens em cidadãos úteis, e essa afirmação de Tobias nos remete a um destaque importante:

O médico francês Dr. Jean-Marie Gaspard Itard (1775-1838), que trabalhou no Instituto de Paris durante 38 anos. Suas pesquisas iniciais estavam para a cura da surdez e, posteriormente, para a aquisição da fala e o aproveitamento dos resíduos auditivos pelos surdos. Seus trabalhos foram apresentados à comunidade científica da França, destacando-se dentre eles o realizado com o menino Victor de Aveyron. Na virada do século XVIII para o XIX, foi encontrado numa floresta, ao sul da França, um menino com doze anos presumíveis que não falava, não respondia a estímulos sonoros e apresentava graves comprometimentos emocionais. O estado do menino ao ser encontrado decorria do isolamento de quase uma década sem nenhum contato com outro ser humano. Itard se interessou pelo caso e, a seu pedido, o menino foi conduzido ao Instituto dos Surdos de Paris, sob sua tutela. A publicação dos relatórios do Dr. Itard, sobre seus procedimentos com o menino Victor, contribuíram para o desenvolvimento de várias pesquisas, dentre elas a de autismo, e também para a obra da pedagoga italiana Maria Montessori e suas experiências com os sentidos. Em 1970, o cineasta francês François Truffaut dirigiu o filme *L'Enfant Sauvage* sobre o menino de Aveyron, cujo roteiro é bastante fiel a esses relatórios. (ROCHA, 2008, p. 18-19).

Tobias Leite preocupou-se com o número de surdos existentes no Brasil, uma vez que na “Europa as estatísticas mais escrupulosas demonstraram que a proporção média é de um surdo-mudo para 2.106 habitantes” (LEITE, 1869).

Nos Estados-Unidos da América do Norte reinava a suposição de que a surdo-mudez só existia na Europa; mas quando em 1830 pela primeira vez tratarão de uma estatística, os arrolamentos demonstrarão que a média, a que haviam chegado os estatísticos da Europa, não falhava desse lado do Atlantico, pois que ficou verificada a existencia de 5.363 surdos-mudos brancos e 743 pretos, filhos daquela Republica. (LEITE, 1869, p. 4).

Com o objetivo de saber o quantitativo de alunos surdos no Brasil, Leite salientou que “[...] entre nós não será fácil uma estatística tão exacta; mas acredito que por intermédio dos

vigários seria possível obter-se uma notícia aproximada do número de surdos-mudos que existissem nas respectivas paróquias” (LEITE, 1869).

Tobias Leite estava entusiasmado com a organização das estatísticas nos outros países. Enviou um Relatório ao Governo Imperial e escreveu que na Europa, América e Ásia havia cento e quarenta e três institutos que se dedicavam à regeneração de pequena parte da humanidade e que, na verdade, não era tão pequena assim. Estava certo de que se fizesse um levantamento do quantitativo de alunos surdos no Brasil, nenhuma província se recusaria a imitar o louvável exemplo do Rio de Janeiro, que era o de implantar outros institutos de surdos-mudos para atender à clientela a ele destinada.

2.3 Decreto nº 4.046, de 19 de dezembro de 1867: reorganização

Para que houvesse um bom desempenho no ensino aos alunos surdos foi necessário que o Governo Imperial adotasse a ideia de reformular o Decreto nº 4.046/1867 (ALMANAK LAEMMERT, 1867). Então, o dirigente do Instituto observou que no regulamento regia que o fim do Instituto era, sim, o de formar homens de letras, mas se contradizia, abordando que:

O fim único destes estabelecimentos é arrancar do isolamento, que embrutece, os infelizes privados do instrumento essencial para a manutenção e desenvolvimento das relações sociais; é enfim converter em cidadãos úteis à sociedade indivíduos que lhe são, e a damnificam involuntariamente. (LEITE, 1868)

Tobias Leite, ao atentar para o ensino da linguagem, constatou uma falha no regulamento quanto à linguagem escrita e à linguagem vocal artificial¹³, pois, no Decreto nº 4.046/1867, aglomerou-se o ensino de ambas as linguagens, dando prioridade à linguagem vocal artificial e não se deu atenção à natureza dos surdos, acumulando matérias da instrução secundária às elementares. Para melhor entender e apreciar a necessidade de alteração do programa de estudos do Instituto, Tobias Leite sugeriu a apresentação das matérias de ensino de Paris e Rio de Janeiro.

O Quadro 5 apresenta a relação e o confronto das matérias de ensino de Paris com as do Rio de Janeiro.

Conforme registra o Quadro 5, o Instituto de Paris foi modelo de todos os Institutos, além do curso elementar, que terminou no quarto ano, houve dois cursos: um secundário, que terminava no sétimo ano, e outro superior. Tobias Leite salientou que, para ele, o curso do Instituto do Rio de Janeiro deveria limitar-se ao curso elementar.

¹³A linguagem “vocal artificial” é a linguagem oral ensinada ao surdo por meio de métodos específicos.

QUADRO 5 - Comparativo das matérias do ensino entre Paris e Rio de Janeiro.

Instituto de Paris	Instituto do Rio de Janeiro
1º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada.	1º Anno.-Articulação artificial, leitura sobre os lábios, leitura, escripta, as quatro espécies e doutrina christã.
2º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, sommar e diminuir.	2º Anno.-Leitura, escripta, arithmetica, grammatica portugueza e historia sagrada.
3º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, historia sagrada, multiplicar e repartir.	3º Anno.-Portuguez, arithmetica, pesos e medidas, geometria elementar e desenho linear.
4º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, historia sagrada, fracções.	4º Anno.-Arithmetica, elementos de historia, geografia, portuguez e francez.
5º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, historia e geographia, decimaes.	5º Anno.-Continuação de historia e geographia, portuguez, francez e desenho.
6º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, historia e geographia e proporções.	-
7º Anno.-Linguagem escripta, linguagem fallada, historia e geographia, complexos.	-
CURSO SUPERIOR.-Grammatica franceza, historia, geographia, arithmetica, álgebra, geometria e direito commum.	-

Fonte: LEITE, T. R. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1868. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ)

É de suma importância notar que o ensino da linguagem escrita tanto em Paris como no Rio de Janeiro foi obrigatório, e que o da linguagem falada só foi dado aos surdos que tivessem adquirido a surdez após seu nascimento, e, aos poucos, aos surdos congênitos suscetíveis de adquiri-la.

Na relação de matérias vistas no Quadro 5, tanto no ensino de Paris quanto no ensino do Rio de Janeiro, é importante destacar:

1º. – Que no Instituto de Pariz até ao 4º anno todos os esforços convergem para atingir o ponto objectivo de taes Institutos, isto é, para dar ao surdo-mudo uma linguagem que o ponha em relação com a sociedade, apparecendo apenas no 3º e 4º anno o ensino da historia sagrada como um meio útil de exercitar a linguagem, e não como matéria para aprender.

2º. – Que o ensino das linguagens escripta e fallada é sempre a base do programma de estudos desde o 1º ao 7º anno. (LEITE, 1869).

Para que o Instituto pudesse caminhar de forma a atender às necessidades do alunado, Leite sugeriu que continuasse a reorganização do Decreto nº 4.046/1867. Afirmou ele que era uma necessidade vital do Instituto, que, como já mencionado, devia limitar-se ao ensino das linguagens escrita e falada, só contemplando a História Sagrada, a Aritmética prática e o Desenho Linear como auxiliares úteis ao ensino (ALMANAK LAEMMERT, 1867).

Quanto ao ensino profissional, Tobias Leite também fez algumas considerações argumentando que o ensino profissional é o complemento de todos os institutos de surdos-

mudos, e são atendidas as disposições físicas e aptidões a todos, exceto aos poucos filhos de famílias abastadas que o recusam.

Mas o art. 20 do Regulamento estava registrado da seguinte forma:

Assim o considera, e determina que deve ser dado depois do 3º anno aos alumnos que pouca aptidão mostrarem para os estudos litterarios, continuando a receber a possível instrucção nas horas que tiverem disponíveis. (LEITE, 1869, p. 6).

Tobias Leite salientou que essa regra não devia subsistir, e reforçou que:

O ensino profissional não é só um benefício para todos os que são educados em estabelecimentos como este, é também uma conveniência do Estado, poisque a instrucção litteraria sem uma profissão, e sem o habito do trabalho, seria um dom improficuo, e muitas vezes funesto ao surdo-mudo, por suggerir-lhe ideias e esperanças incompatíveis como seu estado. (LEITE, 1869)

Em relatório, Tobias Leite escreveu que o “Diretor carece de um empregado que o auxilie na administração, faça a escripturação, o expediente, e o substitua nas ausências a que é forçado pelas exigências do serviço, e nos impedimentos temporários”. (LEITE, 1869).

Em linhas gerais, o diretor propôs que o ensino não tinha como progredir sem dois professores de linguagem escrita, um de desenho, e que além desses era indispensável formar outros que os substituíssem, para suceder ao que estava em exercício.

Outro fator importante que também deixou claro era que o inspetor de alunos deveria ser o espelho deles, afirmando que “[...] a moralidade e a disciplina exigem que delles seja a sombra” (LEITE, 1869)

Tobias Leite demonstrava certa preocupação com as meninas surdas que estudavam no Instituto, e no Relatório de 1869, escreveu:

Existem no Instituto duas alumnas que se approximão da puberdade. Chegando a esta idade, sou de opinião que sejam retiradas do Instituto, embora não tenham, como não terão concluído a instrucção litteraria, porque sem inconvenientes não podem n’elle continuar a residir. (LEITE, 1869, p.7).

Então, o diretor sugeriu que as alunas, já conhecendo os trabalhos de agulha e habituadas a exercer essa função, pudessem ser empregadas no serviço de algum estabelecimento de órfãs, ou na casa de famílias que lhes oferecessem garantias.

No que se refere aos exames, no dia 21 de novembro de 1868, às 11 horas, na Rua das Laranjeiras, nº 95, onde se encontrava o Instituto dos Surdos-Mudos, na augusta presença de Sua Majestade o Imperador, e na de Sua Excelência o Senhor Conselheiro Paulino José Soares de Souza, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, aconteceram os

exames públicos determinados pelo art. 22 do Decreto nº 4.046/1867, cuja execução começou no dia 10 de agosto de 1868.

O Quadro 6 mostra que os alunos foram examinados nos pontos conforme o programa do ensino do Instituto de Paris em prática no Instituto do Rio de Janeiro.

QUADRO 6 - Organização dos conteúdos atribuídos nos exames e os respectivos alunos

Alunos	Conteúdo dos exames
1- João Pereira de Malheiros. 2-Manoel Franklin de Almeida. 3-Joaquim de Maranhão. 4-Elidia Rosa de Bitencourt. 5-Maria Luiza Ribeiro.	- Verbos neutros e activos no imperativo do singular. -Pronomes. -Advérbio de modo.
6-Augusto do Natal. 7-Diogo José da Rocha. 8- Peregrino da Luz. 9- Anna Rosa Gorgolina. 10- Orminda Rosa.	- Adjectivos de qualidade materiaes. - Preposição de relação. - Verbos neutros e activos no imperativo do plural. -Locuções recíprocas.
11- Camilo Soares de Almeida. 12- João Baptista Paes Barreto.	- Verbos no infinitivo, participios presente e passado. - Pronomes relativos e possessivos.
13- Esperidião Gonçalves Fiuza. 14- Tobias Marcelino de Lemos. 15- João Flavio de Azevedo.	- Frases de transmissão de ordens.
TOTAL DE ALUNOS EXAMINADOS	Quinze.

Fonte: LEITE, T. R. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1868. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Vimos, portanto, no Quadro 6, que os conteúdos do exame atendiam, principalmente, a linguagem escrita, que era a valorização da gramática da língua nacional, ou seja, à língua portuguesa.

Terminados os exames, Sua Majestade, como recompensa, premiou os alunos com livros ilustrados, por terem tido bom comportamento e aplicação. Os alunos premiados foram: Esperidião Gonçalves Fiuza, Camilo Soares de Almeida, João Baptista Paes Barreto, Manoel Franklin de Almeida, João Pereira de Malheiros, Elidia Rosa de Bitencourt e Maria Luiza Ribeiro.

Foi lavrado em ata esse acontecimento, e para que houvesse veracidade, ele seguiu assinado pelo Conselheiro, Diretor, Professores, Capelão e o Frei.

2.4 A organização do material didático: 1870

Com o intuito de potencializar o ensino no Instituto, Tobias Leite propôs uma organização do material didático. Para que obtivesse êxito no trabalho dos professores e

atendesse às necessidades específicas dos alunos surdos, Leite buscou em Paris modelos de lições sobre objetos e fatos presentes aos olhos dos alunos.

Salientou que seria necessário ir colecionando cada material produzido pelos professores para formar uma coleção de compêndios e livros especiais para o ensino da língua portuguesa.

Nos documentos e relatórios pesquisados, Tobias Leite mostra-se um tanto cauteloso no quesito de ordem no Instituto, a ponto de dizer que os cadernos que os alunos escreviam poderiam ser destruídos por eles, e em dados momentos terem má índole. Por isso, ele sugeriu colecionar as lições ministradas pelos professores e organizar os compêndios de forma que o conteúdo pudesse mais tarde ser usado por outros institutos e alunos.

Assim, Leite mandou imprimir as lições de Arithmetica Prática organizadas pelo professor Magalhães Couto, que outrora fora diretor do Instituto e que não obtivera êxito como dirigente, mas tivera sua parcela de contribuição como docente.

Nessas lições compostas de professores, o diretor relatou que formaria um curso completo de linguagem escrita, modelado ao método intuitivo¹⁴. Com essas efetivações de sugestão ao ensino, Leite (1870, p. 2) salientou:

Da impressão destes livros não resultará só o proveito de poupar o trabalho de escrever lições, e de prevenir pretextos; resultará também a grande vantagem de difundir pela população o systema de ensino dos surdos-mudos, no qual tão poucos entre nós acreditão.

Tobias Leite queria que os professores acreditassem em seu trabalho e, no Relatório de 1870, registrou:

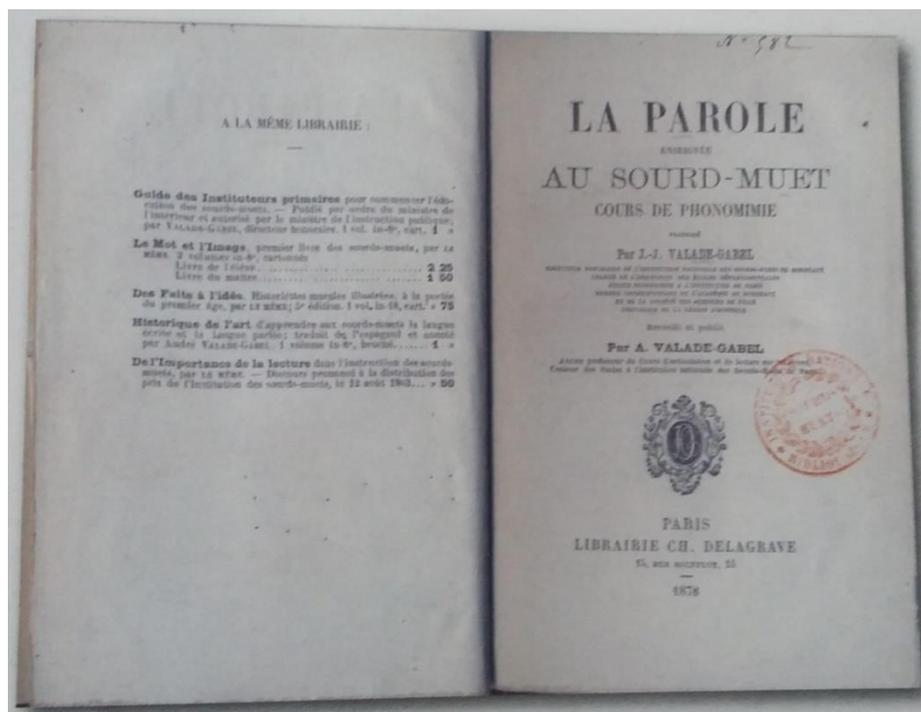
Si conseguirmos levar ao espírito de nossos professores a convicção desta verdade, acredito que teremos feito um grande serviço a nosso paiz, poisque cada um delles poderá cooperar para a regeneração de centenas de infelizes brasileiros, a quem a natureza, ou os accidentes condemnarão ao martyrio de vegetarem n'um ermo no meio do buliço da sociedade, e, o que mais é, à triste condição de serem menos uteis que o mais infimo dos animaes domesticos. (LEITE, 1870, p.2).

A lição que Tobias Leite buscou em Paris foi de autoria do Professor Valade-Gabel, conforme a Figura 11.

A Figura 12 mostra a imagem do Diretor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Bordeaux de Paris, França.

¹⁴Método intuitivo: processo de aprendizagem do aluno, modos didáticos baseados no empirismo, que tem por primazia os sentidos como fonte de conhecimento. (VALDEMARIN, 2009).

FIGURA 11 - Livro de autoria do Professor Valade-Gabel.



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro- RJ)

FIGURA 12 - Jean-Jacques Valade-Gabel
Diretor do Instituto Nacional
dos Surdos-Mudos de
Bordeaux (1838-1850) e
professor do Instituto
Nacional dos Surdos-Mudos
de Paris



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de
Educação de Surdos (Rio de Janeiro,
RJ).

A inserção da Figura 12 foi apenas para deixar registrado nesta dissertação de mestrado que esse personagem Valade-Gabel também contribuiu com a educação de surdos aqui no Brasil com suas publicações.

Tobias procurava cuidar de todas as áreas na educação dos surdos, como o Ensino Religioso, a Educação Moral e o Ensino Profissional, mas o que mais defendia era que, pelas características do Brasil, segundo Rocha (2008), o foco deveria ser no ensino agrícola.

Era de suma importância para o Instituto que todos os alunos estivessem inseridos no ensino profissionalizante, conforme já mencionado em páginas anteriores. Segundo Leite (1869), tanto os de famílias abastadas como os de famílias pobres deveriam ocupar-se de um ofício. Assim, o Diretor estabeleceu que cada aluno tomasse parte de um espaço de terra para começar ali dentro do Instituto as tarefas agrícolas. Tobias Leite relatou que “despertou nelles amor pelo trabalho, mostrando-se convencidos de que é o meio mais seguro de ganhar dinheiro”(LEITE, 1869)

Para reafirmar sua opinião, o trabalho agrícola serviria para sua vida futura após deixarem o Instituto, pois, desde a sua fundação, o objetivo não era o de formar cidadãos letrados, mas sim de tirá-los do isolamento provocado pela surdez; e o trabalho poderia proporcionar a eles liberdade e autonomia.

Conforme a organização do material didático acontecia, era imprescindível o quadro de pessoal para que o trabalho desse certo. Pensando nisso, Tobias Leite verificou que precisaria de dois professores, uma professora de linguagem escrita, um professor de desenho, um capelão e professor de religião, um inspetor, uma inspetora de alunas e um dispenseiro.

Tobias acreditava que para que houvesse proficiência na aprendizagem literária dos alunos, segundo o Relatório (LEITE, 1869) “[...] qualquer professor de instrução primária, inteligente e zeloso podem ensinar aos surdos-mudos tão bem como aos que ouvem e fallão”, e acrescentou:

Dos compêndios e livros francezes só são aproveitáveis para o surdo-mudo brasileiro os moldes para sobre elles se comporem lições de linguagem portugueza escripta com as modificações exigidas pela diversidade da língua e dos costumes. (LEITE, 1869).

A ideia inicial de Tobias Leite, a de buscar recurso didático na Europa, permitiu e contemplou as necessidades educacionais dos surdos, principalmente dos que eram matriculados no Instituto.

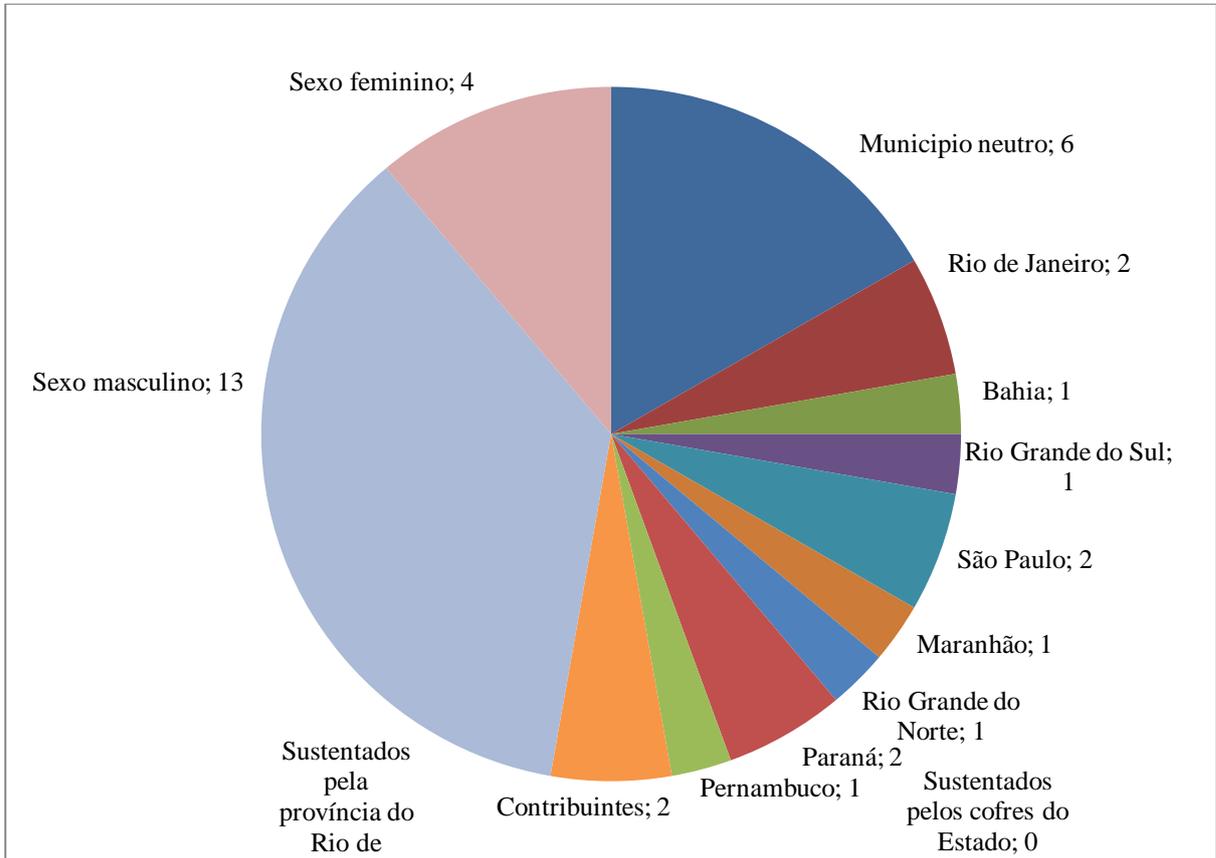
2.5 A nova fase do instituto como estabelecimento de ensino

Com a nova fase, o Instituto começou a se estabilizar, depois de alguns reparos e ajustes no Decreto nº 4.046/1867, melhorias começaram a acontecer.

No Relatório de 1870, publicado em 1871, apresentado à Assembleia Geral na 3ª sessão da 14ª Legislatura, foi constatado mais uma vez o número de alunos existentes no Instituto: 17 alunos, 13 do sexo masculino e 4 do sexo feminino (LEITE, 1870).

O Gráfico 2 apresenta a procedência e o quantitativo de alunos que estavam matriculados no Instituto em 1870. Percebe-se que a expansão do ensino estava alcançando outras províncias, de modo a contribuir com a educação dos surdos nesse cenário brasileiro.

GRÁFICO 2 - Procedência e quantitativo de alunos no Instituto em 1870.



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Ao compararmos o Gráfico 1, de 1856, com o Gráfico 2, de 1870, catorze anos depois, mesmo a passos lentos, notamos que o projeto de abertura do Instituto estava cada vez mais se tornando um projeto nacional.

Os registros no Relatório (LEITE, 1871) enfatizam que:

Com tempo o Instituto, cujas vantagens irão cada vez melhor apreciadas, há de prestar mais importantes serviços à instrução e educação dos numerosos surdos-mudos que infelizmente existem em nosso paiz, habilitando-os para se tornarem cidadãos uteis, como convem.

O Instituto estava sendo regido com maestria pelo Diretor Dr. Tobias Rabello Leite. Uma nova cultura escolar estava sendo implantada naquele estabelecimento; portanto, são notórias algumas normas criadas e que deveriam ser severamente cumpridas, para que os alunos fossem contemplados com um ensino peculiar para a época. Quando se aborda sobre cultura escolar, pode-se mencionar que:

A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001 p. 10).

Conforme já relatado em registros anteriores neste texto, Tobias Leite não se limitou ao número de alunos assistidos pelo Instituto, mas demonstrou certa preocupação em saber o quantitativo de surdos que existiam no Brasil.

Rocha (2009) afirma que Tobias Leite solicitou ao Comissário do Governo um censo contendo informações sobre a presença de surdos em todo o território nacional. Solicitou também a ajuda dos padres das paróquias para que fizessem um levantamento de quantos surdos existiam em suas províncias.

Os padres começaram uma campanha em busca da quantidade de surdos em quinze províncias, e conseguiram identificar 1.392 surdos, dos quais 468 eram menores de 14 anos, e os lugares pesquisados foram: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Paraná, Ceará, Pernambuco, S. Pedro do Rio Grande do Sul, Sergipe, Parahyba, Maranhão, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Alagoas, Espírito-Santo e Amazonas¹⁵.

Para melhor visualização, a Tabela 4 mostra como fizeram a identificação do quantitativo de alunos surdos, especificando os gêneros masculino e feminino e a faixa etária.

Como sinalizou a Tabela 4, esse levantamento revelou-nos o quantitativo de surdos que não eram assistidos em suas necessidades educacionais nem comuns, muito menos específicas, ou seja, eles não estudavam.

¹⁵Manteve-se aqui a grafia original.

TABELA 4 - Levantamento de surdos-mudos existentes em quinze províncias - 1871

Províncias	Menores de 14 anos		Maiores de 14 anos	Total
	Sexo masculino	Sexo feminino		
São Paulo	81	49	402	532
Minas	41	35	82	158
Rio Grande do Norte	34	21	64	119
Paraná	30	27	58	115
Ceará	16	15	49	80
Pernambuco	20	7	52	79
S. Pedro do Rio Grande do Sul	16	9	34	59
Sergipe	11	4	33	48
Parahyba	6	3	34	43
Maranhão	7	1	34	42
Rio de Janeiro	4	5	31	40
Santa Catarina	7	2	21	30
Alagoas	6	3	12	21
Espírito-Santo	3	5	11	19
Amazonas			7	7
Total	282	186	924	1.392

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro, RJ, 1871.

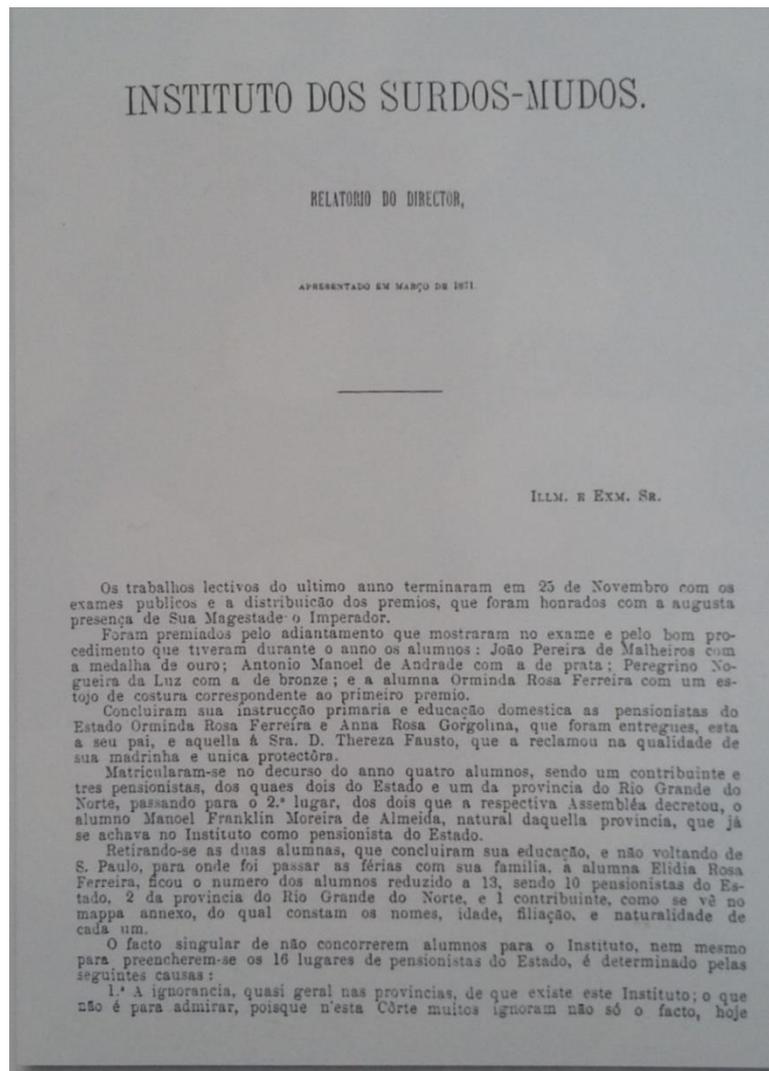
Em março de 1871, Tobias Rabello Leite afirmou no Relatório que o estabelecimento estava crescendo, e o número de surdos existentes nas províncias era bem expressivo. Como até então o Instituto ainda era de teor particular, apenas com subsídios sustentados dos cofres estatais, necessitava atender mais surdos que perambulavam pelas ruas como indigentes, sem terem onde ficar, muitos até mesmo abandonados por suas famílias (LEITE, 1871).

A fim de que o Instituto ampliasse mais seu espaço físico e tivesse mais subsídios estatais, Tobias Leite então sugeriu que “[...] convêm funda-lo regular e definitivamente, e dar-lhe o possível desenvolvimento” (LEITE, 1871).

A Figura 13 mostra o Relatório de 1871 escrito por Tobias Leite, informando as atividades desempenhadas pelos alunos dentro do Instituto e justificando que realmente deveria ser ampliado.

Conforme visto na Figura 13, além das atividades desempenhadas pelos alunos foi relatada também a data da conclusão do ano letivo e a premiação com medalhas de ouro.

Essas medalhas tinham o peso de 14 gramas; seu módulo era de 25 milímetros; na face tinha o símbolo do Espírito Santo e na legenda estava escrito: *Fons Sapientiae- Studii Premium*. No verso havia, como emblema de estudo, um livro aberto e uma pena de escrever; nas folhas do livro estava escrito *Petrus II Braz. Imp.* e na legenda estava escrito: Instituto dos Surdos Mudos do Brasil. Essas medalhas só conquistaram os alunos que tiveram bom procedimento nos exames.

FIGURA 13 - Relatório do Diretor Tobias Rabello Leite (1871)

Fonte: LEITE, T. R. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1871. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

2.6 O compêndio: publicação das lições de linguagem escrita (1871)

Em 1871, Tobias Leite notou que não existia nenhum livro em português para o ensino aos alunos surdos; tendo conhecimento de que na Europa havia material didático para eles de autoria do professor e diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Paris, Jean-Jacques Valladegabel, e, na tentativa de acertar, Tobias Leite trouxe esse material para o Brasil e afirmou:

Não se acreditando então na proficuidade do ensino aos surdos-mudos, offereci 500 exemplares das Lições aos presidentes das provincias de Minas, S. Paulo, Paraná e Goyaz, para serem distribuídos pelos professores primários dos logares em que houvesse maior numero de surdos-mudos. (LEITE, 1871, p. 5).

Tobias Leite, convencido de que as publicações pudessem ajudar na aprendizagem dos alunos surdos e no ensino dos professores, não hesitou em publicar mais edições e escreveu:

Para melhor corresponder á particular solicitude, que S. Ex. tem manifestado por diversos actos, pela educação dos surdos-mudos, entendi conveniente reunir á parte pratica, que foi publicada nas duas primeiras edições com o titulo de Lições de Linguagem escripta- a parte theorica, que também a expensas minhas publiquei em 1874 com o titulo de Guia para os Professores Primarios, e addicionei-lhe as lições de arithmetica e metrologia do respectivo professor do Instituto, formando assim um compendio. (LEITE, 1874).

No compêndio publicado por Tobias Leite, este salientou que os professores deveriam conhecer seu discípulo, saber os costumes adquiridos em sua vida doméstica, que seria bom estudar o temperamento de cada aluno, seu gênio e seu caráter.

Tobias Leite orientou ainda aos professores que, antes de começar a ensinar o aluno surdo, era imprescindível saber distinguir o grau de perda auditiva dele, saber o que lhe causou a surdez, para que pudessem desempenhar sua função com precisão.

Tobias Leite(1871, p. 8) explicou, ainda, que havia duas espécies de surdo-mudez: “A congênita e a accidental, a primeira é devida a faltas no organismo, e que a segunda é consequência de accidentes sobrevindos na ocasião do nascer, ou no decurso dos 10 ou 12 primeiros annos de idade”.

No compêndio, Tobias Leite deixou afirmado muitas explicações aos professores de alunos surdos O Quadro 7 apresenta os apontamentos por ele levantados, relatando as características físicas da surdez congênita e a surdez adquirida ou accidental.

QUADRO 7 - Aparência física dos alunos com surdez congênita e surdez accidental (surdez adquirida) observada por Tobias Leite em 1871

Surdez congenita	Surdez accidental
<ul style="list-style-type: none"> - tem a face pallida - a physionomia morta -o olhar fixo -a caixa toraxica deprimida -movimentos lentos -caminhar trôpego e oscilante - excessivamente tímido e desconfiado 	<ul style="list-style-type: none"> - Facilmente se reconhece pela face - successivamente ora corada, ora pallida -olhos vivos -o olhar rápido e móvel -physionomia alegre -curiosidade excessiva -caracter susceptível -nimiamente violento.
Percentual de aprendizagem:	Percentual de aprendizagem:
15% tem intelligencia sufficiente para as letras.	65% tem intelligencia igual a dos fallantes, maior ou menor, prompta ou tarda.

Fonte: LEITE, T. R. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1871.

Conforme sinaliza o Quadro 7, a surdez tanto congênita quanto accidental, segundo Tobias Leite, era denunciada na aparência física do aluno surdo.

Ao depararmos com a aparência dos alunos, conforme Tobias Leite aponta no Quadro 7, com surdez congênita, face pálida, fisionomia morta, olhar fixo, caixa torácica deprimida, movimentos lentos, caminhar trôpego e oscilante, excessivamente tímido e desconfiado, tem-se em Foucault (2001) a seguinte colocação:

O eixo da corrigibilidade incorrigível vai servir de suporte a todas as instituições para anormais que vão se desenvolver no século XIX. Monstro empalidecido e banalizado, o anormal do século XIX também é um incorrigível, um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção. Eis o ancestral do anormal do século XIX. (FOUCAULT, 2001, p. 73).

O sujeito surdo era uma espécie de jogo entre a família, a sociedade, a igreja, as ruas, até que a instituição de ensino, no caso o Instituto para Surdos-Mudos do século XIX, tentou recuperá-lo e corrigi-lo, conforme visto em citação anterior.

Após os professores conhecerem a espécie das perdas auditivas ou a causa da surdez, era ainda importante que eles tomassem para si mais uma das muitas recomendações que Tobias Leite deixou escrito:

Conhecida a espécie de surdo-mudez, com a delicadeza e discrição necessárias, deve o professor procurar informar-se do modo por que o surdo-mudo foi tratado na família, para levantar o moral do que tiver sido levado pelo abandono até o desprezo de si mesmo, e para corrigir os excessos caprichosos dos que pela condolência dos pais chegarão quase ao estado de ferocidade. (LEITE, 1871).

À medida que os professores iam estudando e acatando as orientações de Tobias Leite (1871), eles reconheceram rapidamente a espécie da perda auditiva, e logo perceberam “a natureza semi- morta do surdo-mudo congênito” e também a “natureza fervente e explosiva do surdo-mudo accidental”.

Tobias Leite apontou ainda que havia uma condição essencial para que o professor tivesse um bom relacionamento com seu aluno:

Essa condição é a confiança. Sem que o professor consiga inspirar a seu discípulo surdo-mudo solida confiança de que só procura o seu bem- estar, inúteis, senão funestos, serão todos os seus esforços. E para conseguir essa confiança, que se traduz logo em cega afeição, só há um meio, a – amizade, manifestada racionalmente por todos os meios e em todas as ocasiões. (LEITE, 1871).

A ideia de que o professor deveria conhecer o aluno, segundo Tobias Leite, era “preceito recorrente à Pedagogia”, ou seja, uma pedagogia que fosse alicerçada na psicologia para que o relacionamento professor e aluno obtivesse resultados positivos; se negativos, caberia uma revisão autocrítica do saber ensinar e/ou ter mais conhecimento sobre o alunado.

“assim como o jardineiro deve ter conhecimentos de botânica, também o professor deve conhecer a criança” (GAUTHIER et al., 1998, p. 26).

Ensinar o aluno surdo não é uma tarefa tão difícil que um professor não consiga executar. Leite (1871), salientou que o “venerando professor J. J. Valade Gabel gravou as seguintes palavras, que o verdadeiro professor deve trazer sempre em lembrança”:

Os maiores obstáculos que se encontram na educação dos surdos-mudos não procedem da enfermidade desses pobres meninos, nem do abandono em que tenham vivido e não provêm também das formulas singulares que os signaes mímicos dão ao pensamento, nem da fraqueza de suas faculdades intellectuales: não hesito em dizê-lo: estes obstáculos, reputados quasi invencíveis, procedem de nós professores; é a tradição das falsas doutrinas, é nossa preguiça que os levantão; nós não sabemos fazer-nos pequenos, simples com os simples, só queremos mostrar sciencia quando apenas é necessário o bom senso; queremos levar a luz á intelligencia do menino antes de termos esclarecido sufficientemente a nossa. (LEITE, 1871).

Mediante as palavras do professor Valade Gabel, Tobias Leite salientou que, ao invés de desanimar, “redobrei de esforços e enchi-me de novo ardor para o desempenho da obra de caridade, para a qual peço o concurso de todos os professores primários” (LEITE, 1871, p. 11-12).

Assim, o Instituto foi ganhando espaço naquela obra de caridade e assistencialismo. Consequentemente, os resultados foram apoiando-se nas experiências de ensino e aprendizagem uns com os outros, e o projeto de dar continuidade à instrução literária dos alunos surdos tornava-se cada vez maior.

2.6.1 O compêndio: generalidades e assuntos pertinentes

Em decorrência do crescimento do Instituto, perguntas a respeito da pessoa com surdez foram surgindo. As indagações, as respostas e as curiosidades tiveram uma conotação de que a instrução literária estava surtindo efeito tanto para os alunos quanto para a sociedade, que queria saber quem era aquele ser que comumente era chamado de surdo-mudo.

Tobias Leite, no século XIX, em 1871, no Compêndio, descreveu que “surdos-mudos são aqueles que nascêrão inteiramente surdos, e os que desde seus primeiros annos fôrão victimas de surdez mais ou menos completa” (LEITE, 1871).

“Vítimas da surdez” nos remete à doença, epidemia; algo que deveria ter cuidado para não se contaminar. O estereótipo de vitimização transmite-nos um aspecto de que as pessoas surdas, além de terem sido marginalizadas e discriminadas, eram enfermas por serem possuidoras de surdez.

Segundo Strobel (2008), muitos estudiosos procuravam desesperadamente a cura para a surdez. E, pior ainda, muitos sujeitos surdos foram cobaias sofrendo agonias em mãos de muitos médicos e estudiosos.

Strobel (2008, p. 99) relata que o Dr. Itard, “acreditando que a surdez pôde ser causada por um acúmulo da drenagem fez cirurgia de derivações com a instalação de metal em diversos surdos”.

Com essa inquietação de os médicos quererem curar o surdo, entende-se que o normal era ser ouvinte. Ser surdo, com certeza, fugia dos padrões da normalidade, seria não aceitar o diferente, a busca da cura era tanta e todas sem sucesso.

Itard interrompeu o tratamento e concluiu: “A medicina de nada vale naquilo que está morto e, por aquilo que me foi dado a observar, não há vida no ouvido de um surdo-mudo. Quanto a isso, não há nada que a ciência possa fazer”. (LANE, 1992 apud STROBEL, 2008, p. 192, grifo da autora).

A cura da surdez foi uma busca incessante, muitos médicos se “preocupavam” em sarar os ouvidos dos surdos, e, mesmo com os insucessos, insistiam na cura do ouvido que não ouvia.

Houve outro que sucedeu Dr. Itard, o Dr. Prosper Ménière (1799-1862), chefe de medicina do Instituto Parisiense, ele ousou fraturar o crânio de um jovem aluno surdo alegando que por essa abertura a criança deveria perceber-se e sentir os sons e como resultado, a criança não ouviu e continuou surda-muda. (MITTERRAND, 1989 apud STROBEL, 2008).

Como vimos, foram inúmeros os casos de tentativas da cura para a surdez. Por outro lado, retomando o Decreto nº 5.626/2005, tem-se a surdez como “manifestação cultural” (BRASIL, 2005). Essa manifestação cultural que o referido Decreto traz é a maneira com que vive o sujeito surdo, seus costumes, sua diferença linguística. As trocas de experiência com o outro nos mostra a leveza de como compreendem o mundo a sua volta, a captação das coisas com os olhos. Mesmo lhe faltando a audição física, existe uma transportadora de estímulo e incentivos que faz com que os surdos interajam entre si, encorajando um ao outro a lutar pelos seus direitos de serem cidadãos, valorizando suas habilidades. Essa transportadora pode ser chamada de cultura.

Desde sempre o ser humano foi considerado um ser cultural por viver em sociedade e ter a necessidade de conviver. E nesse conviver instaura-se as trocas sociais de hábitos, costumes e informações. Cultura é a melhor forma de apresentar a sociabilidade do indivíduo, sendo ele surdo ou não; pois este sujeito é ser possuidor de características próprias dos atos sociais. (FARIA ROSA, 2009, p. 47).

Cultura pode ser uma característica de costumes que permeia povos, comunidades, possibilitando assim uma interação que vai além de uma mistura cultural. “Uma cultura nasce,

surge, defronte às diversidades impostas pela convivência e pelas necessidades percebidas no meio em que existe.” (FARIA ROSA, 2009, p. 49). Essa diversidade podemos também chamar de multiculturalismo.

2.6.2 O compêndio: parte teórica e curiosidades

Inúmeras são as curiosidades que giram o entorno do aluno surdo, perguntas frequentes de como ele aprende, como se ensina, até mesmo muitas decisões da parte dos não surdos são tomadas para decidirem o que é melhor para o sujeito surdo.

Assim, o Compêndio que Tobias Leite pregava mostra uma série de indagações curiosas que, na medida do possível, era respondida aos interessados. Dentre essas indagações, mencionaremos as que mais nos chamam a atenção.

P. A surdez é a única causa da mudez?

R. Não, o idiotismo, a imbecilidade, e algumas vezes, muito raras, é verdade, os defeitos de conformação dos órgãos vocaes são causas da mudez. (LEITE, 1871, p. 2).

Sobre o olhar da sociedade do século XIX, podemos ver que era um olhar preconceituoso, cheio de arrogância. Diminuir o surdo a idiota e imbecil, a ponto de excluir o aluno surdo do Instituto que tivesse alienação mental, ou qualquer moléstia incurável e que ainda fosse incorrigível, ou, às vezes, com defeitos, é o que Foucault afirma:

O indivíduo a ser corrigido também tem em comum com o monstro esta outra diferença: sua taxa de frequência é evidentemente muito mais elevada. O monstro é, por definição, uma exceção; o indivíduo a ser corrigido é um fenômeno corrente. É um fenômeno tão corrente que apresenta- e é esse seu primeiro paradoxo- a característica de ser, de certo modo, regular na sua irregularidade. Por conseguinte, a partir daí vai se desenrolar também toda uma série de equívocos que vamos encontrar por muito tempo, depois do século XVIII, na problemática do homem anormal. (FOUCAULT, 2001, p. 72).

O ingresso do aluno surdo no Instituto era uma maneira de ser corrigida sua “anormalidade”, pois o aluno que era matriculado nesse estabelecimento de ensino recebia instruções. Segundo o que está registrado no Compêndio (1871), “muitos surdos-mudos têm conseguido escrever a língua do seu paiz com uma exactidão de ideias e correcção notaveis”.

As indagações e as curiosidades eram cada vez mais instigantes:

P. Póde-se ensinar a fallar aos meninos completamente surdos de nascimento?

R. Sim, mas o ensino da palavra a esses meninos exige muito tempo e muito trabalho, tarefa que, sendo muito penosa para o professor, e não tendo nenhum attractivo para o menino, nunca produz senão resultados imperfeitos. (LEITE, 1871, p. 2).

“Aos meninos completamente surdos de nascimento” (LEITE, 1871), está uma relação entre o grau de perda auditiva. Nesse caso, pode-se compreender que a “surdez profunda” está relacionada com “completamente surdos”. A surdez profunda impossibilita a pessoa de ouvir barulhos, como o ruído de caminhão, de avião, salvo se essa pessoa queira usar o aparelho de amplificação sonora, a prótese auditiva ou até mesmo se optar por implante coclear¹⁶.

“Ensinar” o aluno com surdez profunda a falar é para ele uma forma de punição e poder sobre o outro; é autoritarismo; é algo imposto pelo não surdo, não para “ajudar” o surdo, mas, sim, uma tentativa de amenizar a agonia do não surdo a uma comunicação que se torna cada vez mais inviável. Seria o mesmo que estar em uma sala de bate-papo onde todos usam determinada língua, de preferência a oral, e apenas um sujeito não compreende o que está sendo falado nem mesmo consegue absorver o sentido das expressões manifestas durante o momento em que se pode chamar de “falta de comunicação”. Mesmo ocupando o mesmo território, podemos afirmar que é um estrangeiro em sua própria terra.

[...] dentro do contexto das políticas surdas, podemos dizer que o ‘etnocentrismo ouvintista’ é a ideia dos sujeitos adversários que não aceitam os sujeitos surdos como diferença cultural e sim que eles têm que se moldar um modelo ouvinte, isto é, os surdos devem imitar os ouvintes falando e ouvindo. (STROBEL, 2012, p. 100, grifo da autora).

Em suas palavras, Tobias Leite afirma que ensinar o surdo a falar é “penoso para o professor”. E para o aluno com surdez? Não seria penoso de igual ou pior modo?

Referente às práticas ouvintistas sobre o aluno surdo, compreenderemos melhor a partir da explicação de Skliar (2010), quando afirma:

O ouvintismo- as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos- e o oralismo- a forma institucionalizada do ouvintismo- continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo.
[...] Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 2010, p. 15).

Por outro lado, Tobias Leite não era contra a língua de sinais. Naquele tempo, no século XIX, falava-se “linguagem dos sinais”. Há certa diferença entre língua e linguagem, sendo assim podemos então abordar que:

A linguagem envolve uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como a Psicologia, a Antropologia, etc., além da investigação linguística, não se prestando, portanto, para objeto de estudo dessa ciência. Para esse fim, Saussure separa uma parte do todo linguagem, a *língua*- um

¹⁶É uma prótese auditiva composta de componentes internos e externos que substituem as células sensoriais do órgão de Corti, ativando diretamente as terminações nervosas do nervo auditivo. (SABERES..., 2005).

objeto unificado e suscetível de classificação. A língua é uma parte essencial da linguagem; “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. (PETTER, 2002, p. 14, grifo da autora).

Tobias Leite acreditava que a primeira educação do surdo deveria ser com a família e, posteriormente, o aluno com surdez deveria receber instruções as quais se tratavam “somente de civilizar o surdo-mudo, e de fazer conhecer os principais deveres do homem para com Deus, para com a sociedade e para consigo mesmo, a linguagem natural dos sinais pódé bastar” (LEITE, 1871, p. 3). Podemos aqui então compreender que essa colocação de Tobias Leite seria uma resposta para o “ser cidadão de bem”.

Quando Leite enfatiza que a linguagem natural dos sinais poderia bastar, entende-se que ele acreditava que o aluno surdo, “apesar” de tudo, também aprenderia por meio dos sinais.

2.6.3 O compêndio: o método intuitivo e suas aplicações ao ensino dos primeiros elementos da língua

Os olhos “são as janelas da alma, por onde advêm a cada um todas as noções de cores, forma, tamanho, posição, escripta e innúmeras qualidades dos objetos”.
(CALKINS, 1950 apud VALDEMARIN, 2001, p. 161).

A instrução literária oferecida aos alunos do Instituto buscou acompanhar a mesma instrução oferecida aos alunos não surdos da escola comum do século XIX, com as adaptações necessárias de modo que houvesse tentativa de aprendizagem.

A propósito, os estudos de Souza, R. (2000) atestam que:

No decorrer do século XIX, conteúdo e método de ensino fizeram parte do intenso debate sobre a questão política da educação popular e os meios para efetivá-la, entre eles, a melhor organização pedagógica para a escola primária. Em toda parte, difundiu-se a crença no poder da escola como fator de progresso, modernização e mudança social. A idéia de uma escola nova para a formação do homem novo articulou-se com as exigências do desenvolvimento industrial e o processo de urbanização. (SOUZA, R., 2000, p. 11).

Tobias Leite procurou atender aos alunos em suas mais tenras necessidades de aprendizagem e nas mais variadas formas de instrução. Assim, partiu do pressuposto de adotar o método intuitivo dentro do Instituto, que também circulava em outros institutos e nas escolas comuns de ensino.

A educação litteraria limitou-se ainda ao ensino da linguagem escripta, pelo methodo intuitivo, o melhor de todos os conhecimentos até hoje, e em todos os Institutos de que tenho notícia, com as pequenas modificações nos programmas exigidas pelo gosto ou pelas conveniências dos respectivos Professores. - E

realmente é este methodo tão efficaz, até para os que ouvem e fallam, que nos Estados-Unidos da América vai substituindo o antigo systema de ensinar a ler pelas letras e pelas syllabas. (LEITE, 1871, p. 5).

O surdo absorve o conhecimento por meio da intuição. Leite (1871) afirma que em pedagogia intuição significa o “conhecimento directo das cousas pela vista, pelo tacto e pelos outros sentidos”. Tobias Leite cogitou a possibilidade de enviar um professor para a Alemanha para aprender com proficuidade o método intuitivo para aplicar no Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, mas afirmou não ser necessário pelo quantitativo de alunos não ser suficiente e que não faria nenhum sentido ter gastos financeiros enviando algum professor para o exterior.

Em conformidade com Souza, R. (2000, p. 12, grifo da autora):

O método intuitivo, conhecido também como lições de coisas, consistiu no núcleo principal da renovação pedagógica. Fundamentado especialmente nas ideias de Pestalozzi e Froebel, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato.

Tobias Leite fez uma ilustração no que se refere ao método intuitivo e escreveu:

[...] Tomando a mão por modelo, leva o surdo-mudo a compreender a língua escripta, e a escrever seus pensamentos. Este methodo apoia-se em um conjuncto de meios, que se approximão o mais possível dos que empregão todas as mãos para ensinar aos meninos que ouvem a compreender as palavras, e a exprimi-las com a propria voz. (LEITE, 1871, p. 30).

Ao ensinar os primeiros elementos da língua, um fato curioso apresenta-se em relação à instrução ao aluno surdo. O Compêndio traz indagações da seguinte maneira:

P. Não é inteiramente pela rotina que os meninos que ouvem aprendem a fallar?
R. Não; é pelo exercício de suas faculdades physicas, moraes, e intellectuaes, cujo desenvolvimento a mão provoca, sustenta e dirige, apoiando-se no instincto e na linguagem dos factos.

A pessoa com surdez capta o mundo e as coisas ao seu redor com os olhos, pois os surdos ouvem com os olhos e falam com as mãos. Como mencionado no prólogo deste subitem “os olhos são a janela da alma”, sendo assim mais indagações aborda o Compêndio:

P. O ouvido, que é para nós uma das portas da intelligencia, está sempre fechada no surdo-mudo?
R. Sem duvida; mas, segundo a expressão do abbade l’Epée, se faz entrar por meio da escrita, o que em nós entra pelos ouvidos por meio da palavra. (LEITE, 1871, p. 30).

Implantar ou adotar o método intuitivo dentro do Instituto seria uma renovação na educação dos surdos, pois proporcionaria a eles um aprendizado diferente, de maneira que eles tivessem a oportunidade de aprender a língua oral na modalidade escrita.

Aos alunos que tinham surdez acidental (resíduo auditivo), era contemplado o ensino da escrita e da leitura, e quanto aos alunos que tinham surdez congênita (surdez profunda), a eles era mais fácil compreender as lições por meio da língua de sinais.

Tobias Leite acreditava que o surdo aprendia por meio da observação, “é necessário aprender vendo praticar por seus mestres” (LEITE, 1871).

Em seus estudos, afirma Valdemarin (2001, p. 158):

No cerne da renovação pedagógica, encontra-se a elaboração e difusão de um novo método de ensino: concreto, racional e ativo, denominado “ensino pelo aspecto”, “lições de coisas” ou “ensino intuitivo”. O novo método pode ser sintetizado em dois termos: observar e trabalhar. Observar significa progredir da percepção para a ideia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar consiste em fazer do ensino e da educação na infância uma oportunidade para a realização de atividades concretas, similares àquelas da vida adulta. Aliando observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir.

Como Tobias Leite afirmou anteriormente, que o surdo aprende observando, vendo, para depois fazer igual, o uso da imagem e da palavra proporciona ao aluno uma aprendizagem profícua, lembrando que o surdo capta as coisas em seu entorno com os olhos, sendo assim o Compêndio registra a seguinte indagação:

P. De que modo se póde ter certeza de que a vista da imagem recorda a lembrança do nome, e vice-versa?

R. O livro illustrado de que se fallou, apresenta primeio a imagem e a palavra reunidas, e depois a imagem separada do nome. Mostra-se ao alumno, e pede-se que mostre o nome, e vice-versa. (LEITE, 1871, p.38).

Para melhor entender essa atividade de imagem e palavra, a Figura 14 mostra que, primeiro, se deve aprender o concreto e depois o abstrato. Se o professor compreender que esse pode ser o melhor meio pelo qual o aluno aprende, torna-se mais fácil e menos “penoso” para eles assimilarem o conhecimento.

Ao apresentar os princípios pelos quais os alunos aprendem do conhecido ao desconhecido, do concreto ao abstrato, observamos na Figura 14 que a criança surda tem um jeito peculiar de aprender. Isto porque, além da imagem e da palavra na língua oral na modalidade escrita, ainda há a língua visual, que é a de sinais, formando assim um conjunto com as variações de tempo, espaço e circunstâncias que favorecem a assimilação do conteúdo ensinado.

FIGURA 14 - Aplicação do método intuitivo: do concreto ao abstrato-imagem/palavra.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Paranaíba, MS.

Em conformidade com Tobias Leite, a educação do surdo não é tão difícil, nem de tão pequena importância como geralmente se acreditam.

No capítulo três, a seguir, abordaremos fatos marcantes na educação dos surdos, como o ex-aluno do Instituto, Flausino José da Costa Gama, que se tornou Repetidor; o Regimento Interno; o Congresso de Milão, que foi um período obscuro que o Instituto atravessou; e a 26ª Questão, que são os pareceres do Dr. Menezes Vieira e do Dr. Tobias Rabello Leite no Congresso de Instrução do Rio de Janeiro.

3 FATOS HISTÓRICOS E MARCANTES NO IMPERIAL INSTITUTO DOS SURDOS-MUDOS DE AMBOS OS SEXOS: 1870- 1896

A Figura 15 mostra o Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos.

FIGURA 15 - Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Esse capítulo aborda fatos marcantes na educação dos surdos, como um companheiro de infortúnio, o ex-aluno do Instituto Flausino José da Costa Gama, que se tornou Repetidor; o Regimento Interno; o Congresso de Milão, que foi um período obscuro que o Instituto atravessou. Também veremos como Tobias Leite conseguiu administrar a instrução aos alunos nessa fase de transição: “linguagem dos sinais” para oralismo puro; a 26ª Questão, que são os pareceres do Dr. Menezes Vieira e do Dr. Tobias Rabello Leite no Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, dois médicos que se destacaram na educação, e o registro da morte de Tobias Leite em 1896, aos 69 anos de idade.

3.1 Um companheiro de infortúnio: Flausino José da Costa Gama, o Repetidor

No capítulo dois foi abordada a importância da presença do Repetidor das lições ministradas pelos professores do Instituto.

O Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro seguia os moldes de ensino do Instituto de Surdos-Mudos da Europa como mencionado anteriormente, e os alunos que estudavam no Instituto se tornavam os professores do local.

Além dos professores, havia também os professores Repetidores, que desempenhavam uma função indispensável na educação dos surdos. Neste subitem, apresentaremos a atuação do ex-aluno Flausino José da Costa Gama, que se tornou Repetidor das lições aos alunos.

No Quadro 8, podemos ver na sequencia de 1 a 13, o aluno Flausino, que ocupa o último lugar na planilha dos alunos publicada em 1870, constando sua idade, filiação, naturalidade, natureza da surdez, estado físico e intelectual, data da entrada e o teor de sua estada no Instituto, se pensionista do Estado ou particular.

QUADRO 8 - Planilha dos alunos do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de ambos os Sexos de 1870

Alunos do Instituto dos Surdos-mudos.								
NUMERO.	NOME.	IDADE.	FILIAÇÃO.	NATURALIDADE.	NATUREZA DA SURDEZ.	ESTADO PHYSICO E INTELLECTUAL.	DATA DA ENTRADA.	PENSIONISTA.
1	Anna Rosa Gorgolina.	15 annos	Filha legitima de Jorge Guilherme Brum.	Municipio Neutro.	Adventicia e resultado de convulsões.	Robusta e intelligente.	7 de Dezembro de 1863.	Do Estado.
2	Orninda Rosa.	14 annos	Filha natural de Francisca Cândida Pereira.	Idem.	Adventicia e resultado de queda na idade de 1 anno.	Idem.	29 de Dezembro de 1863.	Idem.
3	Peregrino Nogueira da Luz.	12 annos	Filho legitimo de Francisco Nogueira da Luz.	Idem.	Congenita.	Robusto e intelligente.	1º de Março de 1863.	Idem.
4	Augusto do Nascimento Natal.	9 annos	Filho natural de Maria Antonia do Nascimento.	Idem.	Adventicia e após uma queda aos 9 mezes de idade.	Idem.	Julho de 1866.	Idem.
5	Diogo José da Rocha.	10 annos	Filho legitimo de Manoel José da Rocha.	Idem.	Adventicia e resultado de hevigas.	Idem.	7 de Janeiro de 1867.	Idem.
6	Leonidas Bittencourt Coelho.	14 annos	Filho legitimo de Francisco Jeronymo Bittencourt Coelho.	S. Carlos do Pinhal (S. Paulo).	Congenita.	Robustoe pouco intelligente.	1º de Julho de 1867.	Idem.
7	Elidia Rosa Bittencourt.	13 annos	Idem.	Idem.	Idem.	Robusta e intelligente.	26 de Novembro de 1867.	Idem.
8	Joaquim do Maranhão.	15 annos	Não consta.	Maranhão.	Idem.	Robustoe pouco intelligente.	10 de Dezembro de 1867.	Idem.
9	Manoel Franklin Moreira de Almeida.	12 annos	Filho legitimo de José Lourenço de Almeida.	Natal (Rio-Grande do Norte).	Adventicia e resultado de queda na idade de 2 annos.	Robusto e intelligente.	23 de Maio de 1868.	Idem.
10	João Pereira de Malheiros.	12 annos	Filho legitimo de José Pereira de Malheiros.	Paranaqua (Paraná).	Congenita.	Anemico e intelligente.	Julho de 1868.	Idem.
11	José Pereira de Malheiros.	9 annos	Idem.	Idem.	Idem.	Anemico e pouco intelligente.	Idem.	Idem.
12	Isopoldo Furtado de Mendonça.	9 annos	Filho legitimo do capitão-tenente Manoel Benício Furtado de Mendonça.	Municipio Neutro.	Idem.	Robusto e intelligente.	16 de Fevereiro de 1869.	Idem.
13	Flausino José da Costa Gama.	18 annos	Filho legitimo de Anacleto José da Costa Gama.	Idem.	Idem.	Débil e muito intelligente.	1º de Julho de 1869.	Idem.

Instituto dos Surdos-Mudos, 5 de Abril de 1870. O Director—DR. TÔNIAS RABELLO LEITE.

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

A planilha do Quadro 8 mostra então a identificação do aluno Flausino José da Costa Gama, que entrou no Instituto em 1º de julho de 1869, com 18 anos, filho de Anacleto José da Costa Gama; não consta o nome da mãe; ele era surdo congênito, débil¹⁷, muito inteligente e pensionista do Estado.

¹⁷De acordo com o Minidicionário (2010), débil quer dizer fraco.

A idade permitida aos alunos para ingressarem no Instituto variava entre 9 e 15 anos; não se sabe ao certo porque Flausino entrou com 18 anos, sendo o mais velho dos seus colegas.

No Relatório de 1870, apresentado à Assembleia Geral na 3ª sessão da 14ª Legislatura, publicado em 1871, está registrado que Flausino, dois anos depois do seu ingresso no Instituto, aos 20 anos de idade, tornou-se Repetidor das lições que os professores ministravam aos alunos (LEITE, 1870).

Um fato curioso nos chama a atenção, como que em tão pouco tempo Flausino se tornou Repetidor? Se bem que a própria planilha do Quadro 8 mostra que ele era inteligente, mas fica um ponto de interrogação, porque os documentos não relatam se Flausino frequentou outra escola antes de ingressar no Instituto. No Relatório destaca o seguinte:

A nomeação desse Repetidor não foi só a satisfação de uma das mais vitais necessidades do Instituto, foi também um acto fecundo de bons resultados para os alumnos, que animaram-se e regozijaram-se com as lições de um companheiro de infortúnio, e para o publico, que, vendo um surdo-mudo prova da proficuidade do ensino. (LEITE, 1871, p. 5).

O Repetidor, além de desenvolver um papel muito importante, o de repetir as lições ministradas pelos professores, tinha também uma responsabilidade, conforme registra Rocha (2009, p. 42):

Inúmeras eram as funções do professor repetidor no Instituto. Além de assistir e depois repetir as lições do professor, deveria acompanhar os alunos no recreio e no retorno à sala de aula, bem como acompanhar os visitantes do Instituto, pernoitar com os alunos internos, corrigir os exercícios e substituir os professores. Eram nomeados se provassem estar habilitados quanto aos conteúdos da matéria escolhida. Havia um repetidor para cada disciplina. Em função de mudanças regimentais essa função passou por muitas reformulações. Nos primeiros anos de funcionamento da instituição era exercida por alunos.

A instrução pública perpassou pelo método de Lancaster e depois o método intuitivo, mencionado anteriormente, que o aluno aprende do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. O método Lancaster, que facilitava ainda mais a aprendizagem do aluno, era uma estratégia de ensino que despertava nele a vontade pelo saber e, em conformidade com Neves (2003),

O Método de Lancaster ou Método Lancasteriano foi iniciado pelo inglês Joseph Lancaster, em 1798, quando estabeleceu em um subúrbio londrino uma escola para os filhos da classe trabalhadora, utilizando monitores para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Lancaster amparou seu método no ensino oral, no uso refinado da repetição e, principalmente, na memorização, porque acreditava que essa inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude. [...] para Lancaster os monitores eram responsáveis por várias tarefas, entre elas: a

organização geral da escola, a limpeza, e principalmente a manutenção geral da ordem, tarefa relevante do monitor lancasteriano.

À medida que a experiência dos professores ia aumentando, eles deveriam cumprir um programa de ensino em um tempo de cinco anos, dividido em três períodos. Como teria a ajuda dos repetidores, seus trabalhos se tornariam mais fáceis de serem realizados. Nesse caso, o Quadro 9 mostra como ficou organizado o programa de ensino que os professores deveriam cumprir rigorosamente.

QUADRO 9 - Programa de ensino - 1873

Período	Conteúdo
1º e 2º Anno	- Ensino do nome das pessoas e cousas, ao da expressão dos factos mais communs da vida e ao da formação de frases simples. - Numeração: sommar e diminuir.
3º e 4º Anno	- Ensino do emprego dos elementos auxiliares da preposição, ao da expressão das idéas que se lhes transmittem, ao do emprego das interrogativas. - Multiplicar e repartir.
5º e 6º Anno	- Ensino da expressão das próprias idéas, o da narração, servindo de complemento no ultimo anno a historia sagrada, geographia, e historia pátria. - Frações, complexos, e systema métrico de pesos e medidas.

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme sinalizou o Quadro 9, o grau de dificuldade aumentava a cada etapa e período sem que os alunos os rompessem.

Com o passar dos dias, Flausino da Costa Gama ganhou destaque no Instituto e Tobias Leite admirava muito o desempenho dele, pois desenvolvia habilidades nos desenhos. Em certo momento, Flausino, pesquisando livros na biblioteca do Instituto, deparou-se com a “obra do illustre surdo-mudo Pellisier, professor do Instituto de Pariz, manifestou desejo de reproduzir as estampas para os *fallantes conversarem com surdos- mudos*, dizia-me elle repetidas vezes”. (LEITE, 1875, grifo do autor).

Flausino sentiu então a necessidade de reproduzir o livro para que a “linguagem dos sinais” pudesse ser divulgada, porém, no Instituto, “não há officina de lihtographia, e a despeza nas officinas do commercio seria grande”. (LEITE, 1875).

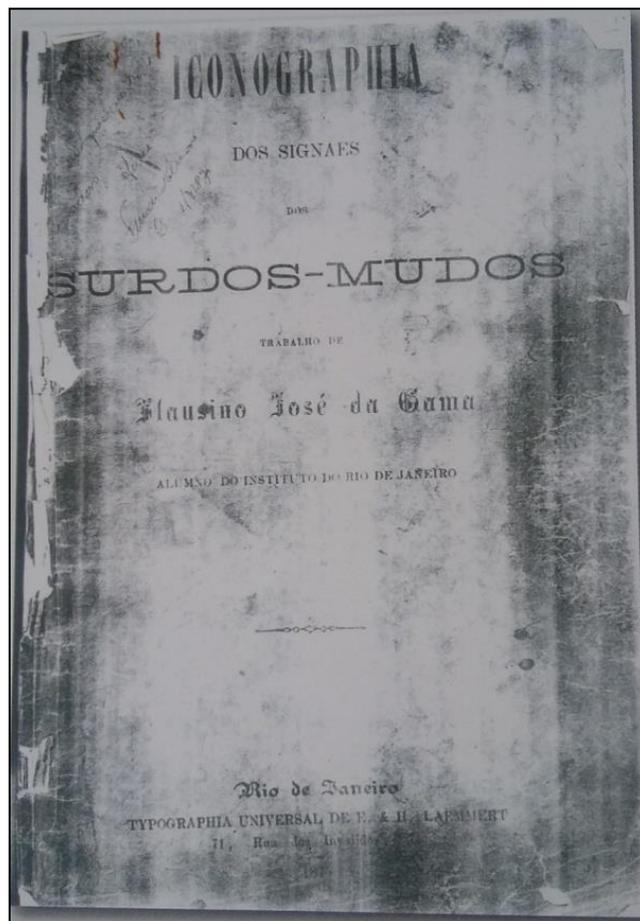
Sabendo que o Instituto carecia ainda de ajuda, donativos, e não teria como financiar um professor de desenho para aprimorar os trabalhos artísticos do aluno, o Sr. Eduard Rensburg, dono de oficinas, se prontificou a ensinar Flausino o desenho litográfico, e começaram a execução do livro que o aluno tanto queria divulgar.

Tobias Leite, sem perder tempo, aceitou a ajuda do Sr. Rensburg e afirmou: “Aceitei immediatamente o offerecimento, e em poucos dias sahio o livro que tenho a satisfação de

apresentar a todos os que se interessarem por essa numerosa classe de nossos compatriotas”. (LEITE, 1875).

O livro que Flausino produziu teve por título *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* (Figura 16). Podemos ver a obra do ex-aluno do Instituto que se tornou Repetidor, agora autor do livro que poderia ampliar a “linguagem dos sinais”, facilitando a comunicação entre surdos e não surdos.

FIGURA 16 - Livro *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de Flausino José da Gama. 1875



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ). O original pertence ao acervo da Biblioteca Nacional.

Conforme visto (Figura 16), a publicação do livro *Iconografia dos sinais* permitiu que os alunos se regozijassem por saber que era obra de um companheiro de infortúnio. Eles sentiram a liberdade de comunicar por sinais e Tobias, envaidecido, atribuiu louvores a Flausino e ao Sr. Rensburg, e agradeceu a este por ter contribuído pela instrução popular.

3.2 Programa de ensino do Instituto dos Surdos-Mudos - 1876

No dia 3 de fevereiro de 1876, o Diretor Tobias Rabelo Leite, em Relatório ao ministro José Bento da Cunha e Figueiredo, apresentou à Assembleia Geral Legislativa, na 1ª sessão da 16ª Legislatura, o programa de matéria que deveria ser ensinada aos alunos e que os professores deveriam cumprir rigorosamente, aplicando o método intuitivo.

Esse programa de ensino deu-se após a reorganização do Decreto nº 5.435, de 15 de outubro de 1873 (ALMANAK LAEMMERT, 1873), e três anos depois, os professores começaram a execução do programa, que era o de melhorar cada vez mais o ensino.

Ressalta-se que esse programa de ensino era, além de tudo, um aprimoramento para os professores, de modo que influenciava na formação de cada um deles ao exercer a função da profissão do ensino. Nesse caso, Gondra e Schueler (2008, p. 93) afirmam:

A intervenção imaginada no nível da formação de professores não se restringe à formação inicial, pois o ministro prevê “dificuldades e perturbações” decorrentes da ação do “novo professorado” na coexistência com os elementos do passado. Nesta espécie de antevisão, propõe medidas preventivas e que estimulassem o professorado a se aperfeiçoar cada vez mais, de modo a que pudessem efetivamente colaborar “com os poderes públicos e com os espíritos adiantados” para a mais profícua educação popular.

No Quadro 10, veremos como ficou organizado o programa de ensino que teve como pressuposto o método intuitivo, que já vem sendo mencionado no decorrer desta dissertação.

Quadro 10 - Programa de ensino/matérias e o método intuitivo– 1876 (continua)

1º Ano/matérias	2º Ano/matérias
-Nomes próprios de pessoas.	-Verbo----chamar----no singular do imperativo.
-Verbos neutros, que exprimem acções dependentes da vontade, no singular do imperativo.	-Verbo----mandar----idem.
-Verbos activos, idem.	-Verbos----neutros e activos no presente do infinitivo.
-Nomes dos objectos da aula.	-Emprego dos verbos neutros e activos no singular do imperativo.
-Ditos das vestimentas.	-Emprego dos substantivos próprios e communs.
-Ditos dos moveis e utensílios domésticos.	-Ditos dos pronomes ----o----a.
-Ditos das partes principaes da casa.	- Ditos dos pronomes ----me----te----se.
-Ditos das arvores, frutas e flores mais conhecidas.	-Dito do advérbio de----modo.
-Ditos dos animais idem.	-Dito do verbo---pedir.
-Ditos das partes do corpo humano.	-Dito dos adjectivos.

Quadro 10 - Programa de ensino/matérias e o método intuitivo – 1876 (continuação)

1º Ano/matérias	2º Ano/matérias
-Artigos ---o---a.	-Dito dos verbos----ser----estar----no singular do imperativo.
-Pronomes ----o----a.	-Dito do verbo----ter----idem.
-Verbos pronominaes no singular do imperativo.	-Dito das preposições e advérbios de logar.
-Pronomes -----me-----te.	-Dito dos verbos neutros e advérbios de logar.
-Adverbio de negação----não.	
-Adverbio de modo.	-Dito dos verbos neutros e activos no plural do imperativo.
-Adjectivos que exprimem qualidades materiaes e sua concordância em gênero.	-Dito dos pronomes ----eu----tu----nos----vos.
-Verbo----ser----no singular do imperativo.	-Dito dos pronomes----nós----vós.
-Adjectivos que exprimem qualidades moraes mais facilmente apreciáveis, e defeitos contrários.	-Dito dos verbos----ser----ter----no plural do imperativo.
-Verbo----ter-----no singular do imperativo.	-Frazes interrogativas.
-Preposições, e advérbios de logar.	-Pronomes---quem----que.
-Verbos neutros no plural do imperativo.	-Emprego nas respostas dos pronomes----o----a----tu----elle.
-Verbos activos, idem.	-Quem é que ----sim----não.
-Pronomes----eu, tu----nos, vos.	-Interrogativa pela fórmula negativa.
-Formação do plural dos nomes.	-Emprego nas respostas dos advérbios de modo.
-Distincção das pessoas e das cousas.	-O que é que----; que referindo-se a regimen de qualidade.
-Verbos no plural com negativa.	-Verbos----ser----ter----na interrogação.
-Invariabilidade dos advérbios.	-Preposições e advérbios de logar, idem.
-Distincção da acção recíproca da reflexiva.	-Presente e passado do indicativo.
-Concordancia em numero dos adjectivos.	-Futuro do indicativo.
-Verbo----ser----no plural do imperativo.	-Emprego dos verbos conhecidos, no presente, no passado e no futuro do indicativo, nas três pessoas, e nos dous números.
-Verbo----ter----idem.	-Forma indicativa.
-Invariabilidade das preposições.	-Verbo---dizer----no singular do imperativo.
-Modo de responder.	-Quem é que.
-Distincção das palavras e das imagens das pessoas e das cousas.	-O que é que.
-Idem do facto simulado do real.	-Se, na interrogação.
-O verbo---fazer----seguido de um substantivo derivado.	-Interrogação sobre o modo.
-O verbo----fazer---- no sentido de construir, formar, etc.	-Interrogação pelo contrario.
-O verbo----fazer---- no sentido de promover, provocar, etc.	-Interrogação sobre qualidade.
-Particípios presente e passado.	-Interrogação sobre possessão.
-Particípios passados- como adjectivos.	-Emprego dos advérbios e preposições na interrogação.

Quadro 10 - Programa de ensino/matérias e o método intuitivo – 1876 (continuação)

1º Anno/matérias	2º Anno/matérias
-Simultaneidade de acção pela mesma pessoa.	-Divisão do tempo.
-Relação do acto anterior com o posterior, e vice-versa praticado pela mesma pessoa.	-Phenomenos meteorológicos mais ordinários.
-Arithmetica.-----Formação dos números.	-Principaes artistas e objectos que elles fabricão.
	-Arithmetica----Sommar.
3º Anno/matérias	4º Anno/matérias
-Nomes abstractos ensinados por intuição.	-Interrogações circumstanciadas.
-Nomes derivados.	-Moralidade das acções.
-Nomes collectivos.	-Desenvolvimento das ideias abstratas.
-Nomes augmentativo e diminutivo.	-Relações da acção pasterior.
-Expressões genéricas.	-Verbos regulares no subjunctivo.
-Estado habitual ou accidental dos indivíduos.	-Verbos irregulares no indicativo e imperativo.
-Adjectivos no comparativo.	-Preposições, adverbiais, conjunções e interjeições.
- Adjectivos no superlativo.	-Participios passados irregulares.
- Adjectivos possessivos.	-Participios presentes.
- Adjectivos demonstrativos.	-Regencia dos termos da oração.
- Adjectivos relativos.	-Collocação dos termos da oração.
- Adjectivos quantitativos.	-Narração dos actos praticados pelos alunos ou á sua vista.
-Variações dos pronomes pessoaes.	-Arithmetica.----Diminuir----Dividir.
-Pronome reflexivo.	***
-Verbos que exprimem acções espirituaes---pensar---lembrar---- esquecer-se.	***
-Verbos que exprimem transacções--- comparar, etc.	***
-Verbos impessoaes.	***
-Verbos na voz passiva.	***
-Participios passados regulares.	***
-Emprego das preposições.	***
-Emprego das conjunções, e, ou, nem, si, que, mas, porém.	***
-Todos os meios para excitar a--- attenção.	***
-Arithmetica.---Multiplicar.	
5º Anno/matérias	6º Anno/matérias
-Verbos irregulares no subjunctivo.	-Noções geraes sobre as artes mais conhecidas.
-Verbos regulares em todos os modos.	-Noções geraes sobre as grandes descobertas.
-Palavras homonymas.	-Noções geraes dos deveres e direitos cívicos.
-Palavras synonymas.	-Exercicios de redação----jornal do emprego do tempo, estylo epistolar e descriptivo.
-Syntaxe figurada (elipse, pleonasm, hyperbato).	-Noções de historia do Brazil----Noções de história sagrada.

Quadro 10 - Programa de ensino/matérias e o método intuitivo – 1876 (conclusão)

5º Ano/matérias	6º Ano/matérias
-Exercícios de redação---jornal do emprego do tempo, descrição de quadros, versão para a linguagem escripta dos factos expressos pelos signaes.	-Noções de geometria e de agrimensura.
-Arithmetica.----Fracções---- Aplicações da arithmetica- Metrologia.	***
-Noções de geographia do Brazil.	***

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

O Quadro 10 apontou que o programa das matérias não se limitou apenas a livros, foi além, e valorizou o ensino da palavra articulada, “a vida deste Estabelecimento, e consequentemente a educação dos surdos-mudos brasileiros, vão entrar no caminho que deve, e há de percorrer para proveito e honra do Brazil” (LEITE, 1876).

As iniciativas de Tobias Leite surpreendiam cada vez mais, pois era um médico com “espírito de educador” e preocupou-se com a educação dos alunos surdos de modo a não deixar perder o trabalho que estava sendo desenvolvido nesse importantíssimo ramo da educação popular.

3.3 Regimento interno: educação profissional - 1877

Ao concebermos que o trabalho é um processo educativo para a formação do homem, logo percebemos que no Instituto não foi diferente. Os alunos, além de serem educados para se constituírem academicamente, eram instruídos ou levados ao trabalho manual, no qual todos eram “obrigados” a aprender um ofício, como marcenaria, sapataria, tipografia, sem distinção de poder socioeconômico familiar. Assim, Leite (1877, p. 11) informou que “dentro do Instituto não há distinção entre abastados e pobres; todos os alumnos são tratados com perfeita igualdade, e obrigados a aprender um officio, e aos trabalhos que lhes forem designados”.

Os alunos eram instruídos a exercer as funções do ofício à medida que os mestres lhes propunham as atividades a desempenhar, porém, o diretor dispensou o maior cuidado com os alunos e deixou claro em seus discursos afirmando “ser absolutamente proibido o castigo corporal”. (LEITE, 1877, p. 11).

Nota-se que com a idade que os alunos adentravam no Instituto já possuíam certa maturidade, tanto para aprender a ler e a escrever quanto para o ofício de pequeno porte, ou

seja, nas oficinas de sapateiro, de encadernação, outros no serviço agrícola em uma chácara dentro do próprio estabelecimento, onde os alunos plantavam alimentos para seu próprio consumo, aprendiam a “tratar e colher a canna como o café, o algodão, o fumo, o milho, o feijão e a batata” (LEITE, 1877, p.8).

Com base nesse pressuposto de educar a criança é que o diretor propôs o trabalho, ou seja, o ofício, para desenvolver as habilidades artísticas nos alunos, pois o homem em si não nasce sabendo, é preciso produzir-se como homem, que aos poucos vai passando por um processo de formação. Desse modo,

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a produzir sua própria existência. Portanto a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI, 2007, p. 154).

Todos os alunos se ocupavam dos afazeres dentro do Instituto e os horários eram rigorosamente cumpridos e obedecidos, conforme registrado no Regimento Interno. Para tanto, Tobias Leite distribuiu o tempo para que os novos ritmos fossem legitimados para o bom funcionamento do Instituto.

Ao fazer valer o cumprimento do Regimento Interno, era notório saber como era o funcionamento das atividades dentro do Instituto: “o estudo da cultura escolar vai buscar descobrir o que ocorria realmente no interior da escola, da sala de aula” (FONSECA, 2004).

No Instituto havia uma vasta chácara onde todos os alunos, das 6h às 8h da manhã, se ocupavam em cuidar do jardim e da horta: “tanto o espaço quanto o tempo escolar ensinam, permitindo a interiorização de comportamento e de representações sociais” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 20).

Tobias Leite não se limitou apenas aos costumes internos, mas trouxe para o Instituto formas representativas de trabalho. “A instituição escolar não se limita, pois, a reproduzir o que está fora dela, mas sim, o adapta, o transforma e cria um saber e uma cultura própria”. (VIÑAO, 1996, p. 189).

O Quadro 11 aborda como Tobias Leite distribuiu o tempo dentro do Instituto de maneira que os alunos pudessem ocupar-se de várias atividades.

QUADRO 11 - Organização da distribuição do tempo dentro do Instituto - 1877

Horário	Affazeres
5 horas da manhã	- levantar-se e compõem suas camas.
5 ½ ás 6	- tomão banho frio.
6 ás 8	- todos os alumnos occupão-se com trabalhos na chácara, e nas quintas-feiras fazem exercícios gymnasticos, sob a direcção de um mestre, nos completos aparelhos que possui o estabelecimento.
8 ás 8 ½	- lavão os pés, mudão calçado e descanso.
8 ½	- almoço carne verde, pão e café.
9 ás 12 da manhã	- trabalho nas officinas.
12 á 1 da tarde	- entregão-se ao recreio no pateo, coberto por frondosas arvores.
1 á ½	- jantão sopa, feijão, carne verde, hervas, arroz e frutas.
1 ½ ás 2	- descanso no pateo.
2 ás 3 ½	- aula de arithmetica, geographia e desenho.
3 ½ ás 5	- recreião-se no pateo.
5 ás 8	- aula de linguagem escripta.
8	- ceião café e pão.
9	- orão na capella, e recolhem-se.
7 ás 8 ½	- Nos domingos, o capellão lhes ensina a doutrina christã e historia sagrada; ás 9 horas ouvem missa. (LEITE, 1877, p. 9 e 10).

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme visto no Quadro 11, o Regimento Interno do Instituto, escrito por Tobias Leite, indicava o intuito de delimitar o tempo escolar, para fazer cumprir os horários determinados por ele, no qual se contavam os minutos para que todas as tarefas fossem realizadas para manter o controle e a rotina do trabalho educativo no Instituto.

Até então não existia na história da educação dos surdos um direcionamento que pudesse formalizar a rotina do Instituto. Percebe-se que esse foi um meio tradicional, imposto para a organização, com normas que pudessem reger o cotidiano do referido lugar, onde os surdos recebiam instruções.

Para que esse regime fosse estabelecido e obedecido, denota-se que alguns conflitos foram gerados dentro do Instituto; desse modo, Julia (2001) afirma:

É que, no momento em que uma nova diretriz redefine as finalidades atribuídas ao esforço coletivo, os antigos valores não são, no entanto, eliminados como por milagre, as antigas divisões não são apagadas, novas restrições somam-se simplesmente às antigas. (p. 23)

Tobias Leite, ao controlar o horário das atividades, nos remete ao que afirma Foucault em sua obra *Vigiar e punir*:

[...] o horário: é uma velha herança. As comunidades monásticas haviam sem dúvida sugerido seu modelo estrito. Ele se difundiria rapidamente. Seus três grandes processos- estabelecer as censuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar o ciclo de repetição- muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais. Todas as pessoas..., chegando a seu ofício de manhã, antes de trabalhar

começarão lavando as mãos, oferecerão seu trabalho a Deus, farão o sinal da cruz e começarão a trabalhar. (FOUCAULT, 1987, p. 128).

Em conformidade com Foucault (1987), durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares.

Ao atentarmos para o controle do horário que Tobias Leite incutiu no Instituto, podemos equiparar ao que afirma Foucault (1987, p. 128):

Nas escolas elementares, a divisão do tempo torna-se cada vez mais esmiuçante; as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente: À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino, e, ao primeiro toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos. Terminada a oração, o professor dará um sinal para os alunos se levantarem, um segundo para saudarem Cristo, e o terceiro para se sentarem.

O rigor dessa escola elementar que Michel Foucault aborda está na mesma condição que Tobias Leite ordenava aos alunos do Instituto e que deveriam cumprir pontualmente.

Foucault (1987) aponta que, no começo do século XIX, os horários das aulas eram assim propostos conforme registra o Quadro 12.

QUADRO 12 - Horário das aulas na escola mútua no século XIX

Horário	Atividade
8h 45min	Entrada do monitor,
8h 52min	Chamada do monitor,
8h 56min	Entrada das crianças e oração,
9h	Entrada nos bancos,
9h 04min	Primeira lousa,
9h 08min	Fim do ditado,
9h 12min	Segunda lousa, etc.

Fonte: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

O Quadro 12 apresenta os horários das atividades em que os monitores deveriam cumpri-los severamente, tempo em que os “discípulos” deveriam apenas respeitar as ordens sob as ameaças e repressão.

O Regimento Interno de 1877 alertou aos professores que se: negligenciassem ou tivessem má vontade; não cumprissem bem os seus deveres; instruísem mal seus alunos; exercessem disciplinas sem critério; deixassem de dar aula sem causa justificada, por mais de três dias em cada mês; estariam sujeitos às seguintes penas:

- 1ª Admoestação;
- 2ª Reprehensão;
- 3ª Multa até 50\$000;

4ª Suspensão do exercício e vencimento até tres mezes;
5ª Perda da cadeira. (LEITE, 1877).

Os alunos que não cumprissem as ordens ou que faltassem ao respeito com seus colegas, também, passavam por severas punições.

Aos alumnos que faltarem aos seus deveres, ou que maltratarem seus companheiros, serão applicadas as seguintes penas: 1ª, reprehensão; 2ª privação de recreio, ou de sahida, com, ou sem tarefa; 3ª, diminuição na alimentação; 4ª expulsão do Instituto. (LEITE, 1877, 66).

Segundo o Regimento (1877), a terceira punição só poderia ser aplicada pelo Diretor e se pelos professores, o Diretor deveria ser comunicado. A pena de expulsão era aplicada somente pelo Governo, a pedido do Diretor.

Ao mesmo tempo em que parecia uma clausura, havia também os momentos de libertação, pois todos os alunos do Instituto deveriam ter os mesmos privilégios, sendo eles de famílias pobres ou abastadas, tendo em consideração a igualdade de educação para todos.

Tobias Leite organizou o horário das aulas e fez os possíveis reparos que o Instituto supostamente precisava e, diga-se de passagem, era a melhor forma de controlar a ordem e os bons costumes e a disciplina dos corpos.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1987, p. 119).

A rigorosidade do cumprimento do horário, conforme sinaliza o Quadro 12, quando podemos fazer uma comparação com o Quadro 13, mostra o “Regulamento regido por Léon Faucher para a [Casa dos Jovens Detentos em Paris]”. (FOUCAULT, 1987, p. 10).

QUADRO 13 - Regulamento da Casa dos Jovens Detentos em Paris (continua)

Artigos	Ocupação
Art. 17	O dia dos detentos começará às seis horas da manhã no inverno, às cinco horas no verão. O trabalho há de durar nove horas por dia em qualquer estação. Duas horas por dia serão consagradas ao ensino. O trabalho e o dia terminarão às nove horas no inverno, às oito horas no verão.
Art. 18	Levantar. Ao primeiro rufar do tambor, os detentos devem levantar-se e vestir-se em silêncio, enquanto o vigia abre as portas das celas. Ao segundo rufar, devem estar de pé e fazer a cama. Ao terceiro, põem-se em fila por ordem para irem à capela fazer a oração da manhã. Há cinco minutos de intervalo entre cada rufar.
Art. 19	A oração é feita pelo capelão e seguida de uma leitura moral ou religiosa. Esse exercício não deve durar mais de meia hora.
Art. 20	Trabalho. Às cinco e quarenta no verão, às seis e quarenta e cinco no inverno, os detentos descem para o pátio onde devem lavar as mãos e o rosto, e receber uma primeira distribuição de pão. Logo em seguida formam-se por oficinas e vão ao trabalho, que deve começar às seis horas no verão e às sete horas no inverno.

QUADRO 13 - Regulamento da Casa dos Jovens Detentos em Paris (conclusão)

Artigos	Ocupação
Art. 21	Refeições. Às dez horas os detentos deixam o trabalho para se dirigirem ao refeitório; lavam as mãos nos pátios e formam por divisão. Depois do almoço, recreio até às dez e quarenta.
Art. 22	Escola. Às dez e quarenta, ao rufar do tambor, formam-se as filas, e todos entram na escola por divisões. A aula dura duas horas, empregadas alternativamente na leitura, no desenho linear e no cálculo.
Art.23	Às doze e quarenta, os detentos deixam a escola por divisões e se dirigem aos seus pátios para o recreio. Às doze e cinquenta e cinco, ao rufar do tambor, entram em forma por oficinas.
Art. 24	À uma hora, os detentos devem estar nas oficinas: o trabalho vai até às quatro horas.
Art. 25	Às quatro horas, todos deixam as oficinas e vão aos pátios onde os detentos lavam as mãos e formam por divisões para o refeitório.
Art. 26	O jantar e o recreio que segue vão até às cinco horas: neste momento os detentos voltam às oficinas.
Art. 27	Às sete horas no verão, às oito horas no inverno, termina o trabalho; faz-se uma última distribuição de pão nas oficinas. Uma leitura de um quarto de hora, tendo por objeto algumas noções instrutivas ou algum fato comovente, é feita por um detento ou algum vigia, seguida pela oração da noite.
Art. 28	Às sete e meia no verão, às oito e meia no inverno, devem os detentos estar nas celas depois de lavarem as mãos e feita a inspeção das vestes nos pátios; ao primeiro rufar de tambor, despir-se, e, ao segundo, deitar-se na cama. Fecham-se as portas das celas e os vigias fazem a ronda nos corredores para verificarem a ordem e o silêncio.

Fonte: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

Conforme registro do horário no Quadro 13, que Michel Foucault aponta, percebe-se que era o mesmo modelo que Tobias Leite adotava no Instituto, porém, com mais brandura, pois os alunos, apesar da rotina controlada, ainda tinham liberdade de aos sábados irem visitar suas famílias, e, quando terminassem sua educação, seriam restituídos ao seio de seus familiares sem nenhum prejuízo.

O Diretor teve a hombridade de dizer que o estabelecimento poderia ser visitado a qualquer hora, conforme mencionado neste texto. Encontrava-se feliz, pois deixava transparecer seu apreço pelo novo prédio que havia sido construído na Rua das Laranjeiras, nº 95, ele permitia aos visitantes ver as “bonitas salas, os dormitórios vastos bem claros e arejados, enfermaria, refeitório, copa, cozinha, latrina de patente e magnífico banheiro” (LEITE, 1877, p. 11).

Argumentou ainda o Diretor que “na chácara havia pateos arborizados. Jardim, horta, e passeios longos pela montanha até o aqueducto da Carioca, donde se aprecia a vista da Bahia e da barra”. (LEITE, 1877).

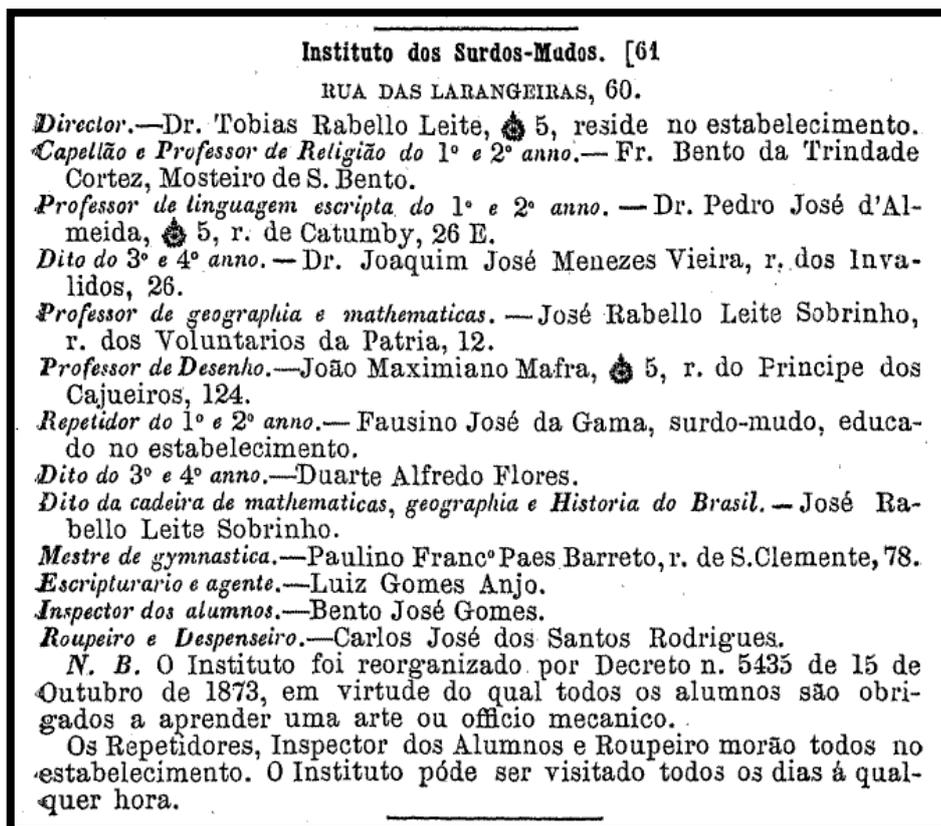
Com a mudança para esse novo prédio, melhoraram consideravelmente a educação e a condição física e até o estado sanitário dos alunos.

Uma nota que vale ressaltar aqui é que o Instituto foi reorganizado pelo Decreto n.º 5.435/1873, em virtude do qual todos os alunos eram obrigados a aprender uma arte ou ofício mecânico, além dos já mencionados no decorrer deste texto.

Com a reorganização do referido Decreto, o Instituto firmou as matérias do ensino literário aos alunos surdos-mudos para melhor atender a suas necessidades, e contava com um número de 30 alunos. Segundo o Diretor, o resultado dos estudos continuava satisfatório, sempre de acordo com o programa de ensino aprovado pelo Governo.

A Figura 17 aponta a matéria que cada professor ministrava e onde residia; o Diretor, os Repetidores e o Roupeiro moravam no Instituto.

FIGURA 17 - Matérias de ensino, professores e suas residências



Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme Figura 17, as matérias de ensino eram divididas por período no qual cada professor ministrava suas aulas, seguindo sempre as instruções do Diretor.

O alunado do Instituto fazia parte do quadro dos trabalhadores, os quais eram designados ao ofício ou à arte. Para tanto, o Diretor ficava atento ao estado físico dos discípulos, registrado nos Quadros 4 e 8 que sinaliza ser anêmico, robusto, inteligente, débil e outros. Assim, Tobias Leite, conforme registra o Regimento Interno (1877), exerceu severa vigilância para que os mestres das oficinas não abusassem das forças do aluno nem qualquer modo de maus-tratos.

A produção das oficinas era vendida fora do Instituto, e parte da renda era destinada ao Estado e a outra metade pertencia aos alunos, que era recolhida à Caixa Econômica para ser entregue a eles quando deixassem o Instituto.

É de suma importância o registro do uso do uniforme escolar, para que se compreenda melhor o item a seguir, no qual o aborda, pois faz parte da materialidade escolar.

3.3.1 Regimento interno: uniformes escolares - 1877

Em um primeiro momento, o Regimento Interno alerta que a rouparia guardava todas as roupas dos alunos, as do serviço, e a arrumação delas era feita com a separação das de uso de cada aluno, das de cama e as de reserva.

“Dentre um conjunto de elementos materiais que compõem a escola e sua cultura está o uniforme, materialidade aqui concebida como um dos elementos constitutivos da cultura escolar”. (RIBEIRO; SILVA, 2012, p. 577).

É importante aqui mencionar que o primeiro colégio a usar uniforme foi o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro.

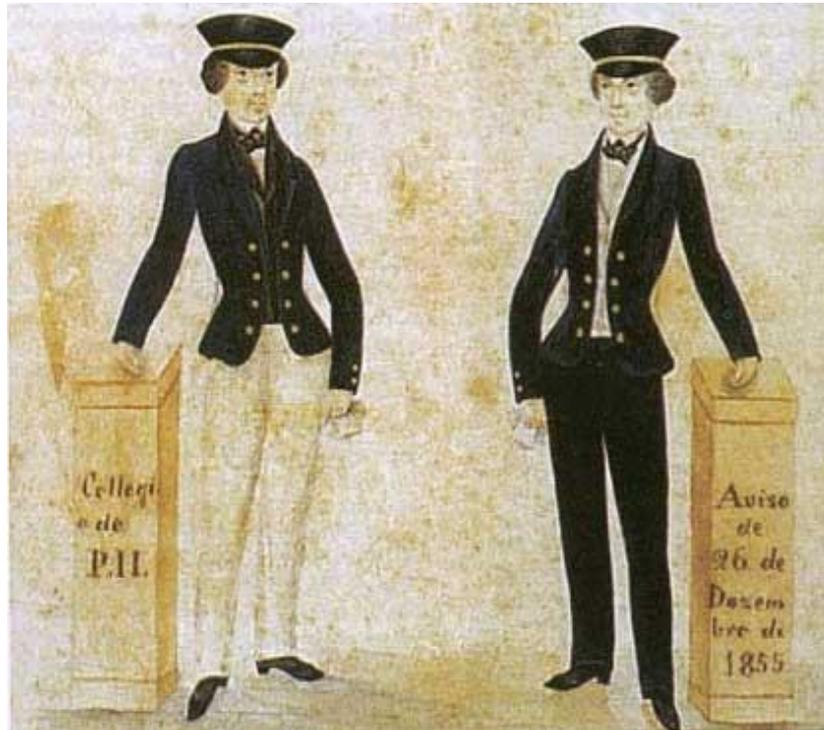
O uniforme foi instituído pela primeira vez no Rio de Janeiro, capital do Império, no Colégio Pedro II, em 1850, e mais parecia um fardamento militar. A partir desse período, algumas escolas passaram a utilizá-lo como forma de padronizar a roupa dos alunos e identificá-los com as instituições de ensino aos quais estavam vinculados. (SCHEMES; ARAÚJO; THÖN, 2013, p. 3).

Para que tenhamos a noção de como era esse primeiro uniforme, que mais “parecia um fardamento militar”, a Figura 18 mostra como os alunos do Colégio Pedro II se vestiam. Podemos ver que o uniforme realmente parecia uma farda (Figura 18), pois nos lembra dos modelos de roupa da Europa: “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade”. (SILVA, 2006, p. 16).

No setor da rouparia, havia um livro especial que registrava cada roupa que era retirada. Nas vestimentas dos alunos estudantes, havia marcado o número de cada um, nas de

trabalho tinha uma sigla: ISM, no Regimento não especifica o significado da sigla, mas se infere que é “Instituto dos Surdos-Mudos”.

FIGURA 18 - Primeiro uniforme dos alunos do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro em 1850



Fonte: WIKIA. **Uniforme do Colégio Pedro II**: século XIX. 2009. 400 × 355 pixels, tamanho: 39 KB, tipo MIME: image/jpeg. Disponível em: <http://pt-br.pedrosegundo.wikia.com/wiki/Arquivo:Colégio_Pedro_II_-_1855.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2015.

A identificação do número e da sigla seria uma forma de comunicação visual, ou seja, em determinado momento em que o aluno estava vestido com uma roupa que tinha número, saberia que era para estudar, ou se era para o trabalho.

O vestuário deve ser analisado como um artifício inventado para comunicar, sendo aquilo que se quer comunicar intrinsecamente relacionado aos aspectos culturais da sociedade em que se insere, ou seja, a noção de comunicabilidade do vestuário está inserida no quadro de uma vida em sociedade onde tudo é comunicação. (RIBEIRO; SILVA, 2012, p. 578).

O uniforme é parte integrante do material escolar que está inserido na cultura escolar. Ao pontuar sobre cultura escolar, podemos entender que:

A cultura escolar é aqui também compreendida em suas regularidades e transformações, ou seja, a cultura escolar comporta aspectos que permanecem ao longo do tempo, como as “tradições, sedimentação de práticas, ideias, modos de fazer e pensar que governam o ensino, que perduram ao longo do tempo sobrevivendo às reformas e inovações”. (SOUZA, R., 2009, p. 17).

De três em três meses era feita uma revisão nas roupas dos alunos a fim de consertar aquelas que estivessem com defeitos e pudessem ainda ser usadas, e aquelas que não pudessem mais ser substituídas eram devolvidas e registradas no livro da rouparia.

Dentre os cuidados com a vestimenta, havia prescrições para a troca das roupas de cama do vestuário de dormir, além das roupas de uso diário: duas vezes por semana, devido à retenção de secreções cutâneas que poderiam provocar erupções na pele. Tais instruções deveriam ser seguidas principalmente nos orfanatos. (RIBEIRO; SILVA, 2012, p. 580).

O cuidado com a vestimenta nos remete ao higienismo, pois “os higienistas retomam a discussão acerca do desafio do homem, desde os primórdios, para proteger o corpo das intempéries do ambiente” (RIBEIRO; SILVA, 2012, p. 580).

No Quadro 143, veremos como era a organização do uniforme dos alunos do Instituto.

QUADRO 14 - Uniformes dos alunos - 1877

Período	Tipo da roupa
Dias da semana	Camisa de chita, calça e blusa de algodão azul e sapatos de couro branco.
Dias Sanctificados	Camisa branca, calça e blusa de brim de linho crú, meia e sapatos de couro preto.
Dias de Passeios e Actos Solemnes	Chapéu de pello de lebre, camisa e calça branca, blusa de panno azul, cinto de couro envernizado, preso na frente por uma chapa de metal amarello com as iniciaes S. M.

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

O Quadro 14 mostra o controle do uniforme utilizado pelos alunos nos dias estipulados, os de passeio ou de atos solenes. Os alunos usavam, entre outros, um cinto que na chapa de metal amarelo tinha uma sigla S. M., mas no Regimento não especifica o significado, mas se entende que é ‘Surdos-Mudos’.

O uso do uniforme visava, principalmente, à segurança do estudante fora da escola, pois ela, a partir da matrícula, era responsável pelo aluno que, por sua vez, deveria honrar as cores, o nome, a tradição e o símbolo da escola em qualquer lugar em que se encontrasse. (LONZA, 2005, p. 21).

O Instituto, por sua vez, como já citado, fornecia toda a vestimenta aos alunos que eram sustentados pelo Governo, mas aqueles contribuintes das famílias ricas tinham o dever de trazer o seu enxoval, conforme registra o Quadro 15.

QUADRO 15 - Enxoval trazido pelos alunos contribuintes - 1877

Quantidade	Objeto
4	Camisas brancas,
6	Camisas de chita,
4	Calças de brim de linho crú,
2	Calças brancas,
6	Calças de algodão azul,
4	Blusas de brim de linho crú,
6	Blusas de algodão azul,
1	Camisa de panno azul,
6	Lenços de mão,
6	Pares de meias,
1	Par de sapatos de couro branco,
1	Par de sapatos de couro de bezerro de lustro e
1	Chapéu de pello de lebre.

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

O Quadro 15 mostra que há certa diferença entre os uniformes dos alunos, por exemplo, no Quadro 14, não especifica lenços de mão, sapatos de couro de bezerro de lustro. Assim, “os uniformes serviam, também, como elementos de distinção entre as classes sociais, indicando o nível social ao qual pertencia o aluno, revelando tal posição para a sociedade” (SCHEMES; ARAÚJO; THÖN, 2013, p. 2).

Além do uniforme escolar, o Instituto fornecia a todos os alunos alimentação, curativos, livros, objetos de ensino e instrumentos para as artes ou oficinas, e aos alunos que eram mantidos pelo Governo, suas vestimentas eram gratuitas, como já nos referimos anteriormente. “Essas instituições caracterizavam-se como auxiliares, destinadas, entre outros benefícios, á compra de vestuário e calçados para os alunos que não tivessem condições de adquiri-los.”(RIBEIRO; SILVA, 2012, p. 580).

Como vimos, o uniforme escolar brasileiro teve sua origem no século XIX, com certa rigorosidade, e suas tradições em modelos perduram até os dias atuais.

3.4 Boatos espalhados: a falsa notícia

O Imperial Instituto dos Surdos-Mudos tinha por finalidade habilitar os alunos surdos para a relação da vida social, dando a eles a educação elementar, moral e religiosa.

Um dos argumentos de Tobias Leite, que mencionamos neste texto, era de que o Instituto não era para formar cidadãos letrados, mas os alunos surdos que passavam pela formação acadêmica tivessem o conhecimento básico das palavras e, no tempo de sua saída do Instituto, tivessem condições de resolver seus próprios negócios.

O Instituto recebia visitas, ora de pais de alunos, ora de pessoas ilustres da sociedade, porém era estabelecido o horário para elas, que era diariamente, das 9 horas da manhã até às 14 horas.

Por causa do trabalho que os alunos executavam dentro do Instituto, começou então a surgir boatos de que eles estavam sofrendo maus-tratos, que eram levados para trabalhos forçados, mas o Diretor, no intuito de ajudar na educação dos surdos, entendeu que deveria esclarecer à sociedade que não procedia tal boato. Nesse caso, esclareceu também que pessoas ilustres da sociedade não acreditavam que o surdo-mudo poderia ser educado dentro dos parâmetros sociais.

Tobias Leite, ao esclarecer que “pessoas ilustres da sociedade não acreditavam que o surdo-mudo pudesse ser educado”, ele mostra certo desconforto, porém confiava em seu trabalho e dava credibilidade ao aluno surdo. Foi então que o Diretor resolveu mudar os horários de visitas e permitiu a entrada das pessoas no Instituto todos os dias, a qualquer hora, desfazendo, portanto, a falsa notícia de que os alunos sofriam maus-tratos.

Tobias Leite, ainda com o intuito de tirar essa imagem dos boatos e as falsas notícias espalhadas pelas Províncias e pela Corte, a cada pessoa que visitava o Instituto, dava exemplares dos seus relatórios para que difundissem notícias do estado do Instituto e do seu progresso.

Na Figura 19, podemos ver que Tobias Leite, além dos exemplares, fez uma faixa com os seguintes dizeres: “Pode ser visitado a qualquer hora”, e afixou na frente do Instituto.

FIGURA 19 - Anúncio escrito na frente do Instituto: “PODE SER VISITADO A QUALQUER HORA”



Fonte: SOUZA, V. dos R. M. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 90. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/viewFile/2193/1864>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

Para decretar falência dessa falsa notícia, Tobias Leite não se limitou aos anúncios para desfazer os boatos espalhados na Corte e nas Províncias, então, para isso, decidiu fixar na frente do Instituto que as pessoas poderiam visitar a qualquer hora (Figura 19).

Leite (1877), por meio de cartas, conforme registrado em Relatório, solicitou aos Párocos que noticiassem em suas paróquias os benefícios que o Instituto proporcionava aos alunos surdos; todos acataram seu apelo, e Tobias Leite continuou seu trabalho.

O tempo foi passando e, em 1880, aconteceu um fato que marcou negativamente a história da educação dos surdos no Brasil: o Congresso de Milão na Itália. A seguir veremos o que foi tratado nele.

3.5 Congresso de Milão (1880): *Viva la parola pura*

Foi no período de 6 a 11 de setembro de 1880, em Milão (Itália), que aconteceu a maior catástrofe na educação dos surdos; tempos obscuros que marcaram a história dos surdos, marcas profundas, tempos de negação do ser surdo e sua subjetividade.

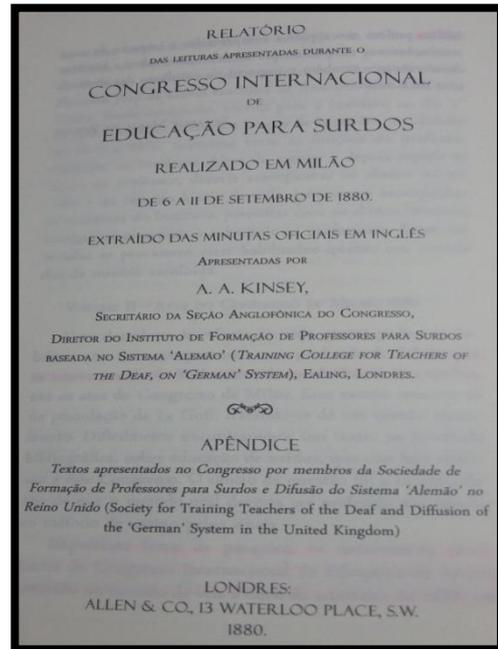
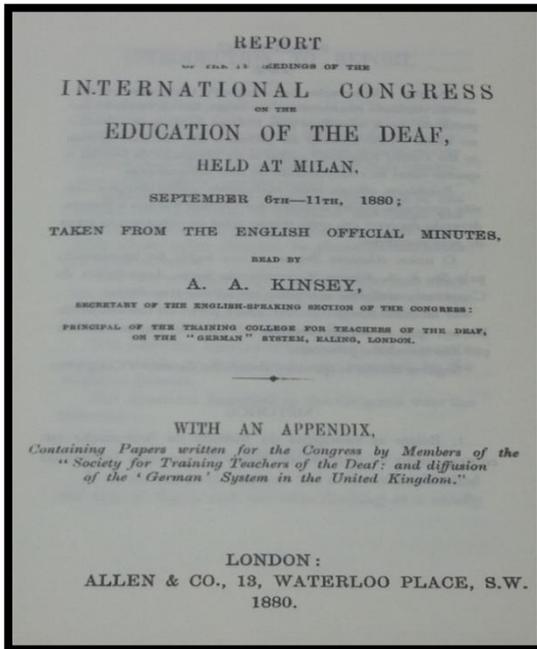
Exatamente, em uma tarde de sábado do dia 11 de setembro de 1880, registrado em ata, que o Sr. Franck, representante do Governo francês, prosseguiu com uma sincera declaração sobre a total transformação do seu antigo ponto de vista:

Ele era a favor do sistema manual, passando a apoiar o Método Oral Puro. Aquilo que havia observado e ouvido nas escolas italianas combinava com os claros argumentos dos Srs. Tarra, Guérin e Balastra, trouxe fortes e inabaláveis convicções à sua mente. Concluiu, dizendo-lhes: “Viva la parola pura”. (CONGRESSO DE MILÃO [DA] 1880, 2011, p. 42).

Vejamos na Figura 20 a abertura do Relatório dos registros lidos durante o Congresso de 1880, nas línguas inglesa e portuguesa. Observa-se que o Congresso Internacional de Educação para Surdos foi realizado em Milão, Itália, tendo como Secretário, que redigiu as Atas, A. A. Kinsey, Secretário da Seção Anglofônica do Congresso, Diretor do Instituto de Formação de Professores para Surdos baseada no Sistema “Alemão”.

Para compreendermos o que é método oral puro e método combinado, primeiramente apresentaremos duas grandes escolas que tinham por seus representantes o “Abade francês Charles Michel L’Epée (1712-1789) e o Pastor alemão Samuel Heinicke (1729- 1790)” (ROCHA, 2009, p. 15).

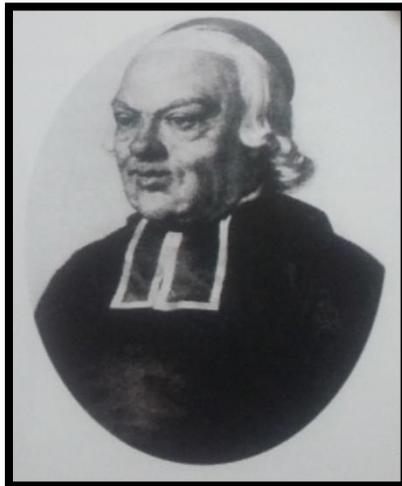
FIGURA 20 - Atas do Congresso de Milão, Itália - 1880



Fonte: CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880. *Atas...* Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos). Acervo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

As Figuras 21 e 22 apresentam dois grandes ícones que marcaram a História da Educação dos Surdos no mundo.

FIGURA 21 - Abade Charles Michel L'Épée (1712-1789)



Fonte: ROCHA, S. M. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1, p.17.. Acervo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

FIGURA 22 - Pastor Samuel Heinicke (1729-1790)



Fonte: ROCHA, S. M. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1, p.17.. Acervo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

Conforme registram as Figuras 21 e 22, podemos ver dois líderes religiosos que tiveram seus papéis importantes na educação dos surdos.

“Religiosos, Católicos e Protestantes protagonizaram a cena educacional dos surdos nos últimos quatro séculos. A decisão de como educá-los sempre foi objeto de muita polêmica.” (ROCHA, 2009, p. 15).

O método oral puro surgiu na Alemanha, onde os professores ensinavam os surdos com resíduo auditivo a falarem. Durante o Congresso, os membros da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema “Alemão” no Reino Unido apresentaram textos que apoiavam o método que ficou conhecido como método “alemão”. Um dos membros afirmou o seguinte:

Estamos ansiosos por contribuir com nosso singelo auxílio/ parecer sobre o Método “Alemão”, considerado, do ponto de vista do desenvolvimento mental, mais vantajoso aos seus alunos do que o Método “Francês”. (ACKERS, 2011, p. 54, grifo do autor).

Se atentarmos para o termo “puro”, podemos concluir que seu significado seja “limpo”, ou seja, o método oral puro que estava sendo imposto aos surdos seria uma maneira de dizer que se eles continuassem a usar a “linguagem dos sinais” era uma forma diminuta de comunicação? Ou seria uma forma mais fácil dos não surdos, mais uma vez, usar em seu poder coercitivo sobre os surdos?

Os sujeitos surdos tiveram seus momentos difíceis, tanto na educação quanto na vida pessoal, ou seja, a educação não era adequada para eles, sofriam por não entenderem o que se ensinava e mais ainda sofriam com os estereótipos de deficiência que a sociedade os nomeava. (STROBEL, 2012, p. 101).

Nesse Congresso Internacional, lideranças surdas e ouvintes da Europa e das Américas participaram desse evento. Na ocasião, o Brasil não se fez presente ao Congresso, apenas países que exerciam influências severas na educação dos surdos que deram sua parcela de contribuição.

O Brasil, por sua vez, baseava-se no ensinamento europeu, focado nos estudos do Instituto de Surdos-Mudos de Paris, portanto, o método de ensino adotado aqui era o método da linguagem escrita e a de sinais.

O ano de 1880 simboliza o rompimento desse enriquecimento cultural e linguístico dos povos surdos, desencadeando mais força as batalhas polêmicas dos sujeitos adversários contra o povo surdo, que acreditavam na educação baseada em língua de sinais. (STROBEL, 2012, p. 99).

Participantes do Congresso, como o Senhor Abade Couver, da cidade de Boug, e o Dr. Peet, de Nova Iorque, eram favoráveis à “linguagem dos sinais e o método da linguagem

escrita” e relataram que “os sinais eram mais simples do que as articulações labiais e de mais fácil compreensão” (CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880, 2011, p. 29).

O Presidente do evento, Sac. Giulio Tarra, Diretor do Instituto para Surdo e Mudo Carente da Província de Milão, ouviu os participantes e se pronunciou da seguinte forma: “Se crianças de inteligência muito limitada procurassem uma instituição de ensino, ele as admitiria, se fossem completamente imbecis, não as admitiria, pois seria um caso perdido”. (CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880, 2011, p. 29).

Lamentável a colocação do Presidente do Congresso ao diminuir o surdo em “completamente imbecis”. Quando ele usa essa expressão, estava se referindo ao surdo que era dependente da língua de sinais, que não tinha resíduos auditivos, pois ensinar o surdo a falar na condição de ter resíduos com certeza tornaria mais fácil para ele, porém “penoso” para o surdo.

Na trajetória das políticas surdas percebemos que os princípios explicativos dos valores culturais linguísticos e elementos sociais que marcaram o desenvolvimento educacional do povo surdo, comprovam que muitos acontecimentos acerca da defasagem educacional dos surdos ocorrem por causa da força dominante dos sujeitos adversários. (STROBEL, 2012, p. 98).

Quando Strobel (2012) trata dos “sujeitos adversários”, justamente esses sujeitos é que “calaram” os surdos, tiraram deles o direito de ser surdo: “não aceitam e/ ou não acreditam na cultura surda e na língua de sinais, não diferencio sujeitos ouvintes e/ ou surdos, pois acredito que tem pessoas ouvintes e surdas que são a favor ou contra” (STROBEL, 2012).

Na contribuição de erradicar a língua de sinais, o Frade Hubert, Inspetor das Escolas para Surdos-Mudos de S. Gabriel, narrou as seguintes palavras no Congresso de 1880:

Havia lecionado para surdos durante muitos anos com base no sistema de sinais. Porém, ao ouvir que os italianos ensinavam sem o uso de sinais, passei a utilizar somente o Método Oral Puro, após observações. Espero que o método seja adotado no mundo inteiro. (CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880, 2011, p. 28).

O discurso dos congressistas, sem dúvida, são narrativas hegemônicas, que exerciam poder sobre o outro: “nesse discurso, os ouvintes condicionam as representações sobre os surdos de modo a não lhes dar saídas para outros modelos que não seja o modelo de identidade ouvinte” (PERLIN, 2010, p. 60).

As propostas pedagógicas no Congresso para definir qual método a ser imposto permitiu ao Presidente proferir as seguintes palavras:

Como a mãe verdadeira que, perante o Rei Salomão, preferiu preservar a vida do filho a reparti-lo, resolvi, optar completamente a favor da fala. [...]. Deve-se renunciar o uso de sinais. [...]. É na sala de aula que começa a “redenção” do surdo-mudo, que espera que seu professor o torne um ser humano, permitindo que o aluno aprenda a mover, durante a fala, seus lábios e não suas mãos, por meio de sinais.

[...]. De todos os movimentos para expressão de ideias, o labial é o mais perfeito. Compreendendo-se tudo por esse maravilhoso instrumento, que é a boca, tocado pelas mãos do divino. (CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880, 2011, p. 24).

Ao narrar passagens bíblicas, o Presidente conseguiu usar seu poder de persuasão sobre os congressistas haja vista que nem todos eram defensores do método oral puro. Na ocasião, os defensores da “linguagem escrita e a linguagem dos sinais”, infelizmente, foram silenciados, pois a decisão do uso do “método alemão” foi vencida por 150 votos contra 16, e o Presidente declarou encerrado o Congresso.

Essa repressão perdurou por cem anos. “Na prática escolar, a primeira medida educativa para coibir o uso da língua de sinais foi obrigar os alunos surdos a sentarem sobre suas mãos” (LULKIN, 2010, p. 38). E como se não bastasse, “em seguida, retiraram-se as pequenas janelas das portas das salas de aula para impedir a comunicação sinalizada entre os alunos”. Entre essas atrocidades “os professores surdos e seus auxiliares deveriam deixar as escolas e os institutos” (LULKIN, 2010, p. 38).

Nesse período, como se comportava o Instituto de Surdos aqui no Brasil? No próximo item veremos como Tobias Leite conduziu a instrução aos alunos, pois ele era defensor da “linguagem dos sinais”.

3.6 Práticas pedagógicas no instituto pós-congresso de Milão: Tobias Leite e Menezes Vieira

Enquanto as decisões em Milão eram tomadas e qual método seria usado na educação dos surdos de forma geral, o Instituto, no Brasil, prosseguia normalmente, ou seja, a instrução continuava, e o diretor ficava na expectativa de notícias que viessem ao encontro das necessidades dos alunos.

O diretor Tobias Rabelo Leite e o professor Joaquim Menezes Vieira foram dois personagens que contribuíram grandemente para a educação dos surdos; ambos os médicos se encarregaram de atuar na instrução para alunos surdos, e essa condição facilitava a ordem higiênica dentro do Instituto.

A primeira escola para crianças ouvintes no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1875, que ficou conhecida como jardim de infância, teve como fundador Menezes Vieira. Segundo Souza e Santana (2012), essa escola foi símbolo de modernidade no Império, com referencial teórico baseado em Froebel.

Menezes Vieira atuava no Instituto na função de professor de linguagem articulada no terceiro e quarto ano, a convite do diretor Tobias Leite.

Quando as notícias do Congresso de Milão começaram a chegar ao Brasil, por determinação dos estudiosos defensores do método oral puro, as estruturas educacionais do Instituto foram abaladas a ponto de Tobias Leite afirmar:

Que se empregue a maior vigilância para que a turma dos surdos-mudos educados por meio da linguagem articulada se conserve sempre e quanto seja possível separadas dos demais alunos no refeitório, dormitório, recreio e oficinas, e tenha um inspector especial. (LEITE, 1882).

O método oral puro ensinado por Menezes Vieira era única e exclusivamente para os alunos que tivessem aptidão para aprendê-lo. Aos alunos que tinham dificuldade na aprendizagem desse método, Tobias Leite, em suas palavras, considerou que o ensino deveria ser por outros professores, ou seja, de maneira sutil poderia utilizar a língua de sinais. Por isso é que registra que os que tinham aptidão para o método oral puro fossem separados dos sinalizantes, para que não houvesse confusão entre os alunos e professores.

Tanto o Instituto de Surdos-Mudos quanto o Colégio Menezes Vieira eram duas escolas modelos para o ensino das primeiras letras. O Instituto tornou-se modelo por ser pioneiro na educação de surdos e o Colégio Menezes Vieira, por ser a primeira escola infantil.

Para melhor compreensão da semelhança entre ambas as escolas, o Quadro 16 orienta como era a ligação dos dois estabelecimentos de ensino.

QUADRO 16 - Gestão Tobias Leite (Imperial Instituto de Surdos-Mudos - 1868-1896 e Joaquim Menezes Vieira - Colégio Menezes Vieira - 1875-1887). Rio de Janeiro, RJ (continua)

Imperial Instituto dos Surdos-Mudos	Colégio Menezes Vieira
Dirigido pelo Médico Tobias Rabelo Leite.	Dirigido pelo médico Joaquim Menezes Vieira
Método: ensino intuitivo.	Método: ensino intuitivo.
Preocupação com a higiene e arquitetura escolar (salas amplas, arejadas, iluminadas, etc) Controle do tempo e das atividades.	Preocupação com a higiene e arquitetura escolar (salas amplas, arejadas, iluminadas, etc) Controle do tempo e das atividades.
Professores: Menezes Vieira, A. J. de Moura e Silva e Paulo Vidal.	Professores: Menezes Vieira, A. J. de Moura e Silva e Paulo Vidal.
Modernos aparelhos para a prática de ginástica.	Modernos aparelhos para a prática de ginástica.
Museu escolar.	Museu escolar.
Material didático importado. (mapas, gravuras, coleção de pesos e medidas, aparelho para ensino de aritmética).	Material didático importado. (mapas, gravuras, coleção de pesos e medidas, aparelho para ensino de aritmética).
O diretor e sua família residem no Instituto.	O diretor e o vice-diretor residem na escola com suas famílias.

QUADRO 16 - Gestão Tobias Leite (Imperial Instituto de Surdos-Mudos- 1868-1896 e Joaquim Menezes Vieira -Colégio Menezes Vieira- 1875-1887). Rio de Janeiro, RJ (conclusão)

Tobias Leite enviou para a Exposição de Filadélfia o livro “Notícias do Instituto dos Surdos-Mudos” e, também, trabalhos dos alunos.	Menezes Vieira participou de exposições internacionais.
Tobias Leite foi parecerista do Congresso de Instrução.	Menezes Vieira foi parecerista do Congresso de Instrução.
Tobias Leite publicou, em 1871, “Notícias do Instituto dos Surdos- Mudos” (reeditado em 1876, 1877, 1887).	Menezes Vieira publicou, em 1879, “Notícias do Jardim de Crianças anexo ao Colégio Menezes Vieira”.

Fonte: ALMANAK LAEMMERT. **Relatório**. Instituto Imperial Surdo-Mudo de ambos os Sexos. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1868. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

O Quadro 16 sinaliza a semelhança das escolas pioneiras, uma na educação de surdos e a outra na educação de crianças pré-escolar.

Menezes Vieira era oralista convicto, mas Tobias Leite era flexível, e entre eles havia algumas divergências.

Em 1883, foi iniciado o ensino da “linguagem articulada”, através do Dr. Joaquim Menezes Vieira, que estivera na Europa, onde aprendera que este ensino era dotado pelos institutos europeus. Este ensino foi realizado por sete anos, sendo que após este tempo, foi considerado pelo diretor, Dr. Tobias Leite, que os alunos não haviam obtido nenhum rendimento com este treinamento, enquanto que o ensino através da escrita havia se mostrado útil. Por esta razão, em 1889, o Governo ordenou que o ensino da “linguagem articulada” fosse feito apenas para os alunos que pudessem se beneficiar, a critério do professor e do diretor, sem que existisse prejuízo à instrução da linguagem escrita. O Dr. Vieira era um oralista fervoroso e, insatisfeito com a decisão pediu jubilação em 1890. Para o Dr. Tobias não se deveria adaptar o aluno ao método, mas o método ao aluno. (MOURA, 2000, p. 82).

Com tantas divergências e desentendimentos entre Tobias Leite e Menezes Vieira, no Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, Menezes Vieira fez uma dura crítica ao modelo de ensino aos alunos surdos, ou seja, qual seria a melhor forma de ensino, dizendo que “num país de analfabetos pouco adiantaria a alfabetização dos surdos” (SOUZA; SANTANA, 2012, p. 6).

Tobias Leite salientou que era desnecessário ficar na crença e descrença de qual seria a melhor maneira de instruir os alunos surdos e se posicionou perante o embate, afirmando que “a aula de leitura sobre os lábios e de linguagem articulada, não produziu nenhum resultado e que é mais uma das phantasmagorias para inglez ver” (CONGRESSO DE INSTRUÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1884).

Segundo as palavras do Diretor, o surdo-mudo é um cidadão apto para receber uma educação completa. Em gratidão, os alunos prepararam uma sessão de fotos e presentearam o diretor.

As imagens iconográficas, segundo Rocha (2008), são uma raridade que configura um rico patrimônio da memória não só da educação de surdos como de toda a educação brasileira.

Em contrapartida, “sabemos que as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fieis dos fatos” (KOSSOY, 2000, p. 23).

Mas cabe aqui destacar que as fotografias presenteadas ao diretor pelos alunos foram uma forma de gratidão para com Tobias Leite. Em uma das fotos, conforme registra a Figura 23, um dos alunos fez uma dedicatória por escrito na fotografia nas seguintes palavras: “A seu digno diretor o Ilmo. Tobias Leite gratidão do surdo mudo João”.

No que tange aos registros fotográficos ao longo da história, destacamos:

A fotografia foi marcada por polêmicas ligadas aos seus usos e funções. Ainda no século XIX, sua difusão provocou uma grande comoção no meio artístico, marcadamente naturalista, que via o papel da arte eclipsado pela fotografia, cuja plena capacidade de reproduzir o real, através de uma qualidade técnica irrepreensível, deixava em segundo plano qualquer tipo de pintura. (MAUAD, 1996)

A incorporação da fotografia nos documentos permite-nos compreender um pouco da história que está inculcada na história. Conforme mencionamos, a Figura 23 registra o carinho e a gratidão dos alunos para com o diretor Tobias Leite. De acordo com a Figura 23 foram oito alunos que homenagearam o diretor com fotos, em gratidão pela forma em que regia o Instituto com maestria.

Conforme os dias foram se passando, Tobias Leite aproveitou “o gozo da licença de 3 mezes” que lhe fora concedida, estava sem condições físicas de continuar seu trabalho, para tratar de sua saúde, e foi designado a fim de substituí-lo durante esse impedimento, o Dr. Pedro José de Almeida (LEITE, 1888).

Mais tarde, em 1869, o documento intitulado Instrução Pública registra a triste notícia de que Tobias Leite, no dia 3 de agosto do referido ano, aos 69 anos, havia falecido, vítima de miocardite. Consta também na referida Instrução que o estabelecimento sofrera uma lamentável perda na pessoa do Senhor Diretor Dr. Tobias Rabello Leite, dedicado funcionário na sua função.

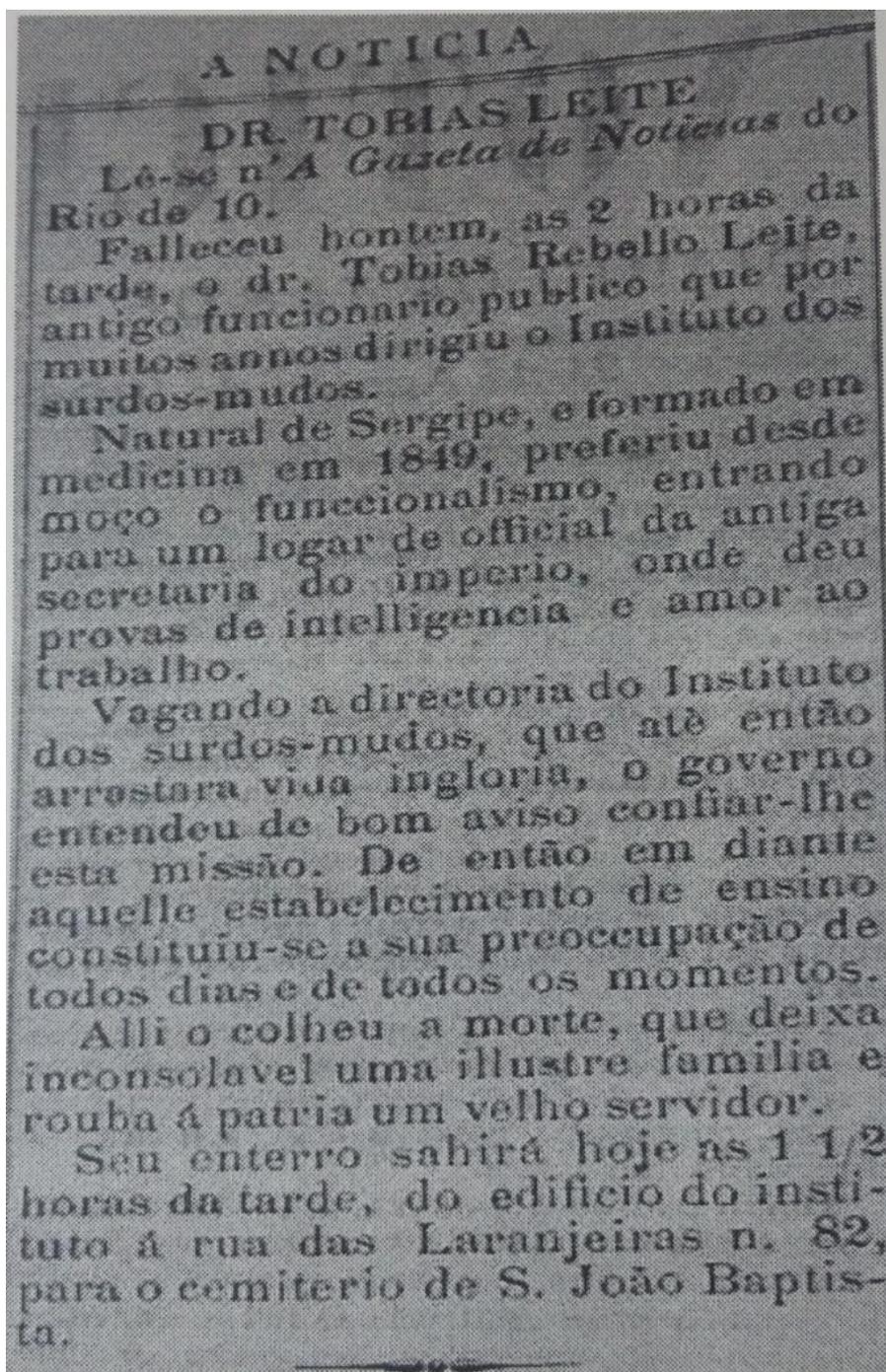
FIGURA 23 - Alunos surdos- sessão de fotos ao Diretor Tobias Leite - 1881



Fonte: ALMANAK LAEMMERT. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1881. Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ).

A notícia da morte de Tobias Leite foi publicada no Diário Oficial da República conforme registra a Figura 24.

FIGURA 24 - Necrológio de Tobias Rabello Leite em *A Notícia*, n. 135, 4 de agosto de 1896



Fonte: SOUZA, V. dos R. M. *Gênese da educação dos surdos em Aracaju*. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, 2007.p. 74. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/viewFile/2193/1864>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

Conforme registro na Figura 24, a morte de Tobias Rabello Leite causou tristeza nas províncias e na Corte no Rio de Janeiro. Segundo Souza, V. (2007), alguns biógrafos consignam o dia quatro como o dia do seu falecimento. Na verdade, ele faleceu no dia três e foi sepultado no dia quatro, conforme nota publicada na edição do Diário Oficial citada na nota anterior (SOUZA, V., 2007).

A preocupação de Tobias Leite em vida foi a de instruir os alunos surdos, e deixou claro, em seus relatórios, que o fim do Instituto não era o de formar homens de letras, mas que eles aprendessem a ler, escrever e resolver seus próprios negócios. Assim ele sustentou sua proposta da finalidade de abertura do Instituto, haja vista que Tobias Leite lutou bravamente pelo bem-estar dos alunos surdos, conforme registros anteriores discorridos neste texto. Pudemos notar que em alguns momentos Tobias Leite agia com mãos fortes, e em outros, perpetuava com mais leveza, equilíbrio e compreensão, em resumo, ele era flexível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da temática escolhida, procuramos delinear os fatos históricos que marcaram a gênese da educação dos surdos no Brasil. Percebe-se que é um campo de pesquisa em expansão e tem atraído pesquisadores que aos poucos vêm dialogando com a História e a Historiografia da Educação.

A História da Educação dos surdos por muito tempo ficou silenciada, não que ela não tenha acontecido, mas sim é que não houve diálogo entre pesquisadores nessa área. Depois de ter realizado este estudo sistemático, referente ao recorte temporal, que foi da fundação do Instituto, em 1856, até a gestão de Tobias Leite, em 1869, notamos a ausência das políticas públicas, que também deixaram de dialogar com a educação dos surdos.

Ao analisarmos a gênese da educação dos surdos, pudemos entender como se configurou sua educação, haja vista que, a princípio, no primeiro capítulo, o objetivo foi apresentar a história de fundação do Instituto de Educação de Surdos na cidade do Rio de Janeiro e compreender como aconteceu a instrução educativa dos alunos surdos.

Vimos, porém, que a luta que E. Huet, o precursor da história da educação dos surdos no Brasil, teve em oficializar o Estabelecimento como um Instituto não foi fácil. Conforme apresentado no decorrer deste trabalho, o envio de relatórios, a busca de donativos para que o Instituto pudesse permanecer de portas abertas, a luta e a permanência dos alunos no Instituto, cuja persistência que ele demonstrou reflete nos dias atuais.

De acordo com o mencionado nesta dissertação, a abertura do Instituto foi um projeto nacional que atendeu aos alunos que outrora eram rejeitados pela sociedade e até mesmo por suas famílias.

Os princípios norteadores do nascimento da educação dos surdos nos remetem ao segundo capítulo, que objetivou expressar como Tobias Leite apontou novos rumos para o Instituto, e, na medida do possível, buscou organizar o que estava fora do lugar. Foi um período que permitiu aos surdos sair da clausura do silêncio, pois, com a saída de Huet, o Instituto ficou à mercê da sorte; mas o trabalho que Tobias Leite desenvolveu por meio do assistencialismo permitiu um desempenho importante na educação dos surdos nesse cenário brasileiro.

Como visto no terceiro capítulo, marcos históricos registrados na educação dos surdos, como a materialidade escolar, as práticas pedagógicas e o primeiro dicionário com a iconografia dos sinais reproduzidos por Flausino José da Costa Gama, aluno do Instituto que se tornou Repetidor, por tudo isso, podemos afirmar que Tobias Leite foi uma figura

importante que contribuiu com o crescimento da língua de sinais no Instituto e proporcionou um grande avanço na aprendizagem dos sinais entre surdos e surdos, surdos e ouvintes.

O Congresso de Milão, que não contribuiu com a educação dos surdos, foi um período de cem anos de submissão imposta, período este que, conforme vimos no terceiro capítulo, tirou do surdo seu direito de ser surdo, impondo uma representação ouvintista fracassada, que diminuiu o surdo em seu processo de aprendizagem.

Ademais, como visto, o Congresso de 1880 tirou do surdo seus direitos linguísticos e de serem cidadãos. Os “oralistas”, apesar de tudo, ganharam forças para a implantação do método oral, porque também tiveram apoio e cumplicidade da medicina, conforme foi registrada no decorrer do texto, na incansável batalha que os médicos travavam pela cura do “ouvido que não tinha vida”.

Com essa dissertação de mestrado, esperamos ter contribuído com a historiografia da educação dos surdos. Por meio desta pesquisa, conseguimos levantar a trajetória do Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro na metade do século XIX no recorte temporal que escolhemos, de maneira que apuramos dados quantitativos de alunos internos e externos do referido Instituto.

Dentro do contexto, pesquisamos também os métodos de ensino, a materialidade escolar, como material didático utilizado pelos alunos e professores, o Compêndio, os mapas, e todo um conjunto de materiais que contribuiriam na aprendizagem dos alunos do Instituto, além do uniforme escolar, os horários rigorosamente controlados pelo diretor, o trabalho como ofício desenvolvido por eles sob a orientação de artistas contratados para o ensino e auxílio aos alunos na produção de trabalho artesanal e agrícola.

Destaca-se que mesmo com esta pesquisa que resultou em dissertação de mestrado, como mencionamos no início destas considerações, este é um estudo que está em expansão e ainda há carência de estudiosos pesquisadores para darem continuidade às pesquisas no que se refere à educação dos surdos.

É importante lembrar que, conforme os registros anteriores, os primeiros passos para a educação dos surdos foram focados na linguagem escrita; perpassaram pela linguagem articulada e leitura sobre os lábios; provaram do método oralista e, até ao final do nosso recorte temporal, perduram a linguagem escrita e a “linguagem dos sinais”.

Muito se espera que este estudo contribua com a história e historiografia da referida temática e que outros pesquisadores aprofundem questões aqui suscitadas.

REFERÊNCIAS

ACKERS, J. Os surdos e os benefícios do sistema “ALEMÃO” na vida posterior. Londres: Longmanns, Green & Co. Cloucester: E. Nest. 6. ed. In: CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880. **Atas...** Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos). Publicação sob a demanda.

ALMANAK LAEMMERT. Decreto nº 4.046, 19 de dezembro de 1867. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1867.

_____. Decreto nº 5.435, 15 de outubro de 1873. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1873.

_____. Instituto Imperial Surdo-Mudo de ambos os Sexos. **A Lei nº 939, de 26 de setembro de 1857**. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1857.

_____. **Relatório do Instituto Imperial Surdo-Mudo de ambos os Sexos**. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1858.

_____. **Relatório** do Ministério dos Negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1861.

_____. **Relatório**. Instituto Imperial Surdo-Mudo de ambos os Sexos. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1868.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1881.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>>

BASTOS, M. H. C. **Pró Pátria Laboremus**: Joaquim Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou O ofício do historiador**/ March Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2001.

BRASIL. Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. 2005. p. 28. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 26 jun. 2014.

CONGRESSO DE INSTRUÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Atas e pareceres**. Rio de Janeiro, 1884.

CONGRESSO DE MILÃO [DE] 1880. **Atas...** Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos).

CRATYLUS. **Platão. 360 a. C.** Traduzido por Benjamin Jowett. Nova York: Sons do C. Scribner, 1871.

DELGADO, C. Revista da FENEIS/Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 4, n. 13, jan./mar. 2002.

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa: espaço escolar e currículo. In: VIÑAO FRAGO. A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-58.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Rev. Brasileira de Educação**, n. 14, maio/jun./jul./ago. 2000.

FARIA ROSA, E. **Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas.** 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Revista Educação & Sociedade. Campinas, n. 79, p. 257- 272, Ago, 2002.

FONSECA, C. L. **O grupo escolar e a organização capitalista da escola.** 2004. Trabalho apresentado ao 3º Congresso Brasileiro de Educação, Curitiba, nov. 2004. Apoio financeiro de FAPEMIG/CNPq.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção tópicos).

_____. **Vigiar e punir** história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S.; DESBIENS, J.-F.; MALO, A.; SIMARD, D. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Tradução Francisco Pereira. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).

HUET, E. **Relatório aos membros da Comissão Diretora.** Rio de Janeiro, 1856.

_____. **Relatório para Dom Pedro II.** Rio de Janeiro, 22 jun. 1855.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, B. **Realidade e ficções na trama fotográfica.** 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: _____. **História e memória.** Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. p. 535-549.

LEITE, T. R. **Notícias do Instituto dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H., 1877.

_____. **Regimento interno do Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1877.

_____. **Relatório ao ministro José Bento da Cunha e Figueiredo**: apresentou na Assembleia Geral Legislativa. Rio de Janeiro, 3 fev. 1876.

_____. **Relatório**. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1882.

_____. **Relatório**. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1888.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1869.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1868.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1870.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1871.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1875.

_____. **Relatório**: negócios do Império. Rio de Janeiro: Livraria Universal, 1877.

LONZA, F. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

LULKIN, S. A. L. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 4. ed. atual. ortog. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografias e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MINIDICIONÁRIO prático: língua portuguesa: A/Z São Paulo: DCI, 2010.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NEVES, F. M. **O método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103191/neves_fm_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jun. 2015.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. 1992 (Texto Complementar: Disciplina Formação de Professores).

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Alfredo Veiga- Neto e Karla Saraiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 4. ed. atual. ortog. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PETTER, M.. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística: I-objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

PROST, A. Os fatos e a crítica histórica: as questões dos historiadores. In: _____. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 53-73; 75-91. (Coleção História e Historiografia),

RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. da S. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 575-588, jul./set. 2012. Disponível em: <<https://modafeevale.files.wordpress.com/2010/09/68730-a-moda-europeia-e-o-uniforme-escolar-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

ROCHA, S. M. **Antítese, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008. v. 1.

SÁ, N. R. L. de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EDUFF, 1999.

SABERES e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos. Coordenação Geral SEESP/MEC; organização: Maria Salete Fábio Aranha. Brasília, Ministério da Educação Especial, 2005. 96 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão).

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

SCHEMES. C.; ARAÚJO, D. C. de; THÖN. I. H. “Nem tão distantes”: relações entre o uniforme escolar e a moda europeia- um estudo de caso. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 10, ano 10, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

SILVA, K. N. da. **Criança calçada, criança sadia!**: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/pt-br.php>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. atual. ortog. Porto Alegre: Mediação, 2010. 192 p.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, R. F. **Alicerces da pátria: história da escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890- 1976)**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____. Inovações educacionais no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano 20, n. 51, nov. 2000.

SOUZA, V. dos R. M. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/viewFile/2193/1864>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

SOUZA, V. dos R. M.; SANTANA, J. S. de S. Joaquim Menezes e Tobias Rabelo Leite:médicos e professores (1875-1890). In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 6., 2012, São Cristovão. **Artigo...** São Cristovão, SE, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/166.pdf>. Acesso em: 7 out. 2014.

STROBEL, K. L. Os sobreviventes das políticas surdas: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos na educação. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Org.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba, PR: CRV, 2012. 281 p.

_____. **Vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

THOMPSON, E. P. Prefácio. In: _____. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9- 14.

VALDEMARIN, V. T. Ensino da leitura no método intuitivo: as palavras como unidade de compreensão e sentido. **Educar**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 18, p. 157-182, 2001.

_____. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. **Intermeio**. Campo Grande: Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 15, n. 29, p. 292-299, jan./jun. 2009.

VILHALVA, S. Anatomia do sentimento surdo. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Org.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

VIÑAO, A. História da educação e história cultural: possibilidades, problemas e questões. Tradução de Sérgio Castanho. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, set./dez. 1996.

WIKIA. **Uniforme do Colégio Pedro II: século XIX**. 2009. 400 × 355 pixels, tamanho: 39 KB, tipo MIME: image/jpeg. Disponível em: <http://ptr.pedrosegundo.wikia.com/wiki/Arquivo:Colegio_Pedro_II_-_1855.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2015

APÊNDICES

APÊNDICE A- Carta de apresentação para a pesquisa no Instituto Nacional de Educação de Surdos de 8 a 12/5/2014.

APÊNDICE B- Autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais e biográficos.

Autorizo à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) a utilizar,divulgar e reproduzir as imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material gravado, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e a divulgação de pesquisas em andamento e futuras que houverem relacionadas à história da Educação dos Surdos.

A UEMS poderá, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizados, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Nome: _____

RG: _____

CPF: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____.

_____ de _____ de 2015.

ANEXO

ANEXO A - Mapeamento da base documental sobre o INES 1855 a 1869

Tabela dos documentos lidos sobre o INES 1855 a 1869				
ANO	DOCUMENTO	ACERVO	LOCAL DE CONSULTA	OBSERVAÇÕES
1867	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 28 a 30) sobre o instituto e o número de alunos. Relatório traçando histórico da criação e funcionamento do instituto, observando leis vigentes, a nomeação de profissionais, indicando Dr. Tobias Rabello Leite (Chefe da seção da secretaria do estado) para fiscalizar o funcionamento do Instituto.
1867	Ministério do império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1867, apresentado em 1868 à Assembléia Geral Legislativa.
1867	Decreto nº 4.046, de 19 de Dezembro de 1867	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Art. 25 trata sobre os alunos que concluíram seus estudos, o governo decide seus destinos, caso não sejam empregados como repetidores, como forma de encaminhamento profissional aos alunos que concluíram seu ensino.

1868	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação dos profissionais (p. 89 e 90).
1868	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre o instituto e numero de alunos.
1868	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Apresenta o numero e naturalidade dos alunos. Além de informar que o prédio situado a rua das Laranjeiras foi tomada por arrendamento, tornando-se agora de propriedade particular do instituto.
1868	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Apresenta o trabalho iniciado a partir do Regulamento 4.046 de 19 de dezembro de 1867, na qual Tobias Leite assume como diretor, explana que anterior a sua gestão não havia, no instituto, uma lei orgânica ou regimento interno que definisse as funções, tendo recém se estabelecido e organizado esta parte iniciam as atividades do instituto. Destaque para a explicação das defasagens encontradas nos alunos devido ao fato de contar com apenas um professor para o ensino de 14 alunos com diferentes graus de adiantamento. E também a informação de contratação de novos profissionais além da preparação de terreno anexo ao instituto para entreter os alunos com a horticultura.
1868	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Tabela com informações sobre os alunos do Instituto datado de 04/04/1869. (A-D 7-9) Dados de parentesco, idade, naturalidade, causas da surdez,

				avaliação do desenvolvimento entre outras informações.
1868	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1868, apresentado em 1869 à Assembléia Geral Legislativa.
1869	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação de novos profissionais, entre eles, Dr. Tobias Rabello Leite como Diretor do Instituto. Informação adicional de que o Instituto foi reorganizado pelo Decreto nº 4.046, de 19 de Dezembro de 1867, cuja execução iniciou em 10 de agosto de 1868, nomeando novos profissionais entre eles o de articulação artificial. O ensino profissional por enquanto se foca na horticultura.
1869	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre o caráter profissional, que o instituto assume a partir de agora, sendo complementado com escola de aprendizagem, proporcionando aos alunos uma educação (prática e real) mais adequada.
1869	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar informando o andamento dos alunos, notificando sobre a conclusão com honras do ensino de três alunos (2 masculinos e 1 feminino). Anunciando a mudança para um novo espaço na Rua da Real Grandeza, deixando para o governo a decisão de rescindir contrato quando convier. O período de

				locação do lugar é por 6 anos.
1869	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1869 apresentado em 1870. Apresenta um conjunto de informações (A-F 4-1 a A-F 4-4) Destaque para a importância dos compêndios e livros franceses sobre o ensino de surdos, que por serem surdos brasileiros devem ser instruídos de acordo com os costumes do país.
1869	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Tabela com informações sobre os alunos do Instituto datado de 05/04/1870. (A-F 4-5) Dados de parentesco, idade, naturalidade, causas da surdez, avaliação do desenvolvimento entre outras informações.
1869	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1869, apresentado em 1870 à Assembléia Geral Legislativa.
1870	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Mantém-se a nomeação dos profissionais, e o endereço na Chácara das Laranjeiras.
1870	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre a nova fase em que se encontra o instituto, porém ainda carece de alterações no sistema de ensino e em meios que possa contribuir

				no desenvolvimento do estabelecimento. Fazendo um apresentação do número e naturalidade dos alunos (17 alunos).
1870	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 23 e 24) informando o andamento dos alunos, enfatizando a importância do ensino profissional. Aguardando para que o poder legislativo autorize a manutenção pelo governo. Trazendo um dado de 1392 surdos nas 15 províncias.
1870	Relatório do Comissário do Governo Manuel Francisco Correia ¹⁸ .	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1870 apresentado em 1871. Apresenta um conjunto de informações (A – E 2 -1 a A – E 2 - 2) sobre o andamento do instituto.
1870	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1870 apresentado em 1871. Apresenta um conjunto de informações (A – E 2 -3 a A – E 2 - 09) Destaque para os dados apresentados na pagina A-E2-4 sobre número de surdos por província somando 1392 surdos. Com relação a instrução há parecer de como os surdos estão aprendendo, registrando que a leitura

¹⁸ O nome do Comissário do Governo ora se apresentava Manuel Francisco Correi, ora Manuel Francisco Corrêa. Mas o primeiro nome é o que confere a assinatura do Comissário.

				sobre os lábios não é tão eficiente e não é a forma principal de aprendizagem dos surdos. Trazendo a importância do professor Repetidor na pessoa de Flausino José da Gama, que tem sido modelo e inspiração para os alunos do instituto.
1870	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Planilha dos alunos do Instituto, datado de 01/03/1871, (A-E2-10), com dados sobre idade, filiação, naturalidade etc.
1870	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1870, apresentado em 1871 à Assembléia Geral Legislativa.
1871	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação de profissionais, endereço Rua da Real Grandeza. Informa-se que o aluno Joaquim do Maranhão faz sapatos para outros alunos na oficina De sapateiro. Os alunos se envolvem com a horticultura de manhã e a tarde. Instituto fica aberto para visitação, todos os dias a qualquer hora. (p. 83 e 84)
1871	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 71 a 74)escrito por Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira sobre a situa�o do instituto com 19 alunos. Relata-se a precariedade e dificuldade do Estado em manter o instituto. Sugere-se que se faça melhoria no prédio. Apresentando um relatório (A – C)sobre como andam as condi�es dos

				<p>alunos e dos estabelecimento. Lembra que a Comissão Inspetora, após a fundação do instituto prometeu-se o auxilio e promoção para o desenvolvimento do Instituto. O Instituto que antes era estabelecimento particular, até 1861, passou a ser mantida pelos cofres públicos. Com a rescisão do contrato com E. Huet, sendo depois o Instituto administrado por outros mantendo seu funcionamento, no entanto o governo não mudou seu posicionamento quanto a forma de manutenção do Instituto. Marquez de Olinda, Presidente da Comissão Inspetora em officio ao governo pede que assuma o instituto, visto que da forma como estava não poderia dar continuidade em seus serviços. Assim o governo assume, mediante a formulação do regulamento provisório aprovado pelo Decreto 4.046/1867 que dava ao Instituto o caráter de estabelecimento publico. Dando a Dr. Tobias Rabello Leite a responsabilidade da Comissão de inspeção do instituto</p>
1871	Relatório do Comissário do Governo Manoel Francisco Corrêa	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1871 apresentado em 1872. Apresenta um conjunto de informações (A-C2-1 a A-C2- 2) sobre o andamento do instituto.

1871	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1871 apresentado em 1872. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-C2-2 a A-C 2- 12). Destaca-se da importância das províncias atenderem aos surdos, visto que é um direito constitucional, além do que há mais de dois mil surdos no país. Comparando-se aos Estados Unidos e Europa por onde as instituições vem tendo bom desenvolvimento e atenção por parte de seus governos. Traz relatos de outras províncias como São Paulo, Paraná, Minas e outros que enviaram dados com número significativo de sujeitos surdos sem instrução, podendo criar suas próprias instituições de ensino.
1871	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Planilha dos alunos do Instituto, datado de 26/02/1872, (A-C2-13), com dados sobre idade, filiação, naturalidade etc.
1871	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1871, apresentado em 1872 à Assembléia Geral Legislativa.
1872	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação de profissionais. (p. 85 e 86)
1872	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação Suplementar (p. 14 e 15) sobre o instituto número de alunos. Elogios a atual gestão que tem corrigido os abusos anteriores mantendo a ordem no

				estabelecimento.
1872	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (1A) com breve expressão de repúdio sobre a situação do estabelecimento, e que não há nenhuma esperança de progresso, se não for cumprido regulamento provisório.
1872	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (2A, p. 10 - 11) com número de alunos. Fazendo menção a urgência em organizar o instituto. Referência ao relatório do anexo C.
1872	Relatório do Comissário do Governo Manoel Francisco Corrêa	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1872 apresentado em 1873. (A-C3-1 a A-C3-2). Apresenta preocupação com os dois mil surdos existentes no império, e a situação destes sujeitos poderem ser atendidos em suas províncias. Visto que apenas uma instituição não atenderia a demanda. Registra a dificuldade de encontrar professores qualificados, tendo o instituto bons profissionais entre eles um repetidor surdo. Retoma-se a necessidade de construção de um novo prédio, visto que o aluguel é dispendioso.
1872	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1872 apresentado em 1873. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-C 3-2 a A-C 3- 7). Destaca-se a importância de maior divulgação da existência do instituto, visto que há um número considerável de surdos no país, no entanto, no instituto são poucos os que buscam o ensino, além de que a maioria dos surdos são provenientes de

				<p>família menos abastadas. O diretor comunica que vem fazendo sua parte na divulgação em todas as províncias, inclusive colocando que a instituição poderia ser visitada a qualquer dia e hora para desmentir os boatos de que os alunos eram destratados com serviços forçados, além de serem enviados ao serviço militar, a fim de tranquilizar as famílias da seriedade do estabelecimento. Faz-se um agradecimento ao Bispo do Rio Grande do Sul que diante do relatório exposto sobre o ensino no instituto, se colocou a disposição para ajudar nos custos com transporte para o deslocamento dos surdos daquela província até o instituto no Rio de Janeiro. O diretor expo que o relatório das atividades realizadas no instituto foram distribuídos juntamente com o compêndio de ensino de Língua Portuguesa escrito pelo Professor Vallade Gabel. Foram impressos 400 cópias deste material que foi distribuído por todo o império. Ficando alguns exemplares na instituição. Por falta de recursos não foi possível a impressão de mais exemplares. O diretor expõe que as dificuldades de trazer alunos para a instituição se deve a falta de recursos por parte das famílias, além de não ter quem acompanhe os alunos de suas residências até a Côrte. O pedido para que os Párocos tomem a frente de incentivar e persuadir as famílias. A preocupação para que os surdos sejam encaminhados ao instituto é que possam</p>
--	--	--	--	---

				ser educados para a sociedade e reduzir custos, visto que quanto mais surdos entram para a instituição, mais barato fica a educação de cada um.
1872	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Planilha dos alunos do Instituto, datado de 02/04/1873, (A-C 3-8), com dados sobre idade, filiação, naturalidade etc.
1872	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1872, apresentado em 1873 à Assembléia Geral Legislativa. [Para fins de referência]
1873	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação de profissionais. Livre visitação.
1873	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação Suplementar sobre o número de alunos. E solicita que seja autorizado o funcionamento do ensino profissional para tornar os surdos úteis a sociedade, garantindo seu futuro.
1873	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 63 – 64) menção ao decreto nº 5.435 de 15 de outubro de 1873, que deu nova e definitiva organização ao instituto. Oportunizando aptidão para o exercício da profissão industrial proporcionando meios de subsistência. Ensino profissional será em forma de oficinas, a disposição será pela capacidade física, vocação e

				<p>desejo das famílias. Registra-se o aguardo das maquinas e utensílios para o trabalho de encadernação de livros, mantém a sapataria. A educação literária fica a cargo das famílias abastadas, sendo a maioria dos surdos de famílias menos afortunadas, estas oficinas será a oportunidade de subsistência. Houve contratação de especialistas para o ensino destas funções. Novamente relata a carência de um prédio adequado para desenvolver tais atividades adequadamente. Registra-se a saída de seis alunos instruídos nas matérias ensinadas, dois em oficinas particulares, dois em agricultura e cinco alunos para atividades domésticas. Maiores informações no relatório do anexo C.</p>
1873	Relatório do Comissário do Governo Manoel Francisco Correia	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório de 1873 apresentado em 1874. (A-C2-1 a A-C2-2). Apresenta dados ainda sem conclusão, realizados pela Diretoria Geral de Estatística, sobre o total de aproximadamente 3.553 surdos distribuídos no município da Côrte e em mais 15 provincias. Tal número tende a aumentar com a conclusão da apuração da população nestes locais. Lamenta-se a falta de educação para estes surdos, trazendo a idéia de fundação de instituições nas provincias com maior número de surdos. Também destaca-se a necessidade de adequação do prédio para desenvolver os trabalhos. Informação sobre os benefícios conquistados pela reforma do instituto depois do</p>

				decreto de 15 de outubro.
1873	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1873 apresentado em 1874. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-C 2-3 a A-C 2- 8). Destaca-se os benefícios do regulamento de reforma do instituto. Também registra-se a saída de alguns alunos entre eles alguns não concluíram sua instrução literária, outros foram retirados para o trabalho na lavoura, dois saíram e foram empregados na Côrte para a função de sapateiro. Chama atenção para as alunas, que foram devolvidas aos familiares, pois 4 já tinham completado 14 anos, estavam longe de concluir sua instrução literária, mas já tinham adquirido algumas habilidades domésticas como coser, cozinhar, lavar e engomar. Sendo o prédio insuficiente para abrigar ambos os sexos, ficará restringida a matrícula para meninas surdas até que haja um prédio adequado. Questiona-se que utilidade terão as meninas depois de formadas no instituto, visto que diferente do Governo da França e da Alemanha onde a instrução as encaminha para as fabricas e no Brasil não há espaço de atuação para elas bem como não há pessoas idôneas que as acompanhem até a Côrte, assim não tendo espaço para abrigá-las o instituto passará atender somente meninos surdos. O diretor mostra-se indignado de que na própria Côrte as famílias desconhecem a existência do Instituto além de mesmo ao conhecer

				<p>não desejarem abrir mão dos serviços que seus filhos surdos lhe prestam seja na lavoura ou no cortiço. O Diretor pensa que poderia se recorrer aos agentes da autoridade pública e aos membros da associação promotora da Instrução para persuadir as famílias para matriculem as crianças surdas, visto que os párocos não se dignaram a realizar tal tarefa. Tal preocupação se dá pelo número significativo de surdos registrados pelos dados estatísticos. A exemplo da França, o diretor entende que a instrução para surdos não iguala, mas aproxima os surdos dos falantes.</p>
1873	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Planilha dos alunos do Instituto, datado de 09/03/1874, (A-C 2 -9), com dados sobre idade, filiação, naturalidade etc.
1873	Decreto nº 5.435, de 15 de Outubro de 1873	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Aprova o regulamento que reorganiza o instituto. Destaque para os art. 7 e 13 – 17 sobre o repetidor.
1873	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1873, apresentado em 1874 à Assembléia Geral Legislativa. [Para fins de referência]

1874	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeação de profissionais, Destaca-se que os repetidores, inspetor dos alunos e roupeiro moram no estabelecimento. Menção ao decreto nº 5.435 de 15 de outubro de 1873.
1874	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação Suplementar sobre quantidade dos alunos. E a urgência de se fazer cumprir a organização definitiva, pois enquanto provisória não há possibilidade de progresso.
1874	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 53 – 54) sobre a quantidade dos alunos. Relatando a chegada da maquina de encadernação que veio da França, necessita ser trocada por não ser indicada para os alunos trabalharem nela.
1874	Relatório do Comissário do Governo Manoel Francisco Correia	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1874 apresentado em 1875. (A-C2-1 a A-C2-3). Relata que o Brasil é possivelmente um dos países com maior número de surdos, assim entende-se a necessidade de fazê-los sujeitos úteis a sociedade. Recomenda-se que se descubra a origem do mal da surdez, para que se possa adotar medidas e evitar o aumento deste mal. Para que não haja aumento concomitante ao aumento da população. Assim busca-se encontrar a prevenção e se é possível fazer parar o aumento de surdos no país Se não for de causas naturais, é possível ter resultados animadores no futuro. Mesmo que se busque as razões, é fundamental pensar na instrução dos surdos, visto

				<p>que pode escrever se não falar, e há aqueles que podem estar se desenvolvendo por meio das oficinas oferecidas pelo instituto. O Comissário expõe sua tristeza diante da pouca publicidade feita sobre o instituto e considera fundamental o envolvimento dos presidentes de províncias para convencerem as famílias a trazerem os surdos para o instituto. Embora faça parte da Associação Promotora da Instrução, o comissário não acredita que vá melhorar a situação que se abate sobre o instituto. Necessitando de um prédio novo que atenda as necessidades dos alunos que lá estão abrigados, o comissário entende que é importante a aquisição de um prédio, visto que o aluguel do estabelecimento atual é oneroso para o governo, além de não ser adequado ao trabalho realizado pela instituição.</p>
1874	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório de 1843 apresentado em 1875. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-C 3 - 1 a A-C 3 - 6). Destaca-se que já foi oferecido 15 bolsas as famílias com surdos, mas não há qualquer intenção de levar os surdos ao Instituto. Não há crença dos números apresentados sobre a existência de surdos no país, além de não acreditarem que estes sujeitos podem ser instruídos. Apresenta um quadro estatístico (A – C -3 -2), realizado pela Repartição da estatística, do número de surdos encontrados nas províncias, embora o cálculo não tenha sido</p>

				concluído, em seis províncias somam mais surdos do que nos seis países da Europa, e dentro de pouco tempo a procriação de surdos poderá exceder a de falantes. Ainda não se sabe as causas congênitas da surdez, o que se conjectura é que a surdez possa estar ligada a hábitos da população campestre ou de repetidas uniões consanguíneas. Pelos registros de alunos, sendo sua maioria dos cortiços, onde há más condições de alimentação e higiene podem também ter relação com a surdez.
1874	Planilha dos alunos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Planilha dos alunos do Instituto, datado de 19/03/1875, (A-C 3 SN), com dados sobre idade, filiação, naturalidade etc.
1874	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1874, apresentado em 1875 à Assembléia Geral Legislativa.
1875	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	
1875	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeações dos profissionais do instituto e outras informações sobre visitação e profissionais que moram no instituto.
1875	Livro: Iconographia	INES	SALA DE PESQUISA DO	Informação Suplementar sobre os alunos e situação

	dos signaes dos surdos-mudos		INES	do instituto que permanecem as mesmas.
1876	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	O livro é um dicionário iconográfico com registro dos sinais utilizados na época, foi um importante meio de divulgação da língua de sinais. Idealizado e produzido por Flausino José da Costa Gama, que também exerceu a função de repetido no período de 1871 à 1878. Livro contém 55 páginas. Na página de apresentação do livro explana-se a função do repetidor.
1876	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Nomeações dos profissionais do instituto e outras informações sobre visitação e profissionais que moram no instituto. Informa que o instituto foi reorganizado e com o decreto nº 5.435/1873 todos os alunos são obrigados a aprender uma arte ou ofício.
1876	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação Suplementar (p. 26-27) sobre os alunos e situação do instituto que permanecem as mesmas. Retoma que já foi contratado um mestre para oficina de encadernação, mas a maquina não é adequada para os meninos, assim aguarda-se a troca.
1876 1-A ¹⁹	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar Registra-se que o imperador sempre se faz presente na cerimônia de distribuição de prêmios aos alunos, e em novembro de 1875 se

¹⁹ Neste ano houve dois relatórios 1-A e 2-A, no entanto não houve nenhum aditamento do instituto ao relatório A-2 ficando apenas o 1-A.

				<p>fez presente também a Princesa Isabel e Conde d'Eu. Neste ano também noticia-se a mudança do Instituto para a Rua das Laranjeiras onde se fez as reformas necessárias.</p>
1876	<p>DECRETO Nº 6.296, DE 23 DE AGOSTO DE 1876</p>	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório de 1875 - 1876 apresentado em 1876. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-D 3 - 1 a A-D 3 - 7). Destaca-se a presença da Princesa Imperial e do Conde d'Eu e com esta vista há prenúncios de melhoras do estabelecimento. O número de alunos chega a 30, embora seja pouco, o diretor constata que o desconhecimento, a distância e a pobreza são o maiores indicadores da falta de procura pela instituição. Assim, pensou-se na possibilidade de decretar o ensino obrigatório aos surdos. Porém, o diretor se opõe a esta medida, por ser o instituto o único estabelecimento a ofertar a educação para os surdos, assim não convém arrancá-los de suas famílias. Apresenta-se o mapa estatístico da quantidade de surdos no país (A-D3-2), verifica-se a ausência de algumas informações como a idade, causas da surdez, profissões, hábitos e costumes dos pais. Ressalta-se que as maiores ocorrências de surdez estão no Oeste e Sul do Império. Ressalta-se a importância do instituto na vida destes sujeitos, visto que os países civilizados vem oportunizando uma educação adequada, aproveitando para prepará-los para as indústrias que os contratam por serem</p>

				trabalhadores hábeis.
1876 1-A	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Suprime o lugar de Inspetor de alunos do Instituto dos Surdos, delegando a tarefa aos repetidores.
1876 2-A ²⁰	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1876, apresentado em 1877 à Assembléia Geral Legislativa. [Para fins de referência]
1877	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1876, apresentado em 1877 à Assembléia Geral Legislativa. [Para fins de referência]
1877	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição (p. 113 – 114). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. Destaca que a Caixa Econômica irá recolher metade da importância do trabalho feito para cada aluno que realiza as oficinas recebendo o capital e juros ao final da sua educação.
1877	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação do aumento de 35 alunos em 1875 agora estudam no Instituto 40 alunos. 27 meninos e 13 meninas.

²⁰ Não chegou a ser utilizado.

1877	Noticias do Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 86 – 87) registrando o encerramento do período com 33 alunos. Registra os benefícios alcançados com as duas oficinas (sapateiro e encadernação), e faz menção a aumentar a oferta de oficinas. Ressalta a importância do benefício concedido aos institutos de surdos e de cegos estabelecidos pelo Decreto legislativo nº 2.771 de 29 de setembro de 1877. O instituto recebeu duas coleções de vários objetos para compor o museu escolar. E registra-se a exoneração do repetidor Flausino José da Costa Gama em 9 de março de 1878.
1877	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	2ª edição composta por 89 páginas da Noticias sobre o instituto ²¹ tendo acrescido conselho aos pais e a leitura é para todos que tiverem interesse em conhecer o instituto. Anexados regulamento, regimento interno e programa de estudos do instituto (p. 31). E sobre os Repetidores (p. 36 e 61) [CÓPIA DIGITALIZADA]
1877	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1877 apresentado em abril de 1878. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-D 3 - 1 a A-D 3 - 6). Traz dados de que existem no Império 11.195 surdos. Atualmente no

²¹ A 1ª edição deste material foi impresso em 1876.

				<p>instituto estão matriculados 39 alunos. O diretor coloca que não cabe mais procurar as razões para surdez, sua função é instruir e preparar os sujeitos surdos, para serem hábeis trabalhadores e cidadãos úteis a si e as suas famílias. Apouca procura segue as mesmas suspeitas anteriores. Faz questionamentos severos ao sistema do império em despender tantos milhões em profissionais estrangeiros e não possibilitar a instrução elementar aos brasileiros especialmente aos surdos. Relata a grata satisfação em premiar os alunos que passaram pelos exames finais. Referindo que o instituto não busca a formação de homens de letras, mas homens com ofícios que possam se sustentar, tendo a instrução primária para se comunicarem por escrito.</p> <p>Exoneração de Flausino José da Costa Gama devido ao fato de ter enlouquecido. INSTRUÇÃO Coloca a importância de acrescentar ao ensino do Instituto cadeiras do 5º e 6º ano, a fim de dar tempo aos professores do 3º e 4º ano de trabalharem noções de direitos e deveres cívicos, visto que estes temas tem sido suscinto diante da necessidade dos alunos aprenderem a língua portuguesa, que para eles ocorre de forma lenta e dificilmente compreendida, especialmente para exprimir idéias. Menciona que atendida esta demanda, também deverá se contratar mais professores de linguagem escrita, ainda ressalta que muitos alegariam que os dois professores</p>
--	--	--	--	--

				<p>existente no instituto seriam suficientes para os 33 alunos, no entanto considera que pela diversidade de idades, inteligências, hábitos, os professores dedicam duas horas para cada aluno, visto que o ensino da linguagem escrita é diferente entre surdos e falantes. Informa que a cadeira de palavra articulada ainda não foi iniciada, pois nem todos os alunos podem tirar proveito deste tipo de instrução, além do que a contratação de um professor para esta cadeira seria um gasto que não atenderia a maioria dos alunos, bem como a necessidade de este professor se vier a ser contratado necessita habilitar-se nos institutos da Alemanha para adquirir aptidões descritas em relatórios anteriores</p>
1877	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório de 1877 apresentado em setembro de 1878. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-D 4 - 1 a A-D 4 - 2). Atendendo ao ofício de 19 de agosto de envio de relatório, o Diretor explana a situação financeira do instituto.</p>
1878	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório anual completo de 1877, apresentado em 1878 à Assembléia Geral Legislativa.</p> <p>[Para fins de referência]</p>
1878	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO	<p>Profissionais nomeados no instituto e demais informações referentes a horários de visita, oficinas.</p>

			INES	(p. 115 – 116)
1878	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 23 – 24) sobre situação de ensino e finanças do Instituto.
1878	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1878 apresentado em 1879. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A-B 1 - 1 a A-B1 - 8). Inicia o relatório anunciando que este é 12º apresentado ao Governo Imperial relatando que nestes 11 anos não obteve o sucesso esperado, atendendo apenas dezenas dos 12 mil surdos existentes no Império, mesmo diante da distribuição gratuita de mais de 20 mil exemplares de 10 diferentes livrinhos apresentando o método do ensino no instituto, além de recorrer aos jornais do império e das províncias, alega que tem feito de tudo para divulgar a existência e eficiência do instituto. Assim, entende que a pouca procura não se deve ao desconhecimento, mas a indiferença, compreendida como um sintoma das mais terríveis depressões do povo brasileiro.
1879	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição (p. 119 – 120). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. Destaca que a Caixa Econômica irá recolher metade da importância do trabalho feito para cada aluno que realiza as oficinas recebendo o capital e juros ao final

				da sua educação.
1879	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre número de alunos na instituição.
1879	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 54 – 55) Relata a quantidade de alunos, a visita do Imperador e destaca a implantação do Museu escolar que recebeu de doação do Imperador algumas coleções de modelos de transporte, instrumentos operários etc. Os alunos que saíram da instituição receberam suas cadernetas para receber capital e juros. Com o sucesso das oficinas pede-se mais maquinários de trabalho.
1879	Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite.	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de 1879 apresentado 1890. Relatório do Diretor em exercício Tobias Rabello Leite. (A- E 2 - 1 a A- E 2 - 8). Relata a passagem de 24 anos do instituto em três períodos: de 1856 a 1861 estava sob gestão particular; de 1861 a 1868 como estabelecimento sustentado pelo governo e de 1868 a 1879 como estabelecimento publico de educação. Deste períodos não há como julgar como foi o ensino no primeiro. Mas o 2º e o 3º estão descritos no relatório de 1868. No momento atual o instituto compõe-se de 30 alunos, sendo o mais velho com 17 anos e o mais novo com 10 anos. Critica a forma como a sociedade ignora o instituto, e declara que se o império pensa da mesma forma poderá realizar o fechamento e usar os recursos para projetos mais

				úteis. Tal evocação se deve ao dever constitucional que vem sendo negado a 12 mil surdos brasileiros, e chama atenção mais uma vez para o mapa estatístico apresentado em 1876. E conclui que outros países cuidam dos surdos com zelo.
1879	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1879, apresentado em 1880 à Assembléia Geral Legislativa.
1880	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição (p. 122 – 123). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. Destaca que a Caixa Econômica irá recolher metade da importância do trabalho feito para cada aluno que realiza as oficinas recebendo o capital e juros ao final da sua educação. Informa que encadernações e serviços de sapataria serão cobrados 30% mais baratos do que nas oficinas particulares. O museu escolar possui mais de três mil objetos para o ensino intuitivo.
1880	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre quantidade de alunos no instituto e situação financeira.
1881	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas, acrescida de que os alunos cultivam plantas.

1881	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informação suplementar sobre quantidade de alunos no instituto e situação financeira.
1881 1 - A	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 99 - 102) sobre a situação do instituto no período de 1880 e 1881. Salienta a importância de contratar um profissional para cadeira de ensino da palavra articulada, tal vaga ainda não foi preenchida, e pensou-se na possibilidade de enviar alguém para a Alemanha para se habilitar, mas devido a falta de recurso do instituto não há como prover tal formação. Pede-se que o Império possa disponibilizar tal recurso. Pensa-se em aumentar as oficinas ofertando carpintaria, marcenaria, correio e outros. Também propõe-se alterações de alguns artigos do regimento interno. Propõe algumas obras para o aumento do prédio, visando a melhoria e conservação das acomodações. Trata de exonerações e novas contratações e a licença de três meses concedida ao diretor Tobias Leite, por razões de saúde, substituindo o Dr. Pedro José de Almeida.
1881	Aviso de 5 de fevereiro de 1881 – Ministério dos Negócios do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Aprovação das alterações do Regimento Interno do instituto pelo Barão Homem de Mello. (A-E-1 a A-E-8).
1881 2 - A	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 37 - 38) sobre a situação do instituto e quantidade de alunos. Relata a viagem realizada pelo Dr. Joaquim José Menezes de Vieira,

				financiado pelo governo, para estudar os métodos empregados para o ensino da linguagem articulada nos Institutos de surdos da Alemanha, França e Itália, observando as praticas exercidas nestas instituições e assim habilitar-se convenientemente. Ausente de sua cadeira de linguagem escrita no instituto, fica em sua substituição José Rabello Leite Sobrinho. Também relata-se que foi autorizado a encomenda de instrumentos para a oficina de encadernação.
1881 1 - A	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1881, apresentado em 1882, publicado em 1888 à Assembléia Geral Legislativa.
1881 2 - A	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1881, apresentado em 1882 à Assembléia Geral Legislativa.
1881	Livro: Compêndio para o ensino dos surdos-mudos	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	O livro desenvolvido por Gabel, titulado “Lições de linguagem escripta – a parte theórica” foi traduzido por Tobias Leite e publicou 500 exemplares da primeira edição em 1871. A segunda edição titulada “Guia para professores primários” foi publicada em 1874.Em ambas publicações o diretor Tobias Leite acrescentou algumas lições realizadas no próprio instituto.Tal compêndio esclarece e orienta sobreo

				ensino para surdos.
1882	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição (p. 1271 – 1272). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1882	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 77 - 79) sobre número de alunos, destaque para o Dr. Joaquim José Menezes de Vieira, financiado pelo governo, para estudar os métodos empregados para o ensino da linguagem articulada na Europa. A cadeira de ensino articulado foi criado pelo decreto 5.435 de 15 de outubro de 1873. Resolveu-se que o instituto terá início a este ensino, seguindo alguns critérios, de que as aulas transcorrerão com no máximo dez alunos em condições de receber tal ensino. Para melhores resultados, deverão estes alunos passarem por forte vigilância, sendo separados do demais alunos, sem contato em dormitórios, refeições, oficinas, tendo estes alunos um inspetor especial. As aulas de linguagem escrita seguirão para os alunos não escolhidos para linguagem articulada. O Dr. Joaquim Vieira, rejeitou o donativo oferecido pelo governo, pois segundo ele, pretende empregar os métodos aprendidos com os alunos sem qualquer ônus. O curso normal proposto para o instituto, ainda não

				pode ser efetivado por falta de inscritos. E as oficinas de sapateiro, encadernação e escola agrícola seguem com sucesso. As obras solicitadas para ampliação do prédio também seguem sem problemas
1882	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1882, apresentado em 1883 à Assembléia Geral Legislativa.
1883	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição (p. 1367 – 1368). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1883	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 66 - 68) sobre número de alunos, destaque para o exame realizado com os alunos do ensino de linguagem articulada, ministrada pelo Dr. Joaquim José Menezes de Vieira, há urgência em reformar o regulamento do Instituto, no sentido de dar a este ensino o desenvolvimento necessário. Com relação ao fim das reformas no instituto, nota-se a falta de uma enfermaria isolada dos dormitórios. Ressalta-se que o instituto está provido de tudo para o ensino de métodos modernos.
1883	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Informativo (Palácio, 4 de janeiro de 1884) para concurso de professor para cadeira de ensino de linguagem escrita de 1º e 2º ano. Destaque para art. 2º em que só os repetidores poderão ser contratados

				sem concurso.
1883	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1883, apresentado em 1884 à Assembléia Geral Legislativa.
1884	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1884	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Relatório suplementar (p. 60 - 61) sobre o número de alunos e demais informações sobre as oficinas e premiações. Destaque que o professor de linguagem escrita de 1º e 2º ano que foi desabilitado, assim com a realização de novo concurso, não houve inscritos. Ressalta que foi nomeado por Portaria de 2 de junho de 1884, o professor Antonio Joaquim Moura Silva para reger esta cadeira. Para reger as cadeiras de matemática, geografia e história do Brasil, além da linguagem e escrita para o 3º e 4º ano nomea-se também o professor Joaquim Borges Carneiro. Relata também demais exonerações e contratações, sobre as reformas que cercaram o instituto com muros e grades.</p> <p>Ps. Antonio Joaquim Moura Silva</p>

1884	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1884, apresentado em 1885 à Assembléia Geral Legislativa.
1884	Relatório escrito pelo Dr. Joaquim José de Menezes Vieira para o Congresso de Instrução do Rio de Janeiro	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Documento sobre a 26ª questão (6 páginas) que trata sobre o melhor método de ensino para surdos no país. O Dr. Declara a importância do país estar oportunizando aos surdos brasileiros o mesmo que outros países como Alemanha, França, Estados Unidos já vem desenvolvendo com este método que atinge muito mais surdos do que o método combinado ou mímico. Inicia seu relatório apresentado dados de 364 instituições que educam 24.862 surdos disseminados no mundo (10.506 pelo método oral, 9887 pelo método combinado e apenas 1.574 pela mímica), faz um breve relato de que até a idade medieval estes sujeitos eram sacrificados. Coloca que a educação não é um capricho imperial, mas um dever imposto pelo pacto nacional. Coloca que o instituto criado pelo surdo belga Huet que não obteve sucesso em sua gestão. E só em 1862 que o colégio foi constituído pelo Ministro Olinda com uma organização oficial e ficou aos cuidados do Dr. Magalhães Couto que estudou em Paris e se instruiu para ensinar surdos. Com a gestão do Dr. Tobias Leite, iniciada em 1868, o instituto recuperou suas finanças e realizou muitas conquistas no estabelecimento, além de uma reputação inquestionável. Em 1873 com as reformas efetuadas,

				<p>o instituto entra numa nova fase em que se destrói radicalmente a crença de que a educação de surdos é uma obra de caridade e estabelece que estes sujeitos tem direitos iguais aos dos falantes. O instituto melhora a situação dos professores e cria o ensino profissional, e a oficina de encadernação deu ao instituto no período de 1881 e 1882 uma visibilidade positiva, visto que estava desacreditado, sendo julgado como estabelecimento inútil. A Tobias Leite todo o mérito pelo trabalho como diretor do instituto e que deve ser reconhecido pelo importantíssimo serviço à pátria. O Dr. Joaquim ressalta que em visita a outras instituições de surdos, nenhuma apresenta melhor organização de trabalho e finanças do que o instituto deste país. No entanto este instituto não poderia ser considerado como uma instituição modelo, pois segue o plano que regia o Instituto de Paris em 1868 que não oferecia uma educação completa, visto que o foco de ensino era na linguagem escrita e obedeceu a influência imitativa. Reservando, selecionando a linguagem articulatória para alguns e não para todos. Assim ressalta a importância de se ter um ensino completo aos surdos brasileiros, pois a leitura e a escrita de alguns surdos num país composto na sua maioria por analfabetos não tem valor. Assim é importante que os surdos possam usar uma linguagem articulada que seja compreendida por todos, como aspirava o venerado</p>
--	--	--	--	---

				<p>L'Épée. O aparelho auditivo não é o suficiente é preciso um trabalho visual e de tato para que os surdos desenvolvam a palavra articulada. Um trabalho que acompanhado ao aparelho traz significativos resultados, embora o timbre, a suavidade estará longe do que é o normal dos falantes. Tal técnica de fala é recomendada para a saúde e leitura sobre os lábios vantajosa, podendo ser educados derrubando os obstáculos sociais. Conclui que os surdo é um cidadão apto para receber uma educação completa.</p>
1884	<p>Relatório escrito pelo Dr. Tobias Rabello Leite para o Congresso de Instrução do Rio de Janeiro</p>	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	<p>Documento sobre a 26ª questão (6 páginas) Traz um relato sobre como os surdos estão sendo pensados no mundo, primeiro como obras de caridade, depois na Alemanha, Inglaterra e Países escandinavos, um olhar sociológico, na França e Italia numa perspectiva clerical e nos Estados Unidos como operários hábeis para o aumento da produção. O Brasil estaria entre o sociológico e a produção, assim é importante pensar sobre como estes sujeitos devem ser educados, visto que é um surdo para 836 falantes. O que somam em 11.595 surdos no país. Em seu relatório coloca que não se sabe da verdade sobre estes dados, visto que em contato com os párocos das províncias, tem se declarado não terem visto nenhum surdo, o que destoa do apontado pelos dados</p>

				<p>estatísticos. Assim, recomenda que antes de qualquer decisão do congresso sobre a educação de surdos, o Congresso deve começar pela veracidade do numero de surdos no Império. E os dados sobre a natureza da surdez, condições em que vivem estes sujeitos, devem ser considerados pela investigação. Ressalta que é preciso verificar algumas questões: 1ª) o fim da educação de surdos não é formar homens de letras, mas para a educação social, visto que muitos dos surdos são filhos de lavradores, operários. A formação profissional não impede que os mais favorecidos intelectualmente possam aprender e continuar seus estudos; 2ª) considera que o ensino profissional agrícola é o que mais convém aos surdos, atendendo a necessidade do país por trabalhadores agrícolas, hábeis e moralizados; 3ª) Criação de outras instituições em províncias que sejam confirmados a existência de surdos em bases estatísticas seguras e perfeitas; 4ª) por serpartidista Tobias Leite entende que a educação para os surdos devem ser mantidas pelos municípios, e os docentes sob a responsabilidade do estado. 5ª) os surdos devem receber uma educação como qualquer outro cidadão brasileiro. Considerando a dificuldade de comunicação, tem-se no ensino profissional voltado para os surdos homens, as surdas não tem recebido esta educação por não se achar depois de sua formação no estabelecimento utilidade para elas.</p>
--	--	--	--	---

				Assim, o parecer para o Congresso é de que deve-se buscar dados estatísticos verdadeiros sobre a existência de surdos no país, que o ensino deve ser o primário, que a escola agrícola deve ser priorizada, que o instituto da corte deve atender surdos do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e os municípios devem se encarregar da educação de surdos com auxílio do estado e das províncias. A educação de surdas deve ser dada por meio de livros elementares e em escolas femininas. O relatório se encerra com suplica de Tobias Leite que o Congresso se inspire ao olhar o quadro que apresenta outros países com muito mais estabelecimentos e surdos incluídos, um vexame que o Brasil não tenha tantas instituições quanto estes países.
1885	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. (p. 1278 – 1279). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1885	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar (p. 72 - 74) sobre número de alunos. Destaca que há 8 alunos nas aulas de ensino de linguagem articulada. O curso normal ainda não está em funcionamento devido a falta de inscritos. Três alunos saíram do instituto recebendo sua caderneta com capital e juros. Também ressalta que na escola agrícola, os alunos continuam a cultivar café, cana de açúcar, algodão e cereais. Informa o

				ocorrido de febre amarela na instituição, em que se suspendeu as aulas, e ao resolver as questões de higiene, o estabelecimento voltou a funcionar.
1885	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1885, apresentado em 1886 à Assembléia Geral Legislativa.
1886	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. (p. 1611 – 612). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1886	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório suplementar (p. 61 - 66). sobre número de alunos. Destaca que fechou os dez alunos para a turma de ensino da linguagem articulada. Na escola agrícola acrescentou-se a criação de abelhas. Com autorização do governo, o professor Dr. Joaquim José de Menezes Vieira fez o oferecimento de 25 exemplares da obra didática “A imagem e a Palavra” produzida por ele. Procedeu-se os trabalhos necessários para resolver os inconvenientes causados pela vala que cercava o instituto. Apresenta-se o mapa estatístico com um número de 11.594 surdos no Império. Subdivide-se tal população por homens e mulheres livres e escravos (p. 64) [RS com maior número de surdos]. Coloca que desde 1874 o instituto deixou de atender meninas surdas por falta de espaço adequado que separe devidamente os institutos mistos. No entanto, pede que o governo amplie o

				<p>instituto para educar as meninas no que concerne o ensino moral, intelectual e profissional, ou que crie uma instituição para estas alunas. Destaque para a discussão sobre o melhor método de ensino a adotar no país, visto que isso já ocorre em outros países, os métodos são: mímico, oral ou misto. Relata que o Dr. Joaquim José de Menezes Vieira que se habilitou para o ensino da linguagem articulada, solicitou a separação dos alunos selecionados para o método oral dos demais, no entanto não foi possível devido as dependências não estarem com repartições adequadas, assim o Dr. Declara não se responsabilizar pelos resultados e pede afastamento de suas funções. Apresenta-se um mapa sobre os resultados encontrados sobre o método defendido pelo Dr. Em outros países (p. 66). Nestes dados a maioria das instituições se utilizam do método oral, no entanto o Brasil não apresenta nenhum método.</p>
1886	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1886, apresentado em 1887 à Assembléia Geral Legislativa.
1887	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. (p. 1611 – 1612). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1887	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO	Relatório suplementar (p. 67 - 68) sobre o número de alunos, e comunica o fechamento do instituto para a

			INES	educação para atender aos doentes afetados pela epidemia de varíola na cidade. Neste ano não teve entrega solene da premiação, mas os alunos que se destacaram receberam seus prêmios. Informações obre as finanças do instituto. Por fim, o diretor está no aguardo sobre as questões levantadas no ultimo relatório sobre o ensino para meninas surdas e sobre o método de ensino.
1887	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1887, apresentado em 1888 à Assembléia Geral Legislativa.
1888	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. (p. 1619 – 1620). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1888	Suplemento	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório Suplementar sobre o número de alunos, funcionamento, informa a construção de uma sala para a enfermaria. Relata que a instituição necessita de algumas obras, que no momento não é viável por falta de recursos. Destaca que é necessário meios para poder admitir mais dez alunos e ter mais algum desenvolvimento no ensino agrícola.
1888	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório anual completo de 1888, apresentado em 1889 à Assembléia Geral Legislativa.
1888	Almanak do amigos dos surdos-mudos -	INES	SALA DE PESQUISA DO	Almanaque de propaganda (35 páginas) em favor de 12.520 brasileiros. [distribuição gratuita]. Apresenta

	1888		INES	<p>dados de surdos existente no Brasil. Também número de visitantes recebidos no Instituto desde 1857 até o presente ano (1888). Seguida de calendário com previsões lunares. E informativos de atividades desempenhadas por surdos. Apresentação de célebres surdos nas letras, na pintura etc. Aclamação a vista de Dom Pedro II para voltar ao instituto. Destaque para frase de L'Epée (vide calendário de março e abril). Biografia de Tobias Leite. Regulamento e regimento interno do instituto. Onde constam alguns artigos. Destaque para as penalidade aos alunos que faltarem aos seus deveres ou maltratarem seus colegas. Menções aos repetidores de linguagem escrita, matemática, geografia e história, sendo estes nomeados por concurso.orientações ao professor que realiza o exercício de desmutisação. Notícias da imprensa sobre o método oral utilizado no instituto, com pequenos relatos de fatos ocorridos na presença do imperador entre outros com honras ao Dr. Joaquim Vieira. Em visita ao instituto em 1885, este Dr. Deu ao Imperador Regente o exemplar de número 1000 do livro "Ensino prático da língua materna" escrita pelo próprio Dr. A imprensa, na pessoa de Julio Dast, noticia a pressão de Dr. Joaquim Vieira sobre um posicionamento do Ministro do Império que prometeu conceder ao instituto a regularização do ensino da palavra artificial. O Dr. Pede que se faça a regularização,</p>
--	------	--	------	--

				<p>visto que ainda se emprega no instituto a linguagem mímica e da escrita, meio antigo e inadequado aos alunos surdos, e estas práticas prejudicam o seu trabalho, pois é inadmissível e não podem ocorrer simultaneamente como vem ocorrendo, mas para que o ensino na linguagem artificial tenha êxito se faz necessário a nomeação de um repetidor. O Imperador chama a atenção do Ministro do Império para resolver tal situação. O Conselheiro Barão de Mamoré cumpre com a promessa feita ao Dr. Joaquim Vieira e nomeia o Repetidor da aula de linguagem articulada Sr. Benedicto Sidou. Faz-se o relato das decisões sobre o método oral em Congressos como o de professores de surdos-mudos em Bruxelas e o de Milão. Destaca-se que a Alemanha foi o primeiro país a empregar tal método. Referenciando Heinicke. Menciona também o instituto da França, em que se critica L'Epée por acreditar que o método oral é impraticável a todos os surdos. O Almanake apresenta também os relatórios do Ministério do Império e do Barão de Mamoré sobre o método oral, ambos aprovando tal método. Apresenta algumas bibliografias com resumos escritos em francês. Mostra-se a rotina dos alunos. Uma nota sobre a invenção americana de uma máquina barulhenta para despertar os surdos em caso de incêndio. Encerra-se o documento com informações financeiras e de organização do</p>
--	--	--	--	--

				instituto.
1889	Ministério do Império	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Composição da Instituição. (p. 1618 – 1619). Estabelece os horários das aulas literárias, oficina e missa. E demais informações permanecem as mesmas.
1890 - 1895	Não encontrado	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	
1896	Fim da gestão de Tobias Leite	INES	SALA DE PESQUISA DO INES	Relatório de A. J. Moura e Silva sobre sua visita ao Instituto de Paris. [material não encontrado]
		INES	SALA DE PESQUISA DO INES	